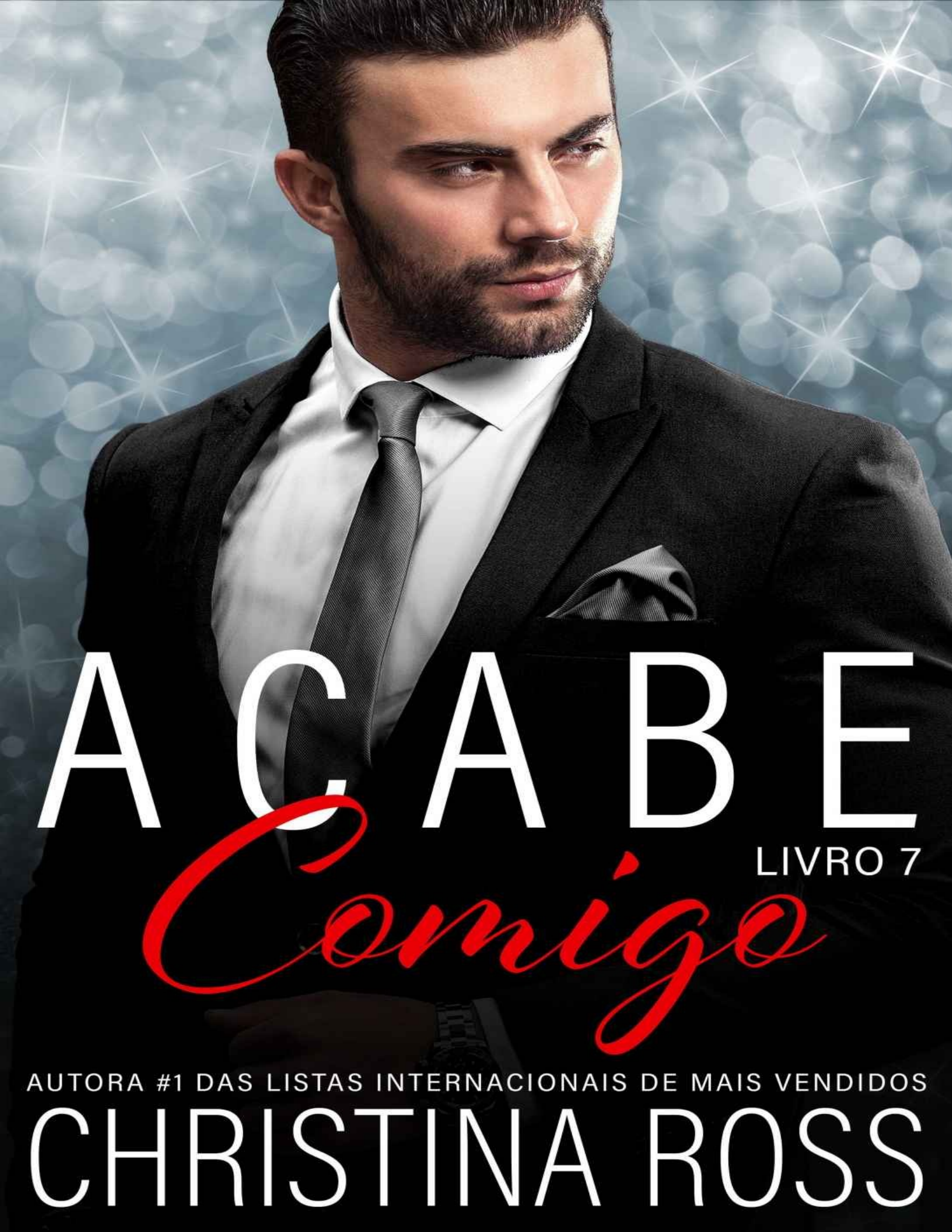




ACABE

LIVRO 7

Conigo

AUTORA #1 DAS LISTAS INTERNACIONAIS DE MAIS VENDIDOS

CHRISTINA ROSS



ACABE COMIGO, VOL. 7

DE

CHRISTINA ROSS



A série *Acabe Comigo* continua com *Acabe Comigo, Vol. 7*. Acabe Comigo 6-8 pode ser lida separadamente, como uma extensão da série Acabe Comigo 1 - Edição de Natal, mas você verá que a experiência é drasticamente mais profunda se também ler Liberte-me, Volumes 1-3, pois é nesta série que Alex e Jennifer se casam. Você encontrará os links para esses livros aqui:

Liberte-me, Volume 1: <https://amzn.to/2qzIwNn>

Liberte-me, Volume 2: <https://amzn.to/2qUwX59>

Liberte-me, Volume 3: <https://amzn.to/2vHvFPR>

A série Liberte-me conta a história de Lisa e Tank, mas também inclui Jennifer, Alex, Blackwell e muitos outros personagens da série Acabe Comigo. Espero que você a leia!

Acabe Comigo, Volumes 6-8 é novamente sobre o relacionamento de Jennifer e Alex.

LIVROS DE CHRISTINA ROSS NO KINDLE

CHANCE

[ACABE COMIGO, LIVRO 1](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 2](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 3](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 4](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 5](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 1](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 2](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 3](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 6](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 7](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 8](#)

Aos meus queridos amigos.

À minha família.

E especialmente aos meus leitores, que são o mundo para mim.

Obrigada por seguirem a história de Jennifer e Alex em sua mais nova aventura.

Direitos Autorais e Aviso Legal: esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviços, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de nenhum desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2018.

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência. Copyright © 2018 Christina Ross. Todos os direitos reservados no mundo todo.

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Lista de distribuição/Página do Facebook](#)

[Livros de Christina Ross](#)

ACABE COMIGO, VOL. 7

de

Christina Ross

SEMANA 1

CAPÍTULO 1

**Em algum lugar perto de Manila
Maio**

Quando acordei, eu não tinha consciência de quanto tempo se passara desde que ficara inconsciente... e quase chegara à luz branca reconfortante que brilhava à minha frente. Eu chegara perto de ir até aquela luz, mas, por causa de Alex e dos meus amigos, afastara-me dela antes que me envolvesse completamente.

Ao recuperar a consciência, ouvi gritos e senti o cheiro quente e inconfundível de fumaça.

E depois a voz de um homem.

— Jennifer, acorde. O avião está em chamas. Precisamos tirar você daqui antes que o outro motor exploda, o que poderá acontecer a qualquer momento.

Minha cabeça ainda estava enevoada e os olhos fechados quando eu disse: — Meu bebê. Acho que perdi o meu bebê...

— Não sei de nada sobre uma criança. Mas, se está grávida, o que precisamos fazer é salvar a vida de vocês dois e sair daqui antes que seja tarde demais. Pegue minha mão.

Abri os olhos e vi Cutter parado à minha frente. Cutter, belo e gentil. Não era Alex. Não era Tank. E certamente não era Max, que eu sabia que fora arrancado para longe, juntamente com os pilotos e Amy, quando o raio atingira o avião e acontecera o desastre. A ideia de que cinco pessoas tinham morrido antes de cairmos era inimaginável. Eu ainda conseguia ver a parte da frente do avião sendo rasgada e voando para longe, como se tivesse sido jogada.

Como se não importasse.

— Onde está Alex?

— Do lado de fora.

— Ele está vivo?

— Há complicações.

Arregalei os olhos quando ouvi aquelas palavras. — Que complicações?

— Tank está cuidando delas agora.

— O que quer dizer com isso?

— Jennifer, você precisa me ouvir... por favor. Precisamos tirar você deste avião agora.

Olhei em volta e vi, na neblina, um holocausto. Eu não queria perguntar qual era a gravidade da situação porque tinha medo de saber. Eu estava com muito medo de saber. Alguém mais morreria? Se sim, eu não conseguiria aguentar.

Ainda assim, havia uma parte de mim que precisava saber. — Onde está Lisa? — perguntei.

— Tank já a levou para fora.

— Ela está viva?

— Não sei. Acabamos de bater no chão, Jennifer. Sei que você está abalada e tonta por causa da batida na cabeça, e sei que está preocupada, mas preciso que pare de fazer perguntas. Preciso chegar a Blackwell e Alexa antes que seja tarde demais. E há alguns itens neste avião que Tank e eu precisamos pegar antes que ele exploda, o que poderá acontecer a qualquer momento. Preciso que me ajude. Pode fazer isso? Sim? Ótimo. Segure meu braço. Isso mesmo. Agora, vou pegar você no colo. Viu? Não foi tão difícil, foi? Vou levar você para fora, para longe do avião.

Deixei que ele me pegasse nos braços, o que doeu tanto que senti cólicas novamente. — Estou perdendo meu bebê.

— Se está carregando um filho, precisa saber que sou um médico treinado. Tank também. Até onde for possível, descobriremos se ainda está grávida... mas mais tarde.

— Onde estamos?

— Não faço a menor ideia. Estamos em uma ilha. Vamos, segure firme. Isso mesmo, ótimo. Vamos passar pela parte da frente do avião.

— Que som é esse?

— O motor. Está acelerando e aquecendo. Logo, ele vai explodir. Preciso levar você para fora imediatamente para que eu possa voltar e buscar Blackwell e Alexa antes que seja tarde demais.

— Leve-as primeiro.

— Nem pensar. O protocolo é que você sai logo depois de Alex. Tank levou

Lisa, mas nós dois sabemos o motivo. Eles estão noivos.

Quando passamos por Blackwell e Alexa, vi que as duas estavam cheias de sangue, inconscientes ou mortas.

— Barbara! — gritei ao passarmos por ela. — Alexa!

Nenhuma das duas respondeu nem se moveu.

— Meu Deus — disse eu. — Elas estão cobertas de sangue. Você precisa salvá-las.

— É o que pretendo. Agora, escute bem — disse ele baixinho ao nos aproximarmos da parte da frente arruinada do avião. — Está chovendo forte lá fora. Mas há uma cobertura logo depois da praia, na floresta. Vou colocar você perto de Alex e Lisa, e depois Tank e eu cuidaremos do resto. Preciso que fique calma agora. Preciso que faça exatamente o que eu disser. Não podemos perder os outros nem os suprimentos que podemos recuperar antes que o avião exploda.

Eu ainda sentia cólicas, mas lutei contra a dor da melhor forma possível. — Entendido — respondi.

— Segure-se em mim.

Andamos na direção da boca aberta do avião, que me recebeu com um conjunto de dentes de aço ameaçadores ao passarmos pela abertura. Em seguida, Cutter saltou para o chão.

Senti um solavanco e, pela neblina que me envolvera, percebi que estava sendo levada sob a chuva até uma floresta tropical logo depois da praia. E foi onde encontrei Alex e Lisa.

Sem camisa, por algum motivo que não consegui entender, Tank estava ao lado de Alex, administrando a ressuscitação cardiopulmonar. Ele bateu com os punhos no peito de Alex e disse: — Vamos, Alex!

Daniella estava ajoelhada ao lado de Lisa, falando baixinho em seu ouvido e massageando seus ombros, braços e pernas.

— Não morra — disse ela. — Por favor, não morra. Lisa, você precisa me escutar. Ouça minha voz. Volte para mim!

Atordoada, olhei para Lisa, cuja mão esquerda pareceu levantar e cair novamente. Ela alternava entre períodos de inconsciência, mas estava viva. Eu queria ir até ela, mas não tinha forças. Estava sentindo-me pesada, inútil. Fiquei deitada na areia, incapaz de me mover. Virei para observar Tank tentando trazer meu marido de volta à vida.

— Respire! — gritou ele.

Pelo canto do olho, vi Cutter correr em direção ao avião.

— Respire! — disse Tank novamente.

Mas Alex ficou deitado, quase tão branco quanto a camisa de Tank, que estava molhada por causa da chuva e enrolada no pescoço dele. Por que ela estava lá?

Por que estava coberta de sangue? E foi quando eu me lembrei. Na queda, alguma coisa atingira o pescoço de Alex. Ele estava sangrando muito quando desmaiei. Em algum momento, o coração dele devia ter parado. Ele perdera tanto sangue assim? Provavelmente perdera.

O medo de perdê-lo me deu a injeção de adrenalina de que eu precisava.

Com esforço, rastejei na direção deles. A dor que senti foi quase insuportável, mas continuei, determinada a ficar ao lado do meu marido e ajudar a trazê-lo de volta. Vi quando Tank segurou o nariz de Alex, colocou a boca sobre a dele, soltou o ar e voltou a pressionar seu peito. Quando cheguei mais perto, a voz de Tank foi quase um latido.

— Jennifer, fique afastada.

— Deixe-me falar com ele — disse eu. — Deixe que ele ouça a minha voz. Ele precisa me ouvir agora. Ele precisa saber que estou viva e que há algo pelo que lutar.

Enquanto massageava o peito do meu marido com os punhos cerrados, Tank olhou rapidamente para mim. — Você precisa ficar fora do caminho se quer que ele viva.

— Ele está respirando?

— Ainda não.

— Alex! — gritei perto do ouvido dele. — É Jennifer! É sua esposa! Por favor, lute por nós! Lute por si mesmo e por nosso filho!

Ao me ouvir dizer aquilo, os olhos de Tank se viraram surpresos para mim antes que ele continuasse a trabalhar.

Ver Alex deitado lá enquanto Tank se esforçava para trazê-lo de volta à vida foi demais para mim. Eu queria ser forte, mas comecei a soluçar. — Não consigo continuar sem você — disse eu. — Eu amo você demais. Você não pode partir agora. Ainda não é hora. Solte o que está mantendo você longe. Afaste-se da luz, como eu fiz. É possível. Estou aqui para lhe dizer que é possível. E que eu amo você. Estou lutando por você e por nosso filho. Agora, faça o mesmo por nós, Alex! Por favor! Respire por nós, pelo amor de Deus!

Atrás de mim, ouvi um barulho súbito de passos. Virei-me e vi que Cutter tinha acabado de colocar Blackwell e Alexa no chão. Ele fez aquilo com tanta facilidade que elas pareciam bonecas de pano. Ele devia ter carregado cada uma em um ombro. Olhei para o avião destruído e vi que havia nuvens de fumaça preta misturando-se com a chuva. Pior ainda, o motor começara a fazer um ruído estridente, alto o suficiente para me assustar.

— Mamãe! — gritou Daniella ao vê-las. — Alexa!

— Vou voltar para pegar suprimentos — disse Cutter a Tank.

— Não... é tarde demais. Escute o motor, ele vai explodir.

— Dá tempo — disse ele.

— Não, não dá! Tudo de que precisamos para sobreviver está na ilha, você sabe disso! Nosso treinamento nos ensinou isso.

Mas Cutter ignorou o chefe e partiu novamente, afastando-se na direção do avião sob a chuva intensa.

Olhei para Blackwell e Alexa... que estavam mortas ou inconscientes. Eu não sabia, mas, diferentemente de Lisa, nenhuma das duas parecia estar respirando. Estavam imóveis. O peito de Lisa subia e descia, mas não eu conseguia ver se o peito delas se movia. Pareciam completamente imóveis para mim.

Pareciam mortas.

Naquele momento, Tank bateu no peito de Alex com tanta força que ele inalou com força e saltou para ficar sentado. Os olhos dele se abriram como se tivesse levado um choque. Ele inspirou novamente, olhou para Tank e para mim como se não soubesse quem éramos, e caiu de novo sobre a areia.

— Alex! — disse eu.

Ele olhou para Tank, que o observava de forma interrogativa, e teve um ataque de tosse. Finalmente, ele se virou para mim. Quando me viu, a cor voltou ao seu rosto. Peguei a mão dele e apertei-a com força.

— Fique de olho nele — disse Tank. — Ele está com um corte no pescoço. Não é profundo, não cortou a traqueia, o que é ótimo. Mas abriu um vaso e ele precisa tentar não tossir para não piorar o sangramento. Mantenha-o calmo. Se tivermos sorte, Cutter encontrará medicamentos no avião para tratar uma possível infecção. Cutter sabe onde tudo está. Portanto, vamos torcer para que ele volte antes que o avião exploda. — Ele se levantou. — Vou cuidar de Blackwell e Alexa. Deixe-me ver se elas estão bem.

— Tank — disse eu. — Ouça o motor.

— Eu disse a Cutter para não ir, mas ele tomou a decisão por conta própria. Por todos nós, vamos torcer para que tenha sido a decisão certa.

Em seguida, ele se virou e correu para ajudar Blackwell e Alexa, que ainda não tinham se mexido.

CAPÍTULO 2

— Alex — disse eu ao chegar mais perto dele. — Consegue me ouvir? Consegue falar?

Ele apertou minha mão, mas não disse nada. Eu não sabia se ele conseguia me ouvir claramente. Seus olhos estavam abertos, fixos nas árvores que balançavam com o vento acima de nós. A pele e as roupas dele estavam encharcadas e pareceu-me que a mancha de sangue em seu pescoço se espalhava na camisa de Tank, o que me deixou muito preocupada.

— Na verdade, não fale — disse eu. — Você tem um corte no pescoço.

— Estou aqui — disse ele com a voz tão rouca que mal a reconheci. — Mas não sei por quanto tempo. Eu amo você, Jennifer. Sinto muito.

— Você consegue superar. Está me ouvindo? Você vai conseguir.

— Não quero morrer.

— Então não morra. Não, se me ama. Não ouse morrer.

Ele respirou fundo e fechou os olhos. — Então não vou morrer. Vou lutar.

— É isso que eu quero ouvir.

— Nosso bebê — disse ele. — Nós o perdemos?

A pergunta me cortou como uma lâmina quente. Eu não sabia se perdera o bebê, mas, no meu coração, parecia que sim, o que me deixou arrasada.

Ainda assim, naquele momento, eu precisava dar esperança àquele homem. Não falei sobre as cólicas fortes que sentira depois da queda do avião e que ainda sentia, mas mais brandas. — Precisamos torcer pelo melhor — disse eu. — Precisamos rezar pelo nosso filho. Precisamos estar bem e saudáveis para protegê-lo. Então, chega de falar. Precisamos poupar nossas forças. Tank está ajudando Barbara e Alexa. Cutter está tentando tirar os suprimentos do avião antes que ele exploda. É só o que você precisa saber. Há uma caixa preta no avião que nos salvará. Ela está enviando sinais, avisando que o avião caiu e onde ele caiu. Você sabe disso. A ajuda está a caminho. Portanto, descanse. Não diga mais nada.

Não que ele fosse dizer. Com a mão ainda segurando a minha, Alex desfaleceu... mas ainda estava lá. Eu conseguia sentir sua pulsação na minha mão. Inclinei-me, beijei-o nos lábios e disse a ele que o amava. Em seguida, levantei-me e olhei em volta.

Era dia, mas, por causa da tempestade, o céu estava escuro. O oceano ficava à

direita e o avião, uma carcaça amassada, à esquerda. Consegui ver o rastro longo e profundo na terra onde ele caíra e que levava diretamente à floresta que fizera com que parasse. Apesar de estarmos abrigados, boa parte da chuva ainda caía sobre nós, mas, pelo menos, era quente. Ergui a mão sobre os olhos e olhei para a parte de trás do avião, que perdera a asa direita no início da praia. A asa esquerda estava intacta, mas o motor ainda estava funcionando, soltando fumaça e emitindo um ruído estridente, como se fosse uma maldição.

Rezei por Cutter naquele momento. Fechei os olhos com força e rezei para que ele saísse do avião ileso e voltasse para nós.

— O que acontecerá conosco? — perguntou Daniella. — O que acontecerá com mamãe? Com Alexa?

Ela estava à minha direita, logo atrás de Alex. Quando me virei para ela, vi que segurava a cabeça de Lisa no colo.

— Como ela está? — perguntei.

— Está respirando. Acho que ela ficará bem. Acabou de se mexer há pouco. Mas e mamãe e Alexa? Elas não estão se mexendo, Jennifer. Tank está com elas há cinco minutos. Por que elas não acordaram?

— Só o que podemos fazer é rezar para que acordem, Daniella. Foi um acidente muito grave. Vi alguma coisa atingir a cabeça de sua mãe quando estávamos caindo e ela pode estar apenas inconsciente. Portanto, reze comigo. Reze para que, de alguma forma, todos nós consigamos escapar desta. Tank está fazendo o possível. Ele é treinado para este tipo de situação. Você está bem?

— Minha cabeça dói.

— E sua visão?

— Clara como o tempo.

O sarcasmo dela me disse tudo de que eu precisava saber sobre Daniella. Era uma das que tivera sorte. Pelo menos por enquanto, ela sobreviveria. Olhei para Tank, que estava ajoelhado entre Blackwell e Alexa. Sem a camisa, as costas dele brilhavam sob a chuva. Ele não parecia estar fazendo nada para ajudá-las, o que me deixou assustada.

— Elas estão bem? — perguntei a ele.

Antes que ele pudesse responder, ouvimos um barulho alto na floresta atrás de nós. Imediatamente, Tank se levantou e virou-se para o som.

— Que diabos foi aquilo? — perguntou Daniella.

— Silêncio — sussurrou Tank. Ele olhou em volta, encontrou um galho pesado perto de Alexa e pegou-o. O tronco devia ter quase um metro e meio de comprimento, mas ele o pegou com muita facilidade, como se não pesasse nada. Rapidamente, ele arrancou os gravetos menores como se fossem palitos de fósforo, deixando o galho parecido com um taco.

Uma arma...

Ele ficou completamente imóvel, escutando além dos sons estridentes do motor do avião, para ver o que a floresta tinha a dizer. O olhar no rosto dele era de muita concentração. Parecia que ele estava preparando-se para uma luta. O que diabos estava perto de nós? Havia pessoas naquela ilha? Era algum animal?

Minha resposta veio quando algo começou a correr na nossa direção, soltando um grito feroz.

CAPÍTULO 3

— Eles estão a cerca de quinze metros — disse Tank baixinho. — Não façam nada. Não se mexam. Não façam nada ameaçador. Se for preciso, escolherei esse momento. Estamos em uma área aberta, o que é uma vantagem. Quando eles se mostrarem, não se sentirão encurralados. Podem estar apenas curiosos.

— Quem são "eles"? — perguntou Daniella.

— Porcos selvagens. Há vários deles. Provavelmente uma mãe com alguns jovens que estavam procurando comida quando o avião caiu. Há uma boa chance de haver um macho adulto com eles, mas são tímidos. A mãe é diferente, ela lutará se for preciso. Pior ainda, os jovens serão mais agressivos do que ela porque não sabem o que fazer. Eles nos ouviram cair, sentiram nosso cheiro e agora querem saber com o que estão lidando. A pergunta é se estão com fome. O que vocês precisam saber é que eles não enxergam bem, o que não é bom para nós.

— Por quê? — perguntei.

— Porque, até estarem perto de nós, não saberão o que ou quem estão enfrentando. Preciso que todos saibam que a mordida deles pode ser fatal. Se eles se sentirem ameaçados, erguerão os pelos, o que é uma boa indicação de que estão prestes a atacar.

Alexa começou a gemer.

— Alexa — disse eu baixinho. — Ela está viva.

— E prestes a nos entregar — retrucou Daniella.

Com uma agilidade que eu nunca vira nele antes, Tank se abaixou ao lado de Alexa, sacudiu seu ombro gentilmente e capturou seu olhar. Ele disse algo no ouvido dela e levantou-se novamente, desta vez com o dedo sobre os lábios. Olhei em volta à procura de Cutter e vi que ele saíra do avião, levando caixas de suprimentos até a praia. Ele não tinha ideia do que acontecia conosco no momento e eu não ia chamá-lo, pois acabaria atraindo os animais. Tank conseguiria lidar com a situação. Vi Cutter soltar outra caixa e correr novamente para o avião. Torci para que ele parasse antes que o avião explodisse.

Se ele explodisse...

Se não explodisse, ou se o motor simplesmente desligasse, o avião poderia servir de abrigo. Se explodisse, o que aconteceria conosco? Ainda era cedo. Se explodisse, precisaríamos criar algum tipo de abrigo antes que a noite caísse. E

como faríamos isso, naquele clima e com tão poucos de nós saudáveis e capazes de ajudar?

— O que está acontecendo?

Era Lisa... graças a Deus, era Lisa. Senti uma emoção e uma sensação intensa de alívio ao ouvir a voz da minha melhor amiga. — Diga a ela que fique em silêncio — falei para Daniella. — Diga a ela para não se mexer.

— Ela não está consciente.

— Não, ela está ficando consciente. Diga a ela para não falar, para ficar imóvel.

Mas a floresta não estava imóvel. Eu ainda ouvia os porcos selvagens movendo-se na nossa direção rapidamente. Eles percorriam a floresta molhada, grunhindo e gritando ao diminuírem a distância entre nós. Meu instinto foi o de proteger meu marido e, com esforço e apesar da dor no abdômen, parei na frente dele para que pudesse servir de escudo contra qualquer perigo que se aproximasse.

Quando Tank viu aquilo, lançou-me um olhar de advertência.

— Abaixe-se — sussurrou ele.

— Nada encostará em Alex — disse eu. — Eles podem me atacar primeiro.

— Está mesmo disposta a assumir esse risco?

— Você não faria o mesmo por Lisa?

Aquilo fez com que ele pensasse.

— Se vai ficar parada aí, precisa parecer confiante quando eles aparecerem. Não demonstre medo, não importa que gestos ou sons eles façam. Olhe para eles, mas não se mexa. Se tivermos sorte, eles continuarão o caminho.

— E se não fizerem isso? — perguntou Daniella.

— Então eu lidarei com eles — respondeu Tank.

— Com um galho? Contra quantos, Tank? Ouça — disse ela. — Eles estão quase chegando aqui. Precisamos chamar Cutter.

— Se você fizer isso, Daniella, juro por Deus que vou lhe dar uma surra eu mesma — disse eu. — Fique sentada, cale a boca e faça o que Tank disser. Não é o momento de fazer merda, como você fez no avião. Está me ouvindo, garota? Espero que sim.

Daniella, claramente chocada com a forma como eu falara com ela, se afastou de mim para consolar Lisa no momento em que os grunhidos ficaram a poucos metros de distância. Fiquei parada, ouvindo. Rezei por Blackwell, que ainda não se mexera. Ela estava viva? Estava morta? Tank não dissera nada sobre a condição dela. Havia um motivo para isso? Apesar de estar preocupada, eu sabia que precisava me concentrar no momento. E, quando fiz isso, o tempo ficou devagar. Houve um momento de silêncio em que os segundos pareceram

minutos. E, com uma explosão súbita de raiva, a folhagem alta à nossa frente se abriu, como se alguém tivesse lançado uma bola de demolição.

Mas a bola era um porco selvagem, que se relevou a poucos metros de distância.

Olhei para ele horrorizada. Aquele porco não parecia um porco comum. Era uma fera. Ele nos avaliou com os olhos, ergueu o focinho no ar e soltou um grito ameaçador que me fez estremecer.

Quase desmaiei de medo, mas fiquei imóvel. O pânico apertou meu coração, mas consegui manter as feições neutras. Ouvi mais movimento vindo em nossa direção na floresta e três porcos menores surgiram entre as folhagens molhadas. Por algum motivo, eles pareciam ainda mais agitados que o porco maior, que devia ser a mãe deles, e que os protegeria a qualquer custo, como qualquer mãe faria. Um deles se virou na minha direção e bateu a pata no chão. Meu coração começou a bater com mais força.

Naquele instante a melhor coisa, e a pior, aconteceu. Blackwell se mexeu. Ela estava viva! Mas como conseguiríamos mantê-la quieta? Ela não sabia onde estava nem o que estava acontecendo. Quem sabia o que sairia de sua boca? Olhei para Daniella, mas, com os porcos tão perto, não havia nada que ela pudesse fazer.

— Onde estou? — perguntou Blackwell com voz grogue. — Por que estou no chão? E por que estou toda molhada? E o que, em nome de Deus, é esse cheiro horrível? Alguém precisa de uma porcária de uma bala de menta.

Ela começou a empurrar o corpo para cima para se sentar, mas Tank gentilmente empurrou o pé contra o ombro dela, pressionando-a para baixo e dizendo em voz baixa que não se movesse. — Nosso avião caiu — disse ele com voz calma e comedida, destinada a reconfortá-la e não assustar os animais. — Estamos em uma floresta agora, Barbara. Quatro porcos selvagens estão nos desafiando. Preciso que fique deitada, sem se mexer, e que fique em silêncio. Entendeu?

Ela pareceu delirante ao falar: — Como diabos eu deveria entender isso?

O porco maior sacudiu os pelos molhados, soltou um grunhido profundo e deu um passo ameaçador à frente. Tank se virou para ele e ficou firme, segurando o galho ao lado do corpo. Eles se encararam, esperando que o outro desse o próximo passo.

Vi Alexa pegar a mão da mãe e dizer algo que não consegui ouvir. No avião, tive certeza de que ela fora empalada por um galho, mas a cadeira em que estava sentada devia ter sofrido os danos. Como a maioria de nós, a queda a deixara inconsciente e vi, pelo olhar em seu rosto, que ela lutava para clarear a mente. Ao contrário da irmã, Alexa conseguia entender, até certo ponto, a gravidade da

situação, mesmo com a mente embotada. Ela sabia que precisava manter a mãe em silêncio, apesar de ser uma tarefa impossível.

— Porcos — disse Blackwell. — A última vez em que vi um porco, era Immaculata Almendarez. O que ela está fazendo aqui?

— Mamãe, você não está bem. Talvez tenha sofrido uma concussão. Precisa ficar em silêncio. Por favor. Precisa ficar quieta para o bem de todos nós.

Um dos porcos menores correu na minha direção, mas foi impedido pela mãe, que soltou o que talvez sido o grito mais alto até o momento. Incapaz de me mexer, olhei para o filhote, a poucos metros de distância, e vi que os pelos estavam eriçados, como os da mãe.

Estreitei os olhos e mantive a posição. Qualquer coisa que mostrasse que eu não estava com medo dele, mesmo que isso estivesse longe da verdade. Ele conseguia farejar meu medo? Senti-lo? Usá-lo contra mim? Eu não tinha certeza, mas a tensão entre todos estava ficando tão grande que parecia que havia algo prestes a se romper... e que aquela situação estava insustentável. Apesar de estar muito fraca, eu lutaria contra aquele filho da puta, se fosse necessário, mesmo sabendo no fundo da alma que, se ele me atacasse, os outros também atacariam. E eu perderia contra o grupo... como Tank perderia. Não havia forma possível de nós dois protegermos todos.

— Vá! — gritou Tank para a porca. — Saia daqui! Vá embora!

Um trovão alto soou no momento em que ele gritou aquelas palavras. Em seguida, um raio iluminou o céu de uma forma que surpreendeu a todos, incluindo os porcos selvagens. Eles ergueram a cabeça para o céu e recuaram alguns passos. O menor deles, que chegara perto de mim, deu meia volta e correu para o lado da mãe, enquanto os outros se espalhavam à direita e à esquerda do nosso grupo.

— O que fazemos agora, Tank? — perguntei.

— Esperamos que eles saiam.

Mas não houve espera. Naquele instante, a porca decidiu atacar Tank, que rapidamente se moveu o máximo possível para a esquerda do grupo em um esforço de nos proteger. Ele girou o corpo com força e bateu no lado da cabeça do porco. Ela soltou um grunhido, cambaleou de lado e caiu no chão. Enquanto estava caída, lutando para recuperar o fôlego, os outros porcos a rodearam, cutucando-a com os focinhos, em um esforço para ajudá-la a levantar.

Deu certo.

Foi um esforço grande, mas a porca se levantou. Os filhotes se viraram para nós com uma fúria incontida nos olhos.

— Tank — disse eu.

— Quieta... talvez eles resolvam ir embora.

Por um momento, a mãe ficou instável. Mas, com um olhar rápido para Tank, deixou claro que ainda não estava fora da jogada. No mínimo, estava mais furiosa do que antes. Ela abaixou a cabeça na direção de Tank e soltou um grito furioso, o que fez com que Daniella gritasse quando a porca investiu novamente contra ele.

Desta vez, Tank bateu com o galho nas costelas da porca, provavelmente tentando quebrar alguns ossos. Mas, ao bater nela, o galho quebrou no meio. A porca, não parecendo estar abalada, correu novamente na direção dele. Tank soltou o que sobrara do galho e agarrou a cabeça da porca. Juntos, eles lutaram, enquanto dois dos filhotes voltaram a atenção para mim. O terceiro se posicionou à direita de Tank, eriçou os pelos e preparou-se para atacar. Tank golpeou repetidamente a cabeça da porca enquanto ela tentava mordê-lo, cada vez chegando mais perto de arrancar um pedaço da coxa dele. Atrás de mim, Alex despertou e chamou meu nome no instante em que um dos filhotes começou a correr na minha direção. O outro filhote o seguiu.

Gritei de medo e chutei a cara do porco quando ele chegou perto o suficiente... e tudo parou quando outra explosão de luz e som atingiu o céu com muita força.

Só que, desta vez, não foi um raio. Desta vez, uma onda de calor nos atingiu, tão quente que assustou os porcos a ponto de fazê-los parar. A porca se afastou de Tank e recuou, olhando por cima dele. E, nos grandes olhos castanhos dela, vi o reflexo laranja das chamas. Era o avião. Ele explodira.

Logo em seguida, houve outra explosão.

Assustados, os porcos deram meia volta e correram para a floresta.

Eu me virei, vi que o motor do avião estava em chamas e soube que o pior ainda estava por vir. Em um instante, as chamas atingiram a fuselagem, encontrando-a cheia de combustível, e incendiaram o restante do avião.

Quando o avião explodiu, a erupção foi forte o suficiente para erguê-lo no ar como se fosse feito de papel.

— Abaixem-se! — gritou Tank. — Todos vocês, cubram a cabeça!

Nós dois caímos no chão, eu sobre Alex e Tank sobre Lisa, Blackwell, Alexa e Daniella. Destroços caíram sobre a praia e sobre a floresta. Pedacos em chamas voaram sobre nós, atingindo as árvores. Quando terminou, fiquei sentada incrédula, segurando Alex e procurando Cutter na praia.

Mas não havia sinal dele. Eu não o vi em lugar algum e a possibilidade muito real de que ele tivesse morrido era demais para aguentar.

CAPÍTULO 4

— Preciso encontrar Cutter — disse Tank ao se levantar.

— Não o vejo lá — disse eu, levantando-me com esforço. — Mais cedo, eu o vi empilhar suprimentos ali na praia, mas agora não está em lugar nenhum. Eu o procurei.

— Então você não procurou no lugar certo — disse ele com voz tensa. — Ele pode ter sido jogado longe. Preciso que você e Daniella cuidem de todos. Os porcos não voltarão, tenho certeza disso. Mas Cutter está vivo. Ele tem que estar. Já perdi um irmão hoje. Não pretendo perder outro.

Antes de ir, ele foi até Lisa, que estava sentada, apoiada em Daniella.

— Você está bem? — perguntou ele, colocando a mão sobre o rosto dela.

— Vá encontrar Cutter. Ajude-o como puder. Estou bem. Quando caímos, eu devo ter desmaiado. Já sobrevivi a coisas piores, lembra?

— Bem demais — respondeu ele.

Depois de dar um beijo nela, Tank se afastou, correu até a praia e começou a busca. Eu o observei correr, pensando em como ele era corajoso e como tínhamos sorte de tê-lo em nossas vidas. Ao vê-lo andar na direção do avião, que estava em pedaços, percebi que parara de chover. Em algum momento durante nosso encontro com os porcos, a tempestade cederá, pois o céu estava parcialmente limpo. Pelo tempo que eu passara na ilha de Alex, sabia que isso era normal nos trópicos. As tempestades surgiam tão depressa quanto iam embora. Logo, o sol surgiria e poderíamos avaliar a saúde de todos.

Fui até Alex e, para meu alívio, vi que o sangramento no pescoço dele parecia ter parado, pois a mancha de sangue na camisa de Tank mantinha o mesmo tamanho. Ele também não parecia mais tão pálido. — Está se sentindo melhor? — perguntei.

— Preciso ajudar Tank.

— Não, não precisa. Você teve uma parada cardíaca, provavelmente por causa da quantidade de sangue que perdeu e pelo choque do acidente. Precisa ficar deitado quieto por enquanto. Se você se mexer, a ferida poderá reabrir. Estou preocupada com uma infecção.

— Se ele tiver uma infecção, posso ajudar — disse Alexa. — Estamos em um clima tropical. Há várias plantas aqui que, se usadas corretamente, são quase tão eficientes quanto a penicilina.

— Então, se precisarmos encontrar essas plantas, será uma tarefa sua. — Virei-me para Alex, vi a preocupação nos olhos dele e soube que estava pensando em nosso filho. — Ficaremos bem — disse eu. — Descanse um pouco.

— Ajude Barbara.

— Vou ajudar. Eu amo você.

— Também amo você.

Olhei para Lisa. — Você precisa de alguma coisa?

— Vou ficar bem. Ajude Barbara. Veja se ela está bem.

Andei até Blackwell e ajoelhei-me ao lado dela e de Alexa. As duas estavam sentadas. Depois de tudo o que acontecera, Alexa parecia mais alerta do que antes, mas a mãe dela não. Os olhos de Blackwell pestanejavam em um esforço de clarear a mente. Vi que ela tentava absorver o horror da situação, os arredores, tudo o que acabara de acontecer.

Coloquei a mão nas costas dela. — Como você está? — perguntei.

— Não acredito que isto tenha acontecido — disse ela.

— Você está bem?

— Estou sentindo uma dor filha da puta, mas sobreviverei.

— Lembra-se do acidente?

— Além da tempestade e da briga com a minha filha sem noção para que ela se sentasse e colocasse o cinto de segurança, não me lembro de muita coisa.

— Vi alguma coisa bater na sua cabeça quando estávamos caindo. Deixe-me ver se há algum inchaço ou se está sangrando. — Para minha surpresa, ela deixou. Corri os dedos gentilmente pela cabeça dela. Blackwell gemeu quando encostei em um ponto ligeiramente mais alto acima da orelha esquerda.

— Foi aqui que você foi atingida — disse eu. Olhei para ver se havia algum rastro de sangue nos meus dedos, mas não havia. — Você não está sangrando, mas está inchado. Está enjoada?

— Um pouco.

— Provavelmente você sofreu uma concussão.

— Obviamente, poderia ter sido pior. — Ela se virou para mim e encarou-me.

— Então, deixe-me perguntar. Você está bem, Jennifer?

Eu sabia o que ela realmente estava perguntando, mas não queria discutir aquilo no momento.

— Estou bem.

— Você sabe do que estou falando.

— É claro que sei. — A impotência me invadiu e dei de ombros. Quando falei, meus olhos se encheram de lágrimas. — Mas não tenho respostas. Nenhuma. Acho que teremos que esperar para ver.

Ela apertou minha mão. — Não desista. Descobriremos juntas.

— Descobrirão o quê? — perguntou Daniella.

Eu não conseguiria manter aquilo em segredo, portanto, nem tentei. Aqueles eram os meus amigos. Somente Daniella e Alexa não sabiam que eu estava grávida. Respondi a ela: — Estou grávida. Alex e eu estamos. Descobrimos recentemente. E agora, depois do acidente, estamos preocupados com o bebê.

— E é só o que ela vai dizer sobre o assunto — comentou Blackwell.

— Jennifer... — disse Alexa.

— Não vamos falar sobre isso. Não quero ficar mais chateada do que já estou. Esse bebê pode se transformar em um milagre. Se todos nós conseguimos sobreviver ao acidente, há uma grande chance de que nosso bebê também tenha sobrevivido. Só peço que rezem. Mais nada. E Barbara tem razão, não vou mais falar neste assunto. Pelo menos por enquanto.

Blackwell olhou para mim. Em seguida, olhou em volta quando os primeiros raios de sol surgiram entre as árvores. — Onde está Max? — perguntou ela. — Onde estão os pilotos? E Amy?

— Eles se foram — disse eu. — O avião bateu em alguma coisa enquanto caía. Acho que batemos em uma montanha ou algo assim, pois, quando isso aconteceu, a cabine foi arrancada, levando-os para longe de nós.

— Ai, meu Deus — disse Blackwell. — Nem sei o que dizer. Coitadas daquelas pessoas. Perdemos nosso Max. E aquela garota doce.

E foi o que bastou para mim. O pesar me invadiu e fechei os olhos com força. Eu ainda conseguia ver a parte da frente do avião sendo arrancada, como se fosse uma casca de ovo. Amy, Max e os pilotos tinham sido arrancados de nós como se a vida deles não tivesse significado. Apesar do vento súbito que nos atingira quando a cabine se partira, eu ainda conseguia ouvir os gritos de Amy quando ela e os outros foram jogados no desconhecido. Mesmo agora, eu ouvia os gritos dela, altos e estridentes ao enfrentar a morte certa. E a lembrança foi o suficiente para me fazer esconder o rosto nas mãos e começar a chorar por quem tínhamos perdido.

CAPÍTULO 5

Tank ficou fora por quatro horas, mas, quando voltou, foi sem Cutter.

Naquele meio tempo, tínhamos nos movido para a praia. Enquanto Alex descansava por causa do corte no pescoço e da quantidade de sangue que perdera, o restante de nós vasculhou as dezenas de caixas que Cutter tinha conseguido tirar do avião.

Percebemos como tínhamos sorte por ele ter feito o que fizera. Dentro das caixas, havia suprimentos médicos, cobertores, água potável, comida e outros itens que nos ajudariam até que a caixa preta do avião indicasse nossa localização e a ajuda chegasse.

Mas, quando vi Tank, percebi, pela expressão perturbada dele, que era melhor ter calma. Em voz baixa, eu disse aos outros que ainda tínhamos que ter esperança de que Cutter estivesse vivo. Eu disse a eles que, sob hipótese alguma, aquele era o fim de Cutter e que precisávamos acreditar na sobrevivência dele para apoiar Tank, independentemente do que ele nos dissesse.

Vi Lisa andar na direção dele. Sem dizer nada, os dois colocaram os braços em volta um do outro e ficaram naquela posição até que Lisa segurou o rosto de Tank, beijando-o profundamente. Quando eles se separaram, ele pegou a mão dela e vi seu polegar encostar no anel de noivado que dera a Lisa. Em seguida, eles começaram a andar na nossa direção.

— Há todos os motivos para acreditar que Cutter esteja vivo — disse Tank. — Não vi sinal nem partes de um corpo. O problema é que a floresta é densa, ele pode estar em qualquer lugar. A boa notícia é que Cutter é um fuzileiro naval treinado e sabe como cuidar de si mesmo em situações como esta. Tenho fé de que ele está vivo e que achará o caminho até aqui. Voltei porque preciso construir um abrigo para nós antes que fique muito tarde.

— Posso ajudar — disse Alexa.

— Eu também — acrescentou Daniella.

Olhei grata para as duas.

Blackwell pegou uma garrafa d'água de uma das caixas e levou-a para Tank. Ele hesitou antes de pegá-la e eu soube que não era tolo. Sem água, todos nós estaríamos perdidos. Ele agradeceu, abriu a garrafa e bebeu avidamente. O sol estivera muito quente durante cerca de três horas. Precisávamos nos manter hidratados. O problema era que havia apenas doze garrafas d'água e uma acabara

de ser consumida. Em breve, provavelmente na manhã seguinte, teríamos que encontrar uma fonte de água potável.

— Também posso ajudar — disse Blackwell. — Jennifer verificou minha cabeça e, apesar de eu ter esse inchaço ridículo perto da orelha esquerda, não há sangramento. Certamente posso ajudar... mesmo vestindo um Chanel arruinado.

— Não antes que eu veja seus olhos — disse ele.

— Por quê?

— Porque, se eles estiverem dilatados, talvez você tenha sofrido uma concussão, o que significa que descansará ao lado de Alex. Portanto, vamos lá, erga o queixo. Deixe-me olhar.

Ela obedeceu. Tank a examinou. Em seguida, sorriu e beijou-a na testa. — Dura como sempre — disse ele. — E você manteve o senso de humor. Fico grato por isso.

— Você não encontrará ninguém mais durão nesta praia, apesar de Jennifer talvez chegar perto. Quanto ao humor, ele nos salva. Sempre salva e agora também nos salvará. Aquele avião caiu e talvez tenhamos perdido nossos amigos, mas o que eles iriam querer de nós agora? Pesar? Sim, estou cheia de pesar. Mas também iriam querer que lutássemos pela vida e saíssemos desta ilha, o que nós faremos. Não vou desistir. Ninguém vai desistir. Portanto, o que precisa que façamos, Tank?

Ele olhou para o céu, fechando os olhos ligeiramente por causa do sol. — Pela minha estimativa, temos cerca de sete horas para construir alguma coisa. Será algo primitivo, mas ainda há tempo. Amanhã, poderemos reforçar e melhorar a construção. — Ele acenou na direção das caixas que Cutter tirara do avião. — O que há naquelas caixas?

Eu disse a ele.

— Então, nosso amigo cuidou bem de nós...

— É claro que sim. Cutter é assim.

— Que tipo de suprimentos temos?

— Diga-me você. Venha dar uma olhada.

Abri uma das caixas. Tank olhou dentro dela, verificou cada item e pareceu um pouco aliviado ao terminar. — Ficaremos bem por algum tempo. O que vocês precisam saber é que os suprimentos são limitados. Por exemplo, se algum de vocês tiver uma infecção, o medicamento para tratá-la acabará bem depressa. É por isso que temos que garantir que aqueles que têm ferimentos sejam tratados agora, antes que uma infecção se instale.

Alexa deu um passo à frente.

— Eu disse isso quando você não estava aqui, Tank, mas estamos rodeados de plantas nesta ilha que têm propriedades medicinais e podem ser usadas para

tratar uma infecção bacteriana. Talvez não tão bem quanto um remédio, mas, se tratarmos qualquer infecção no início, elas funcionarão. Só precisamos localizar essas plantas. Eu sei que estão aqui. E posso identificá-las. Melhor ainda, sei bem como usá-las, caso seja preciso.

— Como você sabe disso tudo? — perguntou Daniella.

— Ao contrário de você, eu presto atenção às aulas. Eu leio, Daniella. Muito. Livros, esse tipo de coisa. Sou fascinada pela forma como a ciência se mistura com a horticultura. Portanto, seja grata por sua irmã ser uma abraçadora de árvores. Quem sabe, meus interesses e meus estudos podem ser úteis a você enquanto estamos nesta ilha.

— Foi só uma pergunta — disse Daniella.

— E você recebeu a resposta.

— Por que está tão irritada?

— Porque não acredito na forma como você se comportou naquele avião.

Aquilo deixou Daniella em silêncio.

— Então, deixe-me perguntar — disse Tank. — Quantos de vocês verificaram o telefone e tentaram fazer uma conexão enquanto eu estava fora?

— Todos nós — disse eu. — Mas não adiantou. Acho que não há torres por perto. Mas, pelo menos, tentamos.

— É tudo o que podemos fazer. Também tentei enquanto procurava Cutter.

— A caixa preta do avião — disse Blackwell. — Podemos esperar ajuda em breve?

A expressão de Tank ficou sombria.

— Havia duas caixas naquele avião. Uma na frente, na cabine com os pilotos, e uma na parte de trás, perto do quarto de Jennifer e Alex. Como todos sabemos, uma das caixas se perdeu, está em algum lugar no oceano com nossos amigos. Eles não morreram longe daqui, portanto, há uma chance de que a caixa esteja ativamente enviando sinais que atrairão a atenção para nós. A essas alturas, já sabem que caímos, prometo. Quanto à outra caixa, olhem para a parte de trás do avião lá... está arruinada. Não sobrou nada. Estatisticamente falando, a caixa deveria ter sobrevivido à queda e às explosões que se seguiram. O problema é que não temos certeza disso.

— Acha que estamos sozinhos nesta ilha? — perguntei.

— Não vi nenhum sinal de vida humana quando procurei Cutter, mas isso não significa que estamos sozinhos. Pode haver pessoas aqui. Acho que descobriremos em breve, pois, se há alguém aqui, ouviu quando caímos na ilha e certamente ouviu o avião explodir. Agora, deixe-me examinar o pescoço de Alex. Já vi o corte e, se eu não limpar e tratar adequadamente, uma infecção poderá se desenvolver. Dê-me um momento para isso, ok?

Em silêncio, observamos Tank se ajoelhar em frente a Alex e remover a camisa do pescoço dele, deixando-o exposto para que todos víssemos. Não que o ferimento fosse profundo. O que me surpreendeu foi a largura dele. Era como se grande parte da pele tivesse sido arrancada. Com cuidado, Tank ergueu o queixo de Alex e examinou o ferimento.

— Você sabe o que o atingiu? — perguntou Tank.

— Não faço ideia — respondeu Alex.

— A boa notícia é que o corte não afetou a traqueia, mas chegou perto. Com o calor, poderá ter uma infecção. Vou usar uma das garrafas d'água para lavar o ferimento e um unguento antibacteriano. Vou enrolar seu pescoço com uma gaze. Precisamos economizar água, mas é necessário usar uma das garrafas até acharmos uma fonte de água amanhã. Também temos penicilina, caso você precise. Como o ferimento é recente, o tempo está a nosso favor para evitar uma infecção. O que mais me preocupa é a quantidade de sangue que você perdeu. Foi uma quantidade considerável que, juntamente com o choque do acidente, acredito ter sido a causa da parada cardíaca. O seu corpo precisará de água e comida para recuperar o que perdeu. Uma das prioridades agora é lhe dar essas duas coisas.

— Posso ajudar a construir o abrigo para a noite?

— Você teve uma parada cardíaca, Alex. Por hoje, não vai fazer mais nada. Comeu ou bebeu alguma coisa?

— Não.

— Provavelmente, seu nível de potássio está baixo, o que poderá causar outra parada cardíaca. Preciso que me escute, Alex. Você não fará nada até que eu diga que é seguro.

Tank se virou para mim.

— Jennifer, pode buscar mais duas garrafas d'água? E alguma coisa para Alex comer. Vou buscar a pomada antibacteriana e a gaze para o pescoço dele. — Ele se levantou e olhou para mim. — E, quando terminarmos, você e eu precisamos ter uma conversa.

* * *

Quando terminamos de cuidar de Alex, Tank e eu conversamos... mas não como parte do grupo. Por questões de privacidade, ele me levou para longe dos outros, falando apenas quando teve certeza de que ninguém escutaria.

— Estou preocupado com você e o bebê — disse ele. — Não gosto da ideia de

vê-la andando por aí quando deveria estar descansando... como Alex está.

— Alex teve uma parada cardíaca.

— E você pode ter perdido o bebê.

Bastou ouvir as palavras para me sentir como se uma parte de mim tivesse sido arrancada. Mas Tank estava lá para me ajudar e tentei fazer o possível para engolir as emoções e ouvi-lo.

— Não sei se perdi.

— Nenhum de nós sabe. E, por causa disso, você precisa ir devagar.

— Farei qualquer coisa pelo meu filho.

— Então você não precisa fazer nada, pelo menos por enquanto. Alexa, Daniella e Blackwell conseguem ajudar. Lisa também. Ela está ficando mais forte e imagino que, até o fim do dia, esteja praticamente normal.

— O que importa agora é que estamos vivos.

— Concordo. Tivemos muita sorte. E temos uns aos outros.

— Sim, temos.

— Vou fazer algumas perguntas pessoais. Preciso perguntar.

— Já sei o que vai me perguntar. Vá em frente.

— Você verificou se há alguma mancha de sangue em sua roupa íntima?

— Blackwell me fez a mesma pergunta há algumas horas. Para ser sincera, não tive coragem de olhar. Não quero descobrir o que acho que já sei.

— Que tipo de resposta é essa?

— Uma resposta medrosa.

O rosto dele suavizou e ele colocou a mão no meu ombro ao andarmos pela praia. À esquerda, as ruínas do avião ainda lançavam nuvens de fumaça preta no ar.

— Eu sei que é difícil para você, mas precisamos saber, Jennifer. Se houver alguma mancha, não significa que você perdeu o bebê. Mas, se houver muito sangue, não vou mentir. Nesse caso, há uma chance muito grande de que o tenha perdido.

— Acho que já perdi.

— Por quê?

— Por causa das cólicas que senti quando o avião caiu. E as cólicas que senti depois.

— Foram graves?

— Foram fortes no começo e, depois de algum tempo, diminuíram.

— Fortes quanto?

— Eu mal conseguia respirar, Tank.

— Por que não vamos até aquelas árvores e você dá uma olhada? Se precisar que eu olhe sua calcinha, olharei. Mas acho que você mesma consegue avaliar

qualquer mancha pequena ou uma quantidade significativa de sangue. Você precisa fazer isso, Jennifer. Por você e por Alex, precisa saber qual é a situação.

— Eu não quero saber. Prefiro me concentrar em Alex e na saúde dele.

— Alex ficará bem.

— Como sabe disso?

— Acho que ele perdeu cerca de um litro de sangue, o que é mais que doaria em um banco de sangue. Verifiquei a camisa e o casaco dele, bem como a minha camisa, e tenho uma certeza razoável da quantidade de sangue que ele perdeu. Se ele não tiver uma infecção, ficará bem. Agora, precisamos descobrir se o mesmo vale para o seu filho. — Ele acenou para a floresta à nossa esquerda. — Precisamos fazer isso.

— Não quero saber, Tank.

— Você precisa pelo menos olhar. Já urinou nesse tempo em que estivemos aqui?

— Não, mas preciso. Você pode imaginar por que não urinei.

— Aí é que está — disse ele. — Você precisa ver o mais cedo possível. Mas preciso que se lembre disso: não importa o que veja, não saberemos com certeza se perdeu o bebê até que um médico a examine. O que vir não será conclusivo. Seu filho ainda pode estar vivo. Você precisa manter a esperança.

— Também preciso estar pronta para enfrentar a outra realidade.

— Se você deixar de ter esperança agora, que bem fará para nós e para Alex? Você precisa continuar a ter esperança, Jennifer. No momento, o que mais temos além dela?

Respirei fundo para acalmar os nervos. O que ele dissera era verdade. — Nada — respondi.

— Então vamos dar uma olhada. Vou andar com você até o início da floresta. Você entra nela e olha sozinha. Depois, pode me dizer o que viu.

— Estou com medo.

— E eu estou com medo por você. Todos estão.

— Alex e eu íamos esperar dois anos antes de ter um filho. Tínhamos tudo planejado. Íamos primeiro desfrutar nosso casamento, antes de começar uma família. Íamos viver nossas vidas antes de mudá-las com uma gravidez. Mas, quando descobrimos que eu estava grávida, sabíamos que havia um motivo. E eu sabia, no fundo do coração, o quanto queria esse bebê. Alex também sabia. Vimos o bebê como uma bênção. Eu quero este bebê mais do que qualquer outra coisa, Tank.

— Eu entendo. Mas você precisa olhar. Então, vamos até ali comigo? Eu lhe darei a privacidade de que precisa.

Uma sensação de medo me invadiu só de pensar em olhar. Mas eu sabia que,

apesar dos meus medos, Tank tinha razão. Eu precisava ver com os próprios olhos se perdera só um pouco de sangue ou se tivera uma hemorragia. — Vá na frente — disse eu. — Mas não muito longe.

* * *

Quando chegamos ao início da floresta, meus nervos estavam em frangalhos, o que tentei esconder... inutilmente.

Tank viu. Ele sabia e sentiu. Ele me abraçou gentilmente antes que eu me afastasse, entrando na folhagem alta. Passei por alguns arbustos até um lugar que parecia privado o suficiente, atrás de uma palmeira alta. Olhei para a árvore e a forma como as palmas ficavam penduradas como um guarda-chuva, que pareciam cair para me abraçar. Era estranho, mas a sombra e a privacidade que a árvore dava foi, de certa forma, calmante. Era como se a natureza dissesse que tudo ficaria bem.

Pelo menos, foi o que entendi.

Apesar de o sol estar alto e iluminando a ilha por horas, a floresta ainda estava molhada por causa da chuva. Pensei novamente nos porcos e tudo o mais que vivia na ilha até que finalmente reuni coragem suficiente para abrir a calça e empurrá-la até os joelhos.

Antes de tirar a calcinha, fiquei parada em pensamento e prece. Rezei para que não houvesse sangue. Rezei para que as cólicas que sentira mais cedo fossem apenas por causa da força da queda e nenhum outro motivo. Rezei por nosso filho, por Alex, por mim. Se nós o perdêssemos, ficaríamos de coração partido, mas não destruídos. No mínimo, tentaríamos ter outro filho, pois aquela gravidez revelara como queríamos começar uma família... apesar de não sabermos disso na época.

Ande logo.

Com um movimento rápido, abaixei a calcinha e examinei-a.

Como minhas roupas estavam tão encharcadas, era difícil dizer se havia pouco sangue ou se ocorrera uma hemorragia. Mas eu sangrara, não havia dúvidas sobre isso. Mas quanto sangue era? Algumas gotas que tinham se espalhado por causa da água da chuva? Ou havia mais do que eu queria admitir? Eu não sabia dizer.

Eu precisava de uma segunda opinião e, apesar de me sentir constrangida e envergonhada, ela precisava vir de Tank. Eu não tinha escolha além de chamá-lo.

Ele surgiu na floresta momentos depois que eu o chamei.

— Eu sangrei — disse eu.

— Quanto?

Dei de ombros. — Aí é que está — respondi. — Não sei. Preciso que você veja. Minhas roupas ainda estão molhadas e não sei dizer quanto sangue há. Por causa da chuva, ele se espalhou. Não acredito que estou pedindo isso a você, mas pode olhar minha calcinha? — Senti uma onda de humilhação ao repetir: — Não acredito que estou pedindo isso a você.

— Sou treinado para isso, Jennifer. Segure a camiseta para se cobrir. Não verei nada além da calcinha. Prometo. É só o que preciso ver. Só demorará um segundo e terminaremos.

E ele tinha razão. Tank olhou rapidamente e disse-me para vestir a calça.

— O que acha? — perguntei.

— Foi só um sangramento pequeno — disse ele. — É possível que você não tenha perdido o bebê.

— Você não pode estar falando sério. — disse eu. — E as cólicas?

— Não estou dizendo que você não perdeu o bebê. Estou dizendo que é possível que não tenha perdido. Tenho muito treinamento médico, mas não sou um médico, Jennifer. O que estou dizendo é que o que vi é um sinal positivo. Você não teve uma hemorragia. Estaria muito pior se tivesse. Essa é a boa notícia. É a melhor notícia. Agora, precisamos cuidar do outro problema.

— Que outro problema?

— Como proteger você daqui em diante.

CAPÍTULO 6

Estava prestes a anoitecer quando Tank, Alexa, Daniella e Blackwell terminaram o abrigo improvisado ao lado da floresta, no local para onde Cutter e Tank nos levaram quando o avião caiu. Quando o trabalho estava no fim, Lisa sentia-se bem o suficiente para ajudar. Quando terminaram, o resultado foi uma cabana de tamanho razoável, feita com as folhas das palmeiras em volta, que foram formando um telhado para que pudéssemos passar a noite secos, caso chovesse novamente. Eu me senti culpada por não ajudar, mas, sempre que tentava, era afastada por todos. Disseram-me para me sentar perto de Alex e foi o que fiz.

Contei a Alex sobre minha conversa com Tank.

— Então, há uma chance? — perguntou ele.

— Não quero ter muitas esperanças, mas pode haver uma chance, sim.

— Tank disse que foi pouco sangue.

— Sim, mas o que ele não sentiu foram as cólicas que senti. Elas foram muito fortes no começo. Incredivelmente dolorosas. E estou apenas no primeiro mês da gravidez, quanto sangue haveria? Não sei responder a essa pergunta, mas sei o que senti e preciso ser sincera com você. Vou continuar tendo esperanças, mas precisamos ser realistas. Talvez tenhamos perdido o bebê. Talvez...

E foi o que bastou. No momento em que eu disse aquelas palavras, comecei a chorar.

Alex me tomou nos braços e segurou-me enquanto eu soluçava mais do que acontecera desde a queda do avião. Comecei a chorar tanto que pareciam uivos, o que eu sabia não ser bom para o bebê que ainda deveria estar vivo. Portanto, novamente, forcei-me a parar e a absorver o amor e a força do meu marido.

— Eu lamento tanto — disse eu.

Ele olhou atônito para mim. — Pelo quê?

— Por arruinar nossa família.

— Do que está falando? Jennifer, você não fez nada. O que eu e você precisamos é ter gratidão por termos sobrevivido. E por a maioria dos nossos amigos também ter sobrevivido ao acidente. Você precisa colocar as coisas em perspectiva. Poderíamos estar mortos. Aqueles que estão conosco poderiam estar mortos. Mas estamos todos vivos. Estamos aqui por um motivo. Se perdemos esse bebê, precisamos ver de um panorama maior. Sim, será arrasador. Mas

tentaremos de novo. Eu achei que não estaria pronto para começar uma família tão cedo. Mas, quando você me disse que estava grávida, eu soube imediatamente que queria isso. Se, por algum motivo, não acontecer, começaremos de novo. E não esperamos dois anos. Concorda?

— Não consigo imaginar perder o bebê.

— Nem eu. E rezo para que isso não tenha acontecido. Mas, se aconteceu, precisamos chorar pela perda e demorar o tempo que for necessário para aceitar o fato. Depois, tentaremos de novo. Quero que você tenha o meu filho. Os meus filhos. Mais do que nunca, quero que tenhamos uma família.

— Eu amo tanto você, Alex.

— Você não faz ideia do quanto eu amo você. Nem do que eu faria para protegê-la.

Afastei os cabelos da testa dele. — Sua voz está melhor, não está tão rouca. Como está seu pescoço?

— Ficar bem. Sou forte. Não sei o que me atingiu quando caímos, mas deve ter sido algo grande para me derrubar desse jeito. Você verá. Com comida e água no estômago, já estou me sentindo melhor. Estarei ainda melhor amanhã de manhã.

— Manhã — disse eu. — Há tanta coisa para fazer. Precisamos encontrar água potável. Temos alguma comida para hoje à noite, mas é só. Amanhã, precisamos procurar frutas para comer. Deve haver frutas na ilha e sei que Alexa vai procurar. Depois do ataque dos porcos, que, por sorte, você perdeu a maior parte, também precisamos nos proteger contra predadores. Também acho que precisamos construir algo grande na praia que diga SOS para ajudar a nos encontrarem.

— Concordo.

— Acha que nos encontrarão?

Alex nunca mentira para mim e não mentiu naquele momento. — Não sei. Não sei onde a cabine caiu quando foi arrancada, mas não deve ter sido longe. Também não sei se a caixa preta ainda estará funcionando depois daquela explosão. Deve estar, ela foi projetada para aguentar um golpe substancial. Mas uma queda e três explosões? Não sei. Acho que teremos que esperar para ver. Saberemos, em um dia ou dois, se os sinais foram captados.

— Um dia ou dois?

— Estamos em algum lugar no sul do Pacífico, o que significa que levará tempo para que nos encontrem. Você precisa estar preparada para isso.

— Estou preocupada com Cutter.

— Eu também.

— Ele é um homem muito bom. Não podemos perdê-lo também.

— Talvez isso não aconteça. Talvez ele ainda esteja por aí, recuperando-se. Quietos, pois sabe que precisa se curar antes de se movimentar. Quem sabe o quanto ele está ferido? Mas, por natureza e pelo treinamento que recebeu, ele é um sobrevivente. Rezo para ele que simplesmente apareça. Que ele nos surpreenda com sua presença. Depois, sabe o que faremos? Pegaremos aquelas garrafinhas de bebida que ele tirou do avião e ficaremos bêbados. Eu sei por que ele as pegou, para derramar sobre feridas e evitar infecções. Mas, se ele aparecer, vamos beber em sua honra.

— Só vou tomar um golinho da sua.

— É assim que quero que pense.

— Estaríamos em Singapura a essas alturas, sabia?

— Estive pensando nisso. Wei Jei já deve ter recebido a notícia de que o avião caiu. Odeio dizer isso, mas fico imaginando se ele está aliviado, considerando os problemas na produção. Agora, ele não tem motivo para apressar a produção dos *chips* de que precisamos, o que poderá interromper a produção do telefone. E isso é algo que não pode acontecer, por motivos óbvios. Com cada notícia negativa sobre a Wenn, as ações continuarão a cair. O pior é que, como estamos desaparecidos... e ainda sou o presidente da empresa... tenho que imaginar o que conselho fará. Rowe será nomeado presidente interino? Se ele achar que estamos mortos, poderá fazer alguma coisa. Se for inteligente, ele preferirá esperar para ver, pois você ameaçou expô-lo à esposa dele. De qualquer forma, comigo fora da equação, e dependendo de como a imprensa divulgar a notícia de que o avião caiu, o futuro da Wenn parece sombrio no momento.

— Não vamos perder a Wenn.

— Não vamos falar sobre isso agora. Talvez possamos discutir o assunto amanhã, quando minha cabeça estiver bem. Mas, agora, só quero me sentir grato pelo que realmente importa: por você estar ao meu lado e por a maioria de nós ter sobrevivido. A Wenn é só um objeto, Jennifer. No grande conjunto das coisas, não importa de verdade, importa? O que importa é que estamos juntos. Que estamos apaixonados um pelo outro. É como resolvi encarar a situação.

Deitei a cabeça no ombro dele, coloquei a mão em sua coxa e apertei-a de leve. Alex usava a camisa branca e a calça marrom que vestira naquela manhã, mas não o casaco nem a gravata. As roupas dele estavam secas, bem como as minhas. Apesar de tudo o que acontecera e tudo que nos desafiaria ao lutarmos para sobreviver na ilha, eu sabia que tinha muita sorte em estar viva e em estar lá com meus amigos e meu marido.

Especialmente meu marido. Quando ele se abaixou, beijou-me no pescoço e esfregou de leve o rosto com barba por fazer contra meu ouvido para sussurrar que me amava e que conseguiríamos sair dali, olhei para o sol que se punha

sobre o oceano e pensei em como era estranhamente bonito. Ver aquela beleza depois de um dos dias mais cruéis da minha vida era uma dicotomia difícil de aceitar. Mas lá estava, o sol deslizando de forma magnífica sobre o oceano que parecia em chamas.

Tínhamos um ao outro. Agora, só precisávamos permanecer vivos.

* * *

Mais tarde, quando chegou a hora de comer, preferimos nos sentar do lado de fora, onde Tank construía uma fogueira na praia. Depois da tempestade, encontrar algo adequado para queimar fora um desafio, mas Tank, com a ajuda de Alexa, encontrara madeira suficiente para acender uma fogueira, em volta da qual nos reunimos.

A cabana agora estava preparada para que pudéssemos dormir dentro dela. Cada um de nós tinha um cobertor. Não havia travesseiros, mas Cutter retirara do avião uma lona grande que agora cobria o chão inteiro da cabana. Era tão apertado no interior dela que dormiríamos praticamente uns em cima dos outros, mas Tank dissera que no dia seguinte ou no próximo, dependendo do tempo que demorasse para encontrar uma fonte de água potável, expandiríamos a cabana para que ficasse mais confortável para todos. Por enquanto, teria que servir... e eu não estava reclamando. Era incrível o que tinham feito em tão pouco tempo. Tínhamos sorte de ter um lugar para dormir naquela noite.

E tínhamos sorte de ter uns aos outros.

Havia a comida do avião que duraria para aquela noite e talvez para a manhã seguinte. Mas, no dia seguinte à tarde, toda a comida que tínhamos estaria estragada. Primeiro, comemos os sanduíches de carne assada, frango com tomate e mozzarella, além de alguns que eu sabia terem sido feitos especialmente para Blackwell, de espinafre, tomate, abacate e outros legumes, mas sem carne. De certa forma, era o sanduíche de mato dela.

Usamos apenas quatro das garrafas restantes de água, deixando cinco para o dia seguinte. Comemos em silêncio enquanto o fogo crepitava e fazia com que nossos corpos brilhassem. Dividimos a água, uma garrafa para Alex e eu, outra para Tank e Lisa, outra para Daniella e Alexa, e uma para Blackwell. Notei que ela tomou apenas alguns goles, provavelmente querendo economizar o máximo possível para a manhã.

— A água nunca foi tão gostosa — disse ela, segurando a garrafa em frente ao corpo. — Nem a comida. Cutter é um santo.

Tank ergueu a própria garrafa e todos nós fizemos o mesmo. — Nós sairemos desta — disse ele. — Aproveitem os sanduíches. Se estiverem com fome, sugiro comer o que Cutter conseguiu tirar do avião para nós, pois a comida só vai estragar. Portanto, comam. É o que pretendo fazer. Caso contrário, até que venham nos buscar, há muitas frutas na ilha. Também encontraremos legumes. E posso prometer que, em uma ilha tropical como esta, encontraremos água potável. Além disso, para que possamos nos lavar, talvez haja uma cachoeira por perto. Ou um lago. Nunca se sabe o que encontraremos aqui. Alexa, talvez você possa me ajudar a encontrar essas coisas.

— É claro — disse ela. — Estou ansiosa para explorar a ilha e ajudar.

— Ficarei feliz com a companhia. Quando encontrarmos algo adequado, conseguiremos nos lavar e sentirmo-nos limpos novamente. Se for preciso, poderemos lavar as roupas na cachoeira. Por questões de privacidade, faremos isso em turnos, mas suspeito que Alex e Jennifer, bem como Lisa e eu, não teremos problemas em tomarmos banho juntos. O restante de vocês pode tomar banho sozinho. Por causa do calor, as roupas deverão secar depressa, mesmo se as vestirmos úmidas. O sol aqui é forte e elas secarão em cerca de uma hora. Não será agradável, mas podemos fazer isso.

— Você não está com frio? — perguntou Alex. — Esteve sem camisa o dia inteiro por minha causa.

— Estou bem. Lavarei a camisa amanhã. Além disso, Lisa e eu dormiremos juntos embaixo da mesma coberta. Já passei por coisas piores.

— No treinamento? — perguntei.

— Parte foi no treinamento, mas a maioria não. O que é uma coisa boa. O treinamento simula o mundo real, mas não é o mundo real. Estive em ilhas como esta antes e em lugares piores. Sei o que preciso saber para me manter aquecido, mesmo se estiver nu. É por isso que a fogueira é tão perto da cabana. — Ele deu uma cotovelada de leve em Lisa. — E é por isso que eu tenho essa moça aqui.

— Como esse corpo tão pequeno vai manter você aquecido, Tank? — perguntou Blackwell em um esforço para deixar o clima mais leve. — Ao contrárxio de Jennifer, ela não tem carne sobre os ossos... não que eu esteja criticando.

— O que você não sabe sobre a minha noiva é que ela é uma pequena fogueira, Barbara.

— É mesmo? Ora, quem diria?

— É verdade — disse Lisa. — Sou muito quente. Tank tem sorte de eu não ser um dos meus zumbis. Se eu fosse, ele congelaria até os ossos... e teria outros problemas.

— Sei exatamente o quanto você é quente — disse ele.

— Ora, ora — disse Blackwell. — Que revelador. Que específico. Mas quem diabos me manterá quente?

— Não vai ser esse sanduíche vegetariano — disse eu. — Ele não vai ser suficiente. Enquanto temos comida, você deveria comer.

— Comer mais? Você deveria estar feliz por eu sequer estar comendo pão — disse ela. — Ele nunca passa pelos meus lábios. Cheio de carboidratos. Acaba com a silhueta, como você obviamente sabe, Jennifer. Mas não sou tola. Sei que preciso manter as forças e comerei o que for colocado à minha frente. E ficarei feliz em comer. Logo, alguém virá nos buscar e voltaremos para casa. — Ela fez uma pausa ao dizer aquilo e o humor que tentara injetar na conversa desapareceu de seu rosto. — Um brinde a Amy — disse ela, erguendo a garrafa d'água. — E a Max e a aos pilotos. Que descansem em paz. E que sejamos para sempre gratos a eles por nos colocar nesta ilha apenas com ferimentos leves. Eles são nossos heróis. Nunca me esquecerei do que fizeram por nós. Como salvaram meus amigos e, especialmente, minhas filhas.

— Não posso nem pensar no que aconteceu com eles — disse Lisa. — Quando penso, só choro. Eles deixaram família. Mães, pais, irmãos, esposas, maridos, filhos. É demais. Estou arrasada com a morte deles.

— Estamos todos de luto — disse Blackwell. — O que é natural, minha querida. Chore, se quiser, não há vergonha nisso. Mas receio que o peso do que aconteceu conosco hoje ainda não tenha nos atingido. Acho que alguns de nós ainda estão em choque e estão apenas se esforçando para sobreviver. Amanhã será pior. Amanhã será o teste de verdade, pois tudo que parece irreal agora parecerá subitamente muito real para todos nós.

Ela passou a mão em frente ao rosto e vi que seus olhos brilhavam. — Mas chega disso. Tank tem razão, precisamos comer o máximo possível antes que a comida estrague. Amanhã é outro dia e precisaremos trabalhar juntos para enfrentá-lo. Precisamos rezar por Cutter, para que ele volte para nós. Não consigo imaginar minha vida sem aquele jovem e sei que todos pensam o mesmo.

— Cutter voltará — disse Tank.

Blackwell olhou para ele. — Sim, voltará. E eu o mimarei muito quando voltarmos para os Estados Unidos.

— Tank — disse Daniella. — Acha que veremos aqueles porcos novamente?

— Talvez não os mesmos, mas é provável que encontremos mais. Outro confronto com eles provavelmente será inevitável. Mas há mais coisas que temos que ter em mente. Há outros predadores na ilha. Cobras e aranhas venenosas que serão muito piores do que os porcos que encontramos mais cedo. Há escorpiões e, da mesma forma como as aranhas, entrarão em nossos sapatos durante a noite.

E talvez na cama conosco, bem como carrapatos e outros insetos, como baratas. As baratas não incomodarão, mas assustarão. Por estes lados, elas têm mais de dez centímetros de comprimento. Toda manhã, teremos que fazer uma verificação de rotina no corpo para ver se houve alguma picada. — Ele olhou para todos nós. — Não estou tentando assustar vocês, mas precisam saber das consequências de estar aqui. Essas são algumas delas.

— Também precisamos ter ciência das plantas e flores nesta ilha — disse Alexa. — Tomem cuidado com o que tocam. Não morrerão por causa de alguma folhagem daqui, a não ser que decidam consumir algo que seja tóxico, mas, se encostarem na planta errada, poderão ter ferimentos que serão dolorosos. Portanto, tenham cuidado. A boa notícia é que nenhum de nós está de bermuda e, quando nos aventurarmos na floresta, estaremos protegidos, pois a maior parte das variedades venenosas de plantas cresce baixo, perto do chão. Se tiverem dúvida sobre algum tipo de planta, provavelmente poderei identificá-la.

— Finalmente, minha irmã abraçadora de árvores revela a necessidade de seus estudos — disse Daniella. — Desculpe se impliquei com você sobre o que gosta de estudar, Alexa. Tenho a sensação de que o seu conhecimento será muito importante enquanto estivermos aqui. Quero me desculpar agora por ter feito gozação do que você gosta. Nunca vi importância nisso, até agora.

— Obrigada — disse ela, dando uma piscadela para a irmã. — Mas, só para constar, você ainda é uma piranha.

— Garota, por favor. Você não viu uma vadia ainda, espere até que uma aranha me pique. É bom que todos saibam que será um caos. — Ela ergueu as mãos para o céu e vi o espírito humano ficar acima da escuridão novamente com humor. — De verdade.

CAPÍTULO 7

Quando acordamos cedo na manhã seguinte, estava úmido e quente.

O sol começava a nascer quando Tank saiu da cabana. Apesar de ter saído o mais silenciosamente possível com a camisa na mão, os sons da lona no chão o denunciaram.

Depois que todos nós verificamos se havia alguma picada, sem encontrar nenhuma, usamos a floresta, também conhecida como banheiro naquele caso, e juntamo-nos a Tank. Ele estava parado do lado de fora da cabana, no início da floresta, com a camisa ensanguentada na mão, olhando para o avião.

Ele está pensando em Cutter, pensei.

Se estivesse vestindo a camisa, eu sabia que ele a tiraria feliz para ter Cutter em segurança de volta. Eles não eram apenas colegas, eram amigos muito próximos. Eu nem conseguia imaginar como ele estava sentindo-se. Eu só conhecera Cutter por cerca de um ano, mas Tank o conhecera durante muito anos. E a ideia de não saber se o amigo estava morto ou lutando pela vida na floresta desconhecida devia ser horrível.

Não que ele fosse demonstrar as emoções para nós novamente. Ele fizera isso uma vez, brevemente, e eu sabia que não faria de novo. Tank era assim, uma caixa fechada para a maioria, mas com um coração de ouro para aqueles que eram próximos.

Ele se virou para nós.

— A essas alturas, a comida que Cutter tirou do avião é inútil por causa do calor. As exceções são as comidas não perecíveis, como salgadinhos, bolachas, amendoins e o que mais se encaixar nessa categoria. Elas podem ser comidas, mas precisam ser racionadas. Hoje, precisamos encontrar comida e água. Discutiremos quem se aventurará na floresta em um minuto. Mas há bananas, cocos e frutas cítricas nesta ilha. Provavelmente também encontraremos fruta-pão, mamão e abacaxi. Traremos para cá tudo o que encontrarmos.

— Como traremos tudo isso de volta para cá? — perguntou Daniella.

— Levaremos um dos cobertores e usaremos como saco. Os que forem, precisarão ter cuidado. Não acho que precisaremos ir muito longe para encontrar o que buscamos, mas os que forem precisam estar cientes de porcos, insetos e cobras. Lembrem-se de que as cobras frequentemente ficam penduradas em árvores. Elas cairão sobre vocês caso se sintam ameaçadas ou se forem grandes o

suficiente e estiverem com fome. Mas a maioria, se não todas, deixará que passem. Ainda assim, fiquem de olhos e ouvidos abertos. Se encontrarem uma teia de aranha grande, não se aproximem dela. Se ouvirem um sibilar, afastem-se e alertem os demais para que possamos usar outro caminho. Tomem cuidado com os arredores e prestem atenção a seus instintos. Os que forem precisarão ter união com a selva. Apesar de ser bela e sedutora, ela é perigosa.

— Por que está sendo tão vago sobre quem vai? — perguntou Blackwell.

— Porque quero que todos saibam o que esperar caso decidam ir.

— E se encontrarmos aqueles porcos selvagens horríveis de novo?

— O que aconteceu ontem foi incomum — disse Tank. — Porcos selvagens normalmente não são tão agressivos. Mas acho que a queda do avião os deixou irritados. Acho que estavam assustados e reagiram por causa do medo. Francamente, os insetos e as cobras me preocupam mais do que os porcos selvagens. Se nós os encontrarmos, a melhor forma de lidar com eles em um ambiente aberto, como a floresta, é ficar parado até que se afastem. Se fizermos isso, ficaremos bem, apesar do que aconteceu ontem.

— Então eu gostaria de fazer minha parte e ir — disse Blackwell. — Alexa também deveria ir. Ela é naturalista, o que será útil. Quanto a Daniella, acho melhor não.

— Por que não?

— Porque sei como você é.

— Eu quero ir — disse ela. — Quero ajudar.

— Ajudar ou atrapalhar? — perguntou Alexa.

— Ajudar. Lamento pela forma como me comportei no avião. Peço desculpas... e quero fazer algo bom para compensar.

— Deve haver um vulcão em algum lugar desta ilha — disse Alexa. — Talvez você possa se oferecer em sacrifício.

— Vá se foder, Alexa.

— Viu? Não há como negar o que você é...

— Eu falei sério. Desculpe. E eu vou junto.

— Ótimo. Mal posso esperar.

Tank se virou para Lisa. — Como está nesta manhã?

— Dolorida, como todo mundo, mas bem. Também ficarei feliz em ir junto e ajudar.

— Tenho outra ideia. Que tal se você ficar aqui? Pode ir até a beira da praia, onde as ondas quebram, e desenhar as letras SOS na areia. Pegue um galho na floresta, um que seja grosso, e use-o para desenhar as letras com o maior tamanho possível. O que você acha?

— Claro. E ficarei de olhos e ouvidos abertos, caso Cutter esteja por aí.

— Agradeço.

— Eu gostaria de ir — disse eu.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Não há mais sangue. Verifiquei quando fui à floresta. Eu gostaria de ir. Uma caminhada me faria bem.

— Eu também deveria ir — disse Alex.

— Alguém precisa ficar aqui com Lisa.

— Ficarei bem — disse Lisa. — Estarei em uma área aberta, na praia. Sem insetos, sem cobras. Se aparecerem porcos selvagens, entrarei na água e esperarei até irem embora. Duvido que eles me persigam na água.

— Não gosto da ideia de deixá-la sozinha.

— Se os outros querem ir, deixe que vão. Não me importo. E você tem que admitir que estar na praia não tem muito risco.

— Tem certeza?

— Tenho.

Tank olhou para Alex e eu por um momento, como se estivesse avaliando-nos. E realmente estava. — Se for junto, Alex, preciso primeiro examinar seu pescoço e trocar o curativo. Se não houver sinais de infecção, poderá ir, pois realmente será apenas uma caminhada. Mas, se houver, você e Jennifer terão que ficar aqui.

Quando ele trocou o curativo de Alex, tudo parecia bem.

— Está cicatrizando — disse ele. — Obviamente, ainda é feio, mas acho que começamos a tratar a tempo. Não vejo sinais de infecção. Acho que a pomada ajudou.

— Então coloque mais.

— Sim.

Quando terminou de tratar o pescoço de Alex e cobriu-o com uma gaze, ele se levantou e olhou para todos. Em seguida, pareceu tomar uma decisão.

— Andaremos todos juntos — disse ele. — Se encontrarmos água, pararemos para encher as garrafas vazias. Se encontrarmos frutas primeiro, colheremos e continuaremos. Esperem atrair porcos selvagens a qualquer momento. Eles estão por aí. Precisamos estar preparados para confrontá-los.

— Como devo correr de salto alto se um daqueles porcos resolver me perseguir? — perguntou Blackwell. — Ainda mais em um Chanel arruinado?

Tank colocou a camisa ensanguentada em um dos bolsos da calça e deu de ombros. — Se você está preocupada com isso, sugiro que fique aqui com Lisa.

— Foi só uma brincadeira — disse ela. — Estes saltos não serão o meu fim. Vou dar um jeito.

— É claro que sim — disse ele. — Você é Blackwell.

— Você diz isso como se eu fosse super-humana.

— E é.

— Eu sei que as pessoas acham que sou. Isso já foi escrito, sussurrado, conversado em certos círculos... os círculos certos. Mas não sou. Sou só humana. Por exemplo, se eu fosse mesmo super-humana, estaria morrendo de vontade de fumar agora? Pois estou.

— Está morrendo de vontade de quê? — perguntei.

— De fumar. Eu costumava fumar aqueles Sobrianie adoráveis no passado. Você sabe, há anos, quando ainda eram moda. Eles eram longos, finos e pretos. E tinham um papel dourado lindo no filtro. Tão decadentes... e muito elegantes. Eles aliviavam o estresse, o que eu adorava. — Ela revirou os olhos e suspirou. — Depois veio o movimento. E depois as advertências. Uma pessoa não deveria fumar. Era como se virassem um interruptor. Subitamente, fumar não era mais considerado elegante. Em vez disso, tornou-se um vício venenoso. Portanto, naturalmente eu parei, apesar de ter odiado fazer isso. Mas fumaria um cigarro agora sem pensar duas vezes. Ora, eu fumaria o maço inteiro.

— Não acredito que você fumava — disse Daniella.

— Bom, acredite. Fumei durante anos.

— Aposto como fumou enquanto estava grávida de Alexa — disse ela. — Finalmente, uma resposta, o motivo pelo qual ela é como é. Não é de surpreender que ela esteja tão determinada a lutar contra o mundo por ar puro.

— Cale a boca, Daniella.

— Na verdade, eu já tinha parado — disse Blackwell. — Mas quando eu estava grávida de você? — Ela deu de ombros para Daniella. — Não me lembro bem, mas talvez eu tenha fumado muito enquanto estava grávida de você. Talvez seja bom pensar nisso, minha querida. E nas consequências...

— Mamãe!

Tank deu um beijo em Lisa e acenou para os outros. — Vamos — disse ele. — Há trabalho a fazer.

* * *

Com Tank na liderança, nós o seguimos e fomos em direção à floresta.

Antes de sairmos, Tank encontrara um pequeno saco plástico em uma das caixas e encheu-o com as garrafas vazias que deveriam voltar cheias. Daniella carregou o cobertor sobre o ombro para usá-lo quando encontrássemos frutas.

As duas garotas estavam vestidas em trajes casuais, mas o restante de nós não.

Como Blackwell, eu também usava sapatos de salto, mas, pelo menos, a altura dos saltos era mínima. Ainda assim, andar pela floresta com a folhagem densa, o solo molhado e as raízes era um desafio. Alex segurou meu braço para me ajudar, como Alexa fez com a mãe. O melhor surgia em todos nós agora, mas eu me perguntei quanto tempo levaria até que a frustração inevitavelmente emergisse se não fôssemos resgatados logo.

Ao andarmos pela floresta, coloquei o braço em volta da cintura de Alex, beijei seu rosto e fiz mais uma prece por nosso filho. O fato de não haver sangue na calcinha naquela manhã me deu esperanças. O que eu não sabia, se tivesse perdido o bebê, era quando ficaria menstruada. Provavelmente não estaria no período normal. Eu não tinha ideia. Perguntei a Alex se ele se importaria de trocar de lugar com Alexa para que eu pudesse conversar com Blackwell.

— Qual é o problema? — perguntou ela ao segurar meu braço. — Se está cansada, não é vergonha nenhuma dar meia volta, Jennifer. Alex irá com você. Nós ficaremos bem.

— Não, estou bem. Só tenho uma pergunta.

— Pode perguntar.

— Se eu perdi o bebê, quando ficarei menstruada? Será logo em seguida? Não imagino que esteja no meu ciclo normal. Preciso de alguma informação e achei que você pudesse me dizer.

— No decorrer dos anos, amigas minhas compartilharam suas experiências comigo. Receio que não haja uma resposta certa. Algumas vezes, elas ficaram menstruadas no dia seguinte. Em outras, algumas semanas depois ou até no mês seguinte. É imprevisível.

— Não era o que eu queria ouvir.

— Eu sei que não, mas é o que sei. O fato de você não ter sangrado hoje de manhã é um bom sinal. Sentiu mais alguma cólica?

— Nenhuma.

— Enjoo matinal?

— Hoje não. Parece que me livrei dele... o que também me preocupa.

— Então, vejamos. Você não comeu hoje. Também não senti cheiro de comida. Quando estava em Nova Iorque, quando sentia enjoos matinais?

— Eu não sabia que era enjoos matinais. Achei que estava vomitando por causa do estresse do que estava acontecendo com a Wenn.

— Pense.

Pensei nos momentos em que fiquei enjoada e tentei me lembrar do que acontecera antes de correr para o banheiro. — Aconteceu uma vez quando Alex estava preparando o café da manhã — disse eu. — Na outra vez, aconteceu quando tomei café. Quando almocei com Lisa, no momento em que senti o

cheiro do salmão dela, o enjoo atacou. E houve um momento no avião, quando foi servido o café da manhã. Você deve se lembrar, pois foi quem segurou meus cabelos.

— Ainda assim, você não sentiu nada hoje. Nada causou enjoo. Precisamos ver isso como um sinal positivo. Encontraremos cocos na ilha e eles têm um cheiro muito forte. Teremos que avaliar como você reagirá ao ficar frente a frente com um coco.

— Acho que eu perdi o bebê, Barbara — disse eu baixinho para que Alex não escutasse. — Não consigo imaginar um feto com apenas um mês sobrevivendo à queda do avião.

— Não ouse desistir da esperança — retrucou ela baixinho. — Eu não desisti nem o seu marido. Você precisa ser positiva até termos certeza. Sim, o avião caiu. Sim, você teve um sangramento e cólicas. Mas esse bebê ainda pode estar vivo. Olhe onde estamos agora. Certamente, coisas mais estranhas já aconteceram.

E, quando ela disse aquilo, uma coisa estranha aconteceu. Sem aviso. Bem à nossa frente. E o que vimos foi um show de horrores.

CAPÍTULO 8

— O que é aquilo? — perguntou Daniella com medo na voz.

— Fiquem para trás — disse Tank. — Todos vocês.

Devagar, ele andou em direção a uma árvore que estava a poucos metros. Dei um passo para o lado para ver o que ele olhava. Mas, por causa dos ombros largos, não consegui ver nada até que ele se moveu para a direita para examinar o objeto. Parecia ser a cabeça de um porco selvagem, encolhida e ressecada, mas ainda não só os ossos. Os olhos não estavam lá e o que sobrara da boca estava aberta, como se tivesse capturado um grito ao morrer.

Alguém a prendera à árvore com uma lança.

— Não estamos sozinhos aqui — disse eu.

Tank não disse nada imediatamente. Ele examinou cada centímetro da cabeça, afastou-se dela e virou-se para nós. — Jennifer tem razão. Não estamos sozinhos.

— Aquilo é o que eu acho que é? — perguntou Daniella. — A cabeça de um porco selvagem?

— É.

— Quanto tempo tem?

— Não tanto quanto eu gostaria. Ainda há vermes e moscas comendo a carne.

— Quanto tempo você acha que tem? — perguntou Alex.

— Talvez uma semana ou um pouco menos.

— Então há outras pessoas nesta ilha — disse Alex.

— Receio que sim.

— O que isso quer dizer? — perguntou Blackwell, olhando para a cabeça. — Por que alguém prenderia a cabeça de um porco selvagem em uma árvore desse jeito?

— Das duas, uma. Ou é um sinal primitivo para afastar outros porcos... ou outras pessoas. Ou é uma homenagem à caça, seja feita por uma tribo ou por civis.

Antes que eu conseguisse responder, Blackwell disse: — Quem mais está nesta ilha?

— Talvez uma tribo indígena.

— Então devemos voltar — disse Alex. — Quem está aqui deve ter ouvido o avião cair.

— Certamente ouviram o avião cair. Mas por que estão em silêncio até agora? Se são hostis, poderiam ter nos matado na noite passada, mas não fizeram isso. Por quê?

— Diga-nos você — retruquei. — E o que quis dizer quando falou que civis poderiam ter matado o porco?

— Não importa o quanto esta ilha seja remota... e suponho que seja, pois ninguém veio nos ajudar quando o avião caiu e a ilha não tem eletricidade, pelo que vi... houve outros civis aqui. Posso garantir. Eles podem ter vindo para pescar, por exemplo. Algumas das melhores pescas do mundo ficam no sul do Pacífico. Também podem ter vindo para caçar porcos selvagens. Depois, entram nos barcos e partem com o que caçaram ou pescaram. Geralmente, caçadores e pescadores não ficam mais do que uma semana. Portanto, um caçador pode ter feito isso, o que é possível devido à grandiosidade do ato. Mas, se há uma tribo aqui, o que é possível, podem estar escondidos para nos observar. E provavelmente estão torcendo para irmos embora logo. Ser primitivo não significa ser burro, nunca pensem isso. Eles conhecem esta ilha melhor do que nós. Se uma tribo fez isso, então viram o avião... e também nos viram. Não chegamos aqui em um barco qualquer que bateu na praia. Chegamos em um avião que caiu sobre a ilha e explodiu no chão. Se eles existem, já processaram nossa situação. E agora têm um plano para lidar conosco. No momento, é um jogo de espera.

— Um jogo de espera para quê? — perguntei.

— Para ver se somos uma ameaça.

— O que é uma ameaça?

— Estar aqui. Roubar a água ou a comida deles.

— E se ninguém vier nos procurar? — perguntou Daniella.

— Alguém virá — disse Tank. — A pergunta é quando isso acontecerá.

— Você não sabe — retrucou ela. — Você disse que era possível que as caixas pretas tivessem sido comprometidas com a queda.

— Eu disse que a caixa na nossa parte do avião pode ter sido comprometida. Não disse nada sobre a caixa que estava na cabine.

— Que está a quilômetros de distância de nós. Como devo ter esperança quando encontro a cabeça de um porco selvagem presa em uma árvore com uma lança?

— Não deve — respondeu ele. — Só por causa disso, tudo mudou para nós. Temos um monte de problemas novos na mão. É provável que haja pessoas nesta ilha. Podem estar nos observando agora, talvez desde que caímos. Portanto, escutem bem. Trabalharemos como uma unidade. E trabalharemos depressa.

Ele parou para olhar em volta e acima. — Lá há vários coqueiros — disse ele.

— O objetivo não é subir nas árvores. É perigoso demais e não temos uma machadinha para soltar a fruta. Em vez disso, vamos vasculhar o chão da floresta em busca de algo que tenha caído recentemente e ainda esteja fresco. Vamos olhar o chão ali e ver o que conseguimos encontrar.

Ao vasculharmos o chão, encontramos doze cocos, globos verdes grandes com alguns arranhões devido à queda.

— Eles estão ótimos, mas são pesados — disse Tank. — Dê-me o cobertor, Daniella, eu vou carregá-los.

— Se há pessoas nos observando, não vão achar que estamos roubando a comida delas? — perguntei.

— Olhe quantos cocos há no chão, todos perto de apodrecer. Eles não estão preocupados com os que caíram das árvores. Se há uma tribo indígena aqui, eles sabem subir nas árvores e pegar as frutas mais frescas. É o que querem, não o "lixo" que estamos juntando.

— Desde quando eu como lixo? — perguntou Blackwell.

— Desde que caiu nesta ilha. — Ele acenou à frente. — Parece que há um campo logo ali — disse ele. — Estão vendo? Na clareira? Se tivermos sorte, encontraremos água lá.

Naquele momento, ouvi movimento na floresta. Não parecia o som de porcos selvagens, como os que tinham nos atacado no dia anterior. Eram passos e, apesar de serem muito furtivos, o som era inconfundível. Tank também ouviu. Ele olhou em volta rapidamente, mantendo a cabeça abaixada... e a serenidade.

— Estamos sendo observados — disse ele.

— Por quem? — perguntou Blackwell.

— Imagino que pelos membros da tribo. Portanto, vamos ser discretos. Pegaremos apenas o necessário. Essas pessoas estão acostumadas com gente visitando a ilha pelos motivos que citei mais cedo. Pesca, caça. No mínimo, estão curiosas sobre quem somos, especialmente por causa da forma como chegamos. Acho que devemos ir para o campo. Precisamos de água. Conheço outras formas de conseguir água, se for preciso, mas não são tão eficientes quanto encontrar uma fonte que podemos usar todos os dias. Precisamos avançar.

— Mas é seguro?

— Se eles quisessem algum confronto, já teriam iniciado um. Então, acho que é seguro.

— Deveríamos voltar — disse eu.

— Se queremos sobreviver, precisamos de comida e água, Jennifer. Eles sabem disso. Não será a primeira vez que alguém veio para a ilha deles atrás dessas coisas. Portanto, vamos lá.

Ele pendurou nas costas o cobertor com os cocos e nós o seguimos para fora da floresta até uma clareira imensa. Até onde era possível enxergar, havia uma infinidade de plantas baixas com pontas espinhosas banhadas pelo sol.

Mas não vi um riacho nem um lago. Pelo menos, não ali.

— Abacaxi — disse Tank. — E olhe só a quantidade. Deve haver centenas de acres.

— Temos cocos — disse Daniella. — Não deveríamos colocar isso em nossa lista de "Onde está a comida" e tentar encontrar uma fonte de água mais tarde? A água de coco nos hidratará. E não podemos deixar Lisa sozinha para sempre. Agora que sabemos que há pessoas na ilha, também sabemos que ela está vulnerável.

— Já estamos aqui e podemos muito bem pegar o que der. Pegaremos uma dezena de abacaxis, o que não é nada em um campo tão grande. Depois, daremos o fora daqui.

— Mas e a água? — perguntei.

— Há água por toda parte na praia.

— Como assim? — perguntou Alex.

— Ela está nos bambus — respondeu Tank. — Basta cortar a casca macia e, depois de algum tempo, a árvore soltará litros de água pura. Como eu disse antes, não é tão eficiente quanto gostaria. Mas, se for preciso, encheremos as garrafas desse jeito e não teremos que nos preocupar com nada que nos prejudique. Os bambus têm um sistema próprio de purificação e estaremos seguros. Quanto à água para tomar banho e lavar as roupas, ainda precisaremos procurar um lago ou uma cachoeira. Mas isso não é a prioridade agora. A comida é.

— Tank — disse eu ao andarmos pelo campo para colher os abacaxis. — Meu tio Vaughn era um caçador de lagostas no Maine. E um pescador por esporte.

— Lembro de você ter me dito isso.

— Aprendi com ele a pegar peixes com uma lança. E também sei pegar lagostas. Há lagostas aqui?

— Há lagostas por toda parte aqui.

— Posso conseguir comida assim. Vi ao longo da praia algumas áreas rasas com corais cheias de peixes. Vi muitos vermelhos. Se há lagostas aqui, não serão tão fáceis de pegar, mas sei como encurralá-las. É assim que se pega lagostas.

— Se tirarmos comida do mar, como a maioria das pessoas que vêm aqui faz, provavelmente não será um problema com a tribo, pois o mar é visto como algo que sempre fornece alimento. Roubar abacaxis frescos deles é outra questão, não importa o quanto o campo seja grande, pois eles demoram a amadurecer. Quem sabe o tamanho da tribo ou o quanto ela depende deste campo? Até onde

sabemos, foram eles que plantaram. Se foi mesmo, estamos ultrapassando os limites. Daniella e Alexa, quantos abacaxis vocês pegaram?

— Eu peguei sete — disse Alexa.

Daniella estava com os braços cheios. — Eu tenho oito — respondeu ela.

— É o bastante para durar dois dias, talvez mais com os cocos e os peixes que Jennifer conseguir pegar. Então chega. Coloquem-nos no saco. — Ele abaixou o cobertor para que elas colocassem os abacaxis. Em seguida, ele olhou para mim. — Mais tarde, você poderá pescar. Mas precisará de uma lança para isso?

— Sim.

Ele se abaixou, levantou a perna esquerda da calça e expôs uma faca presa ao tornozelo. Ela parecia ter cerca de quinze centímetros de comprimento. — Então fico feliz por ter viajado com isto — disse ele. Em seguida, ele ergueu a outra perna da calça, mostrando uma arma. — E com isto. E sim, ela está carregada e tenho munição suficiente. Foi uma das coisas que Cutter tirou do avião. Temos pentes de munição selados em um envelope. Vocês provavelmente não notaram.

Nós todos olhamos para ele surpresos.

— Por que não usou nenhuma delas nos porcos selvagens que nos atacaram? — perguntei.

— Porque não foi necessário. Sou grande o suficiente para lidar com uma porca adulta. Mas talvez não consiga lidar com uma coisa desconhecida mais assustadora, como a tribo que está nos observando. Portanto, vamos embora. Estou começando a achar que não temos outra opção.

— Deveríamos usar um caminho alternativo para voltar — disse Alexa.

— Por quê? — perguntou Tank.

— Porque poderemos encontrar uma fonte de água no caminho.

— Boa ideia. Que caminho você sugere?

— O declive à nossa esquerda. A gravidade é a melhor amiga da água. Cortaremos pela esquerda por ali para ver o que encontramos. A praia onde Lisa está trabalhando não fica longe dali.

— Você é um gênio — disse Blackwell.

Ela sorriu, mas foi um sorriso que não durou muito. Ao voltar para a floresta, ela virou à esquerda e andou com passos determinados pela vegetação que era tão alta que ocultou a vista de uma teia de aranha imensa, estendida entre duas palmeiras.

Alexa andou diretamente para a teia.

Em um instante, o corpo dela ficou coberto pela teia grudenta. E isso foi o suficiente para colocar em movimento a maior aranha que eu já vira. O animal devia ter pelo menos trinta centímetros de comprimento. Parecia algo totalmente irreal.

Quando a aranha começou a correr na direção de Alexa, eu e Blackwell gritamos. Alexa se debateu, tentando se soltar da teia, mas só pareceu piorar as coisas. Quando o instinto tomou conta dela, ela parou de se mexer antes de ficar imobilizada.

— Socorro! — gritou ela.

Tank correu em sua direção.

A teia era forte e Alexa causara danos suficientes para não conseguir se mexer. Ela parecia uma múmia para mim... e provavelmente um banquete para a aranha que se aproximava rapidamente, proveniente da árvore à minha direita.

Tank se abaixou e pegou a faca.

Mas foi tarde demais. A aranha chegou ao pescoço de Alexa e rastejou em volta dele duas vezes antes de parar, pronta para reclamar a presa. Senti-me perto de desfalecer com aquela visão... e só consegui assistir horrorizada quando a aranha se preparou para o inevitável.

CAPÍTULO 9

Mas a aranha não teve a oportunidade.

Com a mesma agilidade que ele mostrara com os porcos selvagens, Tank moveu a faca em direção ao pescoço de Alexa de tal forma que teve certeza de que a atravessara.

Mas não atravessou.

Em vez disso, a faca cortou as costas largas da aranha, matando-a instantaneamente. As pernas do animal se estenderam em choque e, logo depois, encolheram-se quando a aranha caiu no chão da floresta. Para garantir que estivesse morta, Tank a pisoteou como se estivesse pisoteando um rato.

No início, houve um momento de alívio. Mas logo percebemos que a aranha que surgira era apenas uma das centenas escondidas nas árvores em volta de Alexa. Ela fora pega em um ninho das aranhas. Apesar de as outras serem minúsculas, provavelmente filhotes da aranha que Tank matara, elas correram das árvores em direção a Alexa em uma velocidade surpreendente.

Alex viu, correu para o lado de Tank e começou a puxar a teia do corpo de Alexa antes que as aranhas a picassem.

— Cuidado com as mãos — disse Tank a Alex enquanto eles tentavam soltar Alexa. — Tenha cuidado.

Juntos, eles rasgaram a teia, mas havia uma quantidade tão grande em volta de Alexa que algumas aranhas conseguiram chegar ao rosto dela antes que a soltassem.

Tank e Alex as espantaram, tentando tirá-las antes que conseguissem atacar.

— Tem uma bem em cima do meu olho direito! — disse ela. — Mate!

Alex matou a aranha quando Tank, com grande esforço, segurou o braço dela, que estava cheio de aranhas, e soltou-a da teia com um puxão. Em seguida, ele passou as mãos pelos braços e pernas dela, esmagando as aranhas com as mãos nuas. Alex rapidamente fez o mesmo.

Juntos, eles passaram as mãos pelo corpo dela, depois pelas pernas até os pés e, finalmente, na cabeça e nos cabelos, que pareciam estar cobertos por uma gaze. Para evitar que ela fosse picada, eles arrancaram a teia, matando as aranhas que viam. Naquele momento, Alexa soltou um grito.

— Fui picada! — disse ela.

Blackwell, Daniella e eu chegamos mais perto.

— O que podemos fazer? — perguntei.

— Afastem-se — disse Tank. Ele olhou para Alexa. — Onde você foi picada?

— Senti duas picadas na nuca. E não estou me sentindo bem, meu corpo está começando a ficar mole. Está ficando difícil de respirar.

Blackwell avançou. — Há mais aranhas nela — disse ela. — Nas pernas... aqui. — Ela esmagou as aranhas com as mãos. — E nos braços, aqui. — Novamente, ela agiu, juntando-se a Tank e Alex para tirar as aranhas que infestavam o corpo de Alexa e a teia ainda grudada nela. Meu coração começou a bater mais depressa ao ver aquilo. E, com uma força inesperada, senti uma cólica que fez meus joelhos cederem. Quando uma segunda cólica me atingiu, Daniella segurou meu braço e gentilmente afastou-me de Alex para que ele não visse o que estava acontecendo comigo.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Não sei.

— Você precisa se sentar. Nem deveria estar aqui. Deveria ter feito o que Tank disse e ficado na cabana para descansar.

— Eu estava bem hoje cedo.

— A cólica pode significar que ainda está grávida.

Eu não pensara nisso, mas a lógica dela fazia sentido. Pela primeira vez, Daniella dissera algo inteligente.

— O que eu posso fazer? — perguntou ela.

— Leve-me até aquele toco de árvore. Preciso me sentar. Não quero que Alex me veja assim. Não quero que ele se preocupe. Quero que ele tenha esperança.

— Acho que você tem esperança — disse ela. — Se não, por que teria cólicas? Se tivesse perdido o bebê, não faria sentido algum ter cólicas. A não ser que tenha ficado menstruada.

— Não, essa foi diferente.

— Então o que você precisa fazer é se sentar e ficar quieta. Precisa cuidar de si mesma.

— Ela foi picada — disse Tank. — Duas vezes, pelo que vi.

Olhei para eles e vi que tinham carregado Alexa para longe da área infestada de aranhas e que ela estava deitada de bruços no chão. Tinham tirado a maior parte da teia de cima dela, mas e as aranhas? Tinham matado todas elas? As aranhas tinham entrado na roupa dela? Um número muito grande de aranhas tinha saído das árvores e parecia improvável que não houvesse mais nenhuma nela... e talvez ela fosse picada novamente. Se não ela, talvez Alex, Tank ou Blackwell. Como estavam com as mãos nuas, todos corriam risco. Qualquer coisa poderia acontecer.

— Fique quieta — disse Tank a Alexa. — Isso vai doer, mas precisamos tirar

o veneno agora.

Ele examinou a nuca dela, identificou onde estavam as picadas e, com um movimento rápido da lâmina, fez uma pequena incisão, pressionou os dedos nos dois lados do corte e começou a apertar com força até que o sangue escorresse.

— Precisa chupar para tirar o veneno? — perguntou Blackwell.

— O que saiu daquelas árvores foi uma infinidade de aranhas bebês. Alexa é forte e o veneno delas não é tóxico o suficiente para causar grandes danos. Só preciso continuar aplicando pressão aqui e deixar o veneno sair com o sangue. Depois de um dia de descanso, ela se sentirá bem novamente. Ela teve sorte. Se a mãe a tivesse picado, poderia estar morta.

— Que tipo de aranhas são aquelas?

— Não sei ao certo. Dado o tamanho da fêmea, eu diria que era uma aranha-lobo, que vive nestas áreas. Mas quem sabe? Pode ter sido algum outro tipo. Como eu disse a todos antes, é exatamente por isso que precisamos ter cuidado na floresta. Há criaturas venenosas por todo lugar, de cobras a aranhas e insetos.

— E nativos — disse Blackwell. — Que provavelmente estão nos observando agora.

Tank não respondeu. Quando terminou de aplicar pressão no ferimento do pescoço de Alexa, ele se abaixou e perguntou se ela estava sentindo-se melhor.

Mas ela não respondeu. Em vez disso, começou a suar... e, em seguida, a tremer.

— Qual é o problema dela? — perguntou Blackwell, com medo claro na voz.

— Ela está tendo uma reação ao veneno.

— Ela pode ter sido picada em algum outro lugar.

— Pode ser. É por isso que temos que levá-la de volta ao acampamento o mais rápido possível e examinar para ver se há outras picadas.

— Mas deveríamos fazer isso aqui — retrucou Blackwell. — Agora. Enquanto o tempo está do nosso lado.

— Não matamos todas as aranhas naquela teia, Barbara. Mesmo tendo movido Alexa para cá, aquelas aranhas estão agitadas e são rápidas. Poderão estar sobre nós a qualquer momento. Sugiro darmos o fora daqui e levarmos Alexa de volta para onde eu possa examiná-la.

— Ela vai morrer? — perguntou Daniella.

— Ela não vai morrer.

— Como você sabe?

— Tank é treinado para estas situações, Daniella — disse eu.

— Não é bom o suficiente.

— O que é bom é que estamos perdendo tempo. — Tank se levantou. — Alex, leve as frutas. Eu levarei Alexa. Vamos.

Ao terminar de falar, Tank ergueu Alexa nos braços e começamos a percorrer o caminho de volta até a cabana, sem saber como estava a saúde de Alexa... nem quais seriam as consequências da absorção das toxinas injetadas.

SEMANA 2

CAPÍTULO 10

Foram necessários quatro dias para que Alexa finalmente voltasse ao normal, mas não sem uma luta intensa dela... e de Tank.

Nos suprimentos médicos que Cutter retirara do avião antes de desaparecer, havia três coisas essenciais para os cuidados com ela, todos eles itens comuns: Benadryl para auxiliar com a inflamação e a coceira, Tylenol para reduzir a febre e penicilina para combater a infecção.

Alexa teve sorte de ser picada apenas duas vezes pelas aranhas que a atacaram. Nenhuma outra picada foi encontrada em seu corpo, o que Tank atribuiu à quantidade de teia que a envolvera.

A água era essencial para lavar as toxinas do corpo dela e Tank fez o que dissera mais cedo, mostrando a todos como retirar água dos inúmeros bambus que rodeavam a cabana.

Ao que parecia, bastava usar uma faca para cortar um pedaço da casca macia e esperar que a água purificada saísse em um fluxo contínuo, que encheu nossas garrafas vazias com água. Eu nunca ouvira falar daquilo, mas fiquei grata por Tank saber. O acesso àquela água nos salvou, bem como duas viagens adicionais para buscar cocos caídos no chão da floresta.

Cada vez mais, começamos a sentir a presença da tribo. Ouvimos passos aleatórios na floresta durante o dia e perto da cabana tarde da noite. Por isso, decidimos não chegar perto dos abacaxis e passamos a pegar apenas as frutas caídas no chão.

Além dos cocos, que Tank abriu batendo-os contra uma rocha, também comemos fruta-pão e mamão que Alex e eu encontramos durante uma caminhada pela floresta. Além disso, Tank fizera uma lança para mim e consegui pegar alguns peixes na maré baixa. Tank e eu limpamos os peixes, que foram assados em uma fogueira com espetos de bambu. Não era algo perfeito, mas era comida... e ficamos gratos por tê-la, mesmo tendo que comer o peixe com as mãos.

E mesmo parecendo que, por algum motivo, ninguém nos procurava.

Quando voltamos para a cabana com Alexa, Lisa terminara o SOS na praia. Mas, em vez de pegar um galho e arrastá-lo pela areia para desenhar as letras,

ela fora além. Encontrara rochas e fizera um sinal tridimensional imenso que poderia ser visto facilmente do ar.

Mas aquele dia marcava o início da nossa segunda semana na ilha e, a essas alturas, eu não tinha certeza se alguém veria aquele sinal.

Todos tinham uma teoria sobre o motivo de ainda estarmos lá, que variava da destruição da caixa preta que ficava perto da parte de trás do avião à pergunta sobre onde a cabine caíra ao ser arrancada antes da queda. Estávamos movendo-nos tão depressa naquele momento que Tank disse que ela podia ter caído no oceano a quase cem quilômetros de distância. Talvez as equipes de resgate tivessem concentrado os esforços lá, achando que o avião inteiro caíra no oceano.

A esperança de sermos encontrados ainda não deixara nenhum de nós, mas a preocupação, o estresse e a tensão aumentavam. Era o nosso fim? Nunca nos encontrariam? Eram perguntas às quais ninguém sabia responder. Na verdade, a única resposta era sobreviver... e esperar. E ter esperança. E rezar, como rezávamos todos os dias pela volta de Cutter, apesar de parecer algo improvável.

Duas vezes, Tank voltara ao local do acidente para procurar o amigo na floresta, retornando a cada vez para nos dizer que não havia sinais do corpo de Cutter. Nenhum osso, roupas nem pedaços de corpo resultantes da explosão do avião. Ele estava convencido de que Cutter ainda estava em algum lugar na floresta, levado pela tribo ou incapaz de se mover por causa dos ferimentos.

O que nenhum de nós comentou foi que não sabíamos como alguém conseguiria sobreviver com ferimentos e sem água nem comida por uma semana. Não parecia possível para nenhum de nós, exceto Tank, que mencionara mais de uma vez que Cutter fora treinado justamente para aquele tipo de situação e que havia várias formas de sobreviver em locais isolados como aquele, especialmente em uma ilha tropical que tinha muitos recursos. No entanto, ele admitiu relutantemente que o tempo estava esgotando-se.

A única coisa positiva resultante da busca de Tank por Cutter foi que ele encontrara uma cachoeira, que agora usávamos diariamente para nos lavar. Era onde eu e Alex estávamos naquele momento, com Tank por perto para nos proteger, mas fora de vista. Ele estava com a arma e a faca. Todos nós podíamos tomar banho uma vez por dia, mas somente se Tank nos acompanhasse por questões de segurança.

Ninguém reclamou daquilo.

Antes que Alex e eu tirássemos a roupa, paramos na beira da água e admiramos a cachoeira, que brilhava ao cair do pico alto à nossa frente. Ela era rodeada de folhagens densas e flores com uma infinidade de cores vibrantes. Havia flores vermelhas, roxas, azuis, amarelas e cor-de-rosa. Havia também

pássaros, dezenas deles, gritando ou cantando ao voarem de uma árvore para outra. Olhando para a vista, era como se ela tivesse saído diretamente de Hollywood, e não parte do que se tornara, para nós, um pesadelo. Ainda assim, sua beleza era tanta, com os sons da água caindo e dos pássaros cantando tão reconfortante, que oferecia o que todos nós precisávamos: um refúgio necessário e ilusório.

— É lindo, não é? — disse Alex.

— Não tem o direito de ser, mas é.

— Ainda assim, você é mais linda.

Corei quando ele disse aquilo, apesar de saber que não era verdade. — Obrigada, mas você deu uma boa olhada em mim ultimamente? Estou um desastre.

— Para mim, não. Está mais linda do que nunca.

Virei-me para ele e, ao perceber o amor refletido em seus olhos, mergulhei em seu abraço e beijei-o profundamente, sabendo que, apesar de Tank não estar longe, nunca espiaria nem perturbaria nossa privacidade. Naquele momento, eu e meu marido estávamos sozinhos.

— Como você está? — perguntou ele, acariciando meus cabelos.

— Feliz em ter você comigo — disse eu. — Aliviada por seu pescoço estar quase curado e por você ter recuperado as forças. — Nós nos afastamos e coloquei a mão no rosto dele. — Não consigo imaginar a vida sem você, Alex. Não quero nem imaginar. Você me assustou muito quando o avião caiu. Não conversamos muito sobre o assunto, mas ver Tank ressuscitar você foi um dos piores momentos da minha vida. Tank trouxe você de volta para mim e, por isso, devo tudo a ele.

Quando ele sorriu para mim, foi um sorriso tão gentil e amoroso que quase derreti. A barba crescera bastante, o que achei que combinou bem com ele, apesar de esconder as covinhas que eu tanto amava.

— Eu amo você, Jennifer.

— Eu também amo você. Mais do que imagina.

— Tank me trouxe de volta, mas você também.

— O que quer dizer?

— Ainda não é o nosso fim. Eu sei que as coisas parecem desanimadoras no momento, mas seremos encontrados. É algo em que preciso acreditar. E, quando formos encontrados, envelheceremos juntos, teremos filhos, cuidaremos da Wenn juntos. Depois, nós a entregaremos aos nossos filhos e fugiremos. Ainda somos jovens. Temos a vida inteira pela frente. Depois do acidente, lutei para voltar para você e para o nosso futuro. Você e Tank são os motivos para eu estar vivo agora. Tank fez o trabalho físico, mas você foi o ímã que me puxou de

volta.

— Você vai me fazer chorar.

— Não foi a minha intenção.

Pisquei várias vezes para afastar as lágrimas.

— Nada disso — disse ele, acenando para a cachoeira. — Que tal tomarmos uma "ducha" relaxante hoje? Desta vez, não precisamos ter pressa.

— Mas Tank normalmente quer que sejamos rápidos.

— Talvez eu tenha tido uma conversinha com Tank...

Ergui a sobrancelha para ele.

— Olhe — disse ele. — Sinto falta da minha esposa, de abraçá-la, de ficar sozinho com ela. E sinto falta de fazer amor com ela. Apesar de isso estar fora de questão no momento por causa do bebê, pelo menos podemos ir até àquela cachoeira linda, ficar sob a água fria neste dia quente, lavar as costas um do outro. Talvez você me deixe massagear seus ombros. Eu gostaria de passar algum tempo com você antes de voltarmos para o grupo. Só você e eu. — Ele se aproximou, beijou-me novamente e começou a desabotoar minha camisa. — Então, o que me diz?

— Acha mesmo que vou me recusar a passar um tempo com o meu marido? Ou a ter as mãos dele em mim?

— Espero que não.

Comecei a desabotoar a camisa dele, que revelou o peito musculoso, tirei-a e pendurei-a em um galho próximo, como ele fizera com a minha. Tiramos o restante das roupas e, sem aviso, os lábios de Alex ficaram sobre os meus novamente. No começo, foi um beijo terno, mas, quando começou a ficar mais ardente, senti o amor que ele sentia por mim percorrer seu corpo, encontrando resposta no meu. Quando nos afastamos, encostei a testa na dele e, por um momento, ficamos daquele jeito... com os olhos fechados e o coração cheio de amor.

— Apesar de tudo, estou grata — disse eu. — Poderia ter sido pior. Eu poderia ter perdido você.

— Mas não perdeu.

— Não, não perdi. Graças a Deus.

— Vamos mergulhar — disse ele. — Temos trinta minutos. Vamos usar esse tempo para esquecer a semana que passou.

— E isso é possível?

— Qualquer coisa é possível entre nós.

Quando chegamos à cachoeira, a água estava fria, mas não gelada, o que pareceu perfeito. Ela caía sobre nós, oferecendo uma massagem. Mas Alex queria mais do que aquilo. Ele me virou e ficou atrás de mim.

— Deixe-me massagear seus ombros — disse ele.

Eu o senti contra as nádegas e, apesar de querer estar com ele, isso estava fora de questão até descobrirmos a situação do bebê. Mas a intimidade tinha muitas formas. O que me surpreendia era que, ao optar pela abstinência, Alex e eu estávamos mais próximos do que nunca. Eu sempre nos considerara uma unidade, mesmo antes do casamento, mas nada como aquilo. Aquilo era algo profundo. Era o amor de verdade. Era real e eu tinha sorte de tê-lo.

Com uma força que me reconfortou, Alex começou a massagear meus ombros doloridos. Decidi relaxar e entregar-me a ele. Relaxei e aqueci-me sob o toque dele. Meus ombros doíam, mas, pela forma como Alex os massageava, eu sabia que não estariam tão tensos quando ele terminasse. As mãos dele eram mágicas.

— Que tal? — perguntou ele.

— Uma bênção. Quando terminar, farei o mesmo por você.

De certa forma, parecia ilícito estarmos nus juntos em um lugar aberto. Por outro lado, parecia estranhamente certo. Estávamos em um lugar primitivo, escondidos em uma floresta desconhecida. O que poderia ser mais adequado do que literalmente sermos um só com a natureza? Enquanto Alex continuava a massagear meus ombros, com a água fria caindo sobre nós, a brisa quente da floresta fez com que as árvores balançassem. E, com os raios de sol dançando à nossa volta, pela primeira vez desde o acidente, senti-me quase normal.

— Vamos superar isto, Jennifer — disse ele baixinho. — Eu prometo. Eles vão nos encontrar.

— Como sabe disso?

— Eu só sei.

— Mas nem ouvimos o som de um avião. Nem uma vez. Nada.

— Ouviremos. Preciso que acredite nisso.

Mas, dois dias depois, o nono dia na ilha, ninguém aparecera. Apesar de constantemente ficarmos atentos ao barulho de aviões procurando-nos à distância, não ouvimos nada. E ainda não havia sinal de Cutter, que eu temia àquela altura estar morto. Cada vez mais, a ideia de não sermos encontrados cresceu no meu coração de uma forma que não dividi com ninguém. Para manter o moral, era essencial permanecer positiva e foi o que eu e os outros fizemos. Mas por quanto tempo conseguiríamos sustentar isso?

E, pior ainda, a cada dia longe dos médicos, nosso bebê, se ainda estivesse vivo, perdia as esperanças de sobreviver.

CAPÍTULO 11

Foi depois do almoço naquele nono dia que Daniella deixou claro para o grupo que precisávamos encontrar outra fonte de comida.

— Não aguento mais comer coco e mamão — disse ela.

— Você deveria ficar feliz por ter algo para comer — respondeu Alexa. — E não se esqueça de que Jennifer foi gentil o suficiente para pegar peixes para quem quisesse comê-los. Acredito que você seja uma dessas pessoas. Por exemplo, no jantar ontem à noite, vi você comer dois deles. Por falar nisso, ver você comer aqueles peixes com as mãos foi nojento.

Daniella se virou para ela. — Como se eu tivesse opção.

— Você parecia uma troglodita. Estava com a boca enterrada naquele peixe, toda suja.

— Olhe, senhorita abraçadora de árvores, todos nós ouvimos aqueles porcos selvagens andando aqui por perto. Por que Tank não pode atirar em um deles para que possamos assá-lo... e comê-lo? É só porco. E agora, para mim, porco parece uma delícia. Dê-me algumas costelinhas. Um pedaço bem suculento.

— Deixe de ser nojenta.

— Sou humana.

— Defina "humana".

— Ora, por favor. Ajudei a cuidar de você quando estava doente. Não se esqueça disso, Alexa. Fiquei ao seu lado durante dias... e mal me afastei.

Ao ouvir aquilo, o rosto de Alexa suavizou. — Não me esqueci do que fez por mim, Daniella. Lembro até mesmo de você segurando minha mão, mas também lembro de pensar, naquele momento, que só fez isso porque queria roubar um dos meus anéis.

Daniella estava prestes a responder quando Alexa ergueu a mão. — Estou brincando. Obrigada por cuidar de mim. Na verdade, obrigada a todos pelo que fizeram por mim. Eu não estaria aqui sem vocês. Mas, voltando ao assunto, não como carne porque não quero. Acho que é cruel. Os porcos deveriam poder continuar vivendo, passeando pelos campos abertos.

— Com um arco-íris no céu e unicórnios voando em volta deles? — perguntou Daniella.

— Em um mundo perfeito, sim. Há frutas suficientes nesta ilha para sustentar todos nós. Por que temos que matar um dos porcos?

— Pense desta forma: eles são porcos livres. Até o momento, viveram contentes e felizes sem antibióticos nem hormônios de crescimento. Não é isso que o seu pessoal defende? — Ela estalou os dedos. — Mas, com uma bala bem colocada, poderíamos derrubar uma das mães bem assim. Bang, bang. Morta. Isso deveria deixar sua consciência tranquila.

— Não deixa.

— Ótimo. Coma o tanto de fruta que quiser. Esta garota aqui quer um pouco de carne.

— Que novidade. Pelo que ouvi, nada com menos de dezoito centímetros serve para você.

Com aquele comentário, as duas garotas se encararam, mas começaram a rir, em vez de entrar em uma briga, como teria acontecido no passado. Olhei para Alex, que deu de ombros quando elas começaram a fingir uma briga. Em seguida, virei-me para Lisa e Tank, que olhavam para Daniella e Alexa com horror.

Foi quando Blackwell se aproximou de mim e colocou a mão no meu ombro.

— Quer dar uma caminhada comigo? — perguntou ela.

— Para onde?

— Só ao longo da praia. Tank conseguirá nos ver. Eu gostaria de um momento a sós com você.

Fiquei imaginando o motivo, mas disse: — Claro. — Olhei para Tank. — Barbara e eu vamos dar um passeio ao longo da praia. Ficaremos à vista. Tudo bem?

— A praia não tem problema. Mas não saiam das minhas vistas — respondeu ele.

— Não sairemos.

Quando me levantei, Barbara passou o braço pelo meu e começamos a andar na direção do oceano de pés descalços. A areia estava quente e fomos para perto da água, onde ela estava fria e úmida.

— Aquelas garotas vão acabar comigo — disse ela.

— Na verdade, vi uma mudança nelas desde que Alexa se recuperou. Acho que ver Alexa lutar mostrou a Daniella que a irmã não estará lá para sempre. Elas parecem estar se dando melhor.

— Elas precisam crescer.

Ao andarmos pela praia, os destroços do avião e a destruição em seu rastro ficaram à vista. Muitas árvores tinham sido derrubadas na queda. Havia pedaços do avião por toda parte, o mais notável deles sendo uma das asas à nossa esquerda. Havia também um rastro fundo onde ele batera na areia, que se enchia de água quando a maré subia, como agora. Mas a praia era tão grande que havia

areia suficiente onde caminhar mesmo com a maré alta.

— Como você está se sentindo? — perguntou Blackwell.

— Não fiquei menstruada, se é o que está perguntando.

— Seria minha segunda pergunta. Então, perguntarei de novo. Como está se sentindo?

— Tensa. Ansiosa. Triste por causa de Cutter. Preocupada com todos. Imaginando por que ninguém veio nos buscar e se algum dia sairemos desta ilha. Você sabe, as mesmas coisas desde que chegamos aqui.

— É compreensível. Teve mais alguma cólica?

— Não.

— E já disse que não ficou menstruada.

— Não.

Ela apertou meu braço com um pouco mais de força. — Ainda bem — disse ela. — Ainda há esperança.

Eu não queria falar sobre como me sentia desesperada sem saber se perdera o bebê e mudei de assunto. Apesar de estar consumida o tempo inteiro por aquilo, conversar sobre qualquer outra coisa era ótimo.

— Como você está se saindo? — perguntei.

— Ah, você sabe... divina.

— Que tal abrir o jogo comigo?

Ela suspirou. — É como você — disse ela. — Eu estava aterrorizada por causa de Alexa. Ver o que aquela garota passou, com aquelas aranhas rastejando sobre ela... e depois ver como lutou... foi horrível. O pior. Tentei me controlar, mas vou lhe dizer que estava à beira de perder o controle naquela primeira noite, quando ela estava pior. Quando voltarmos para casa, Tank receberá um bônus enorme diretamente de mim. Ele salvou aquela garota. Todos sabemos o que ele fez por ela.

— Ele salvou todos nós desde que chegamos aqui. Primeiro, o que ele fez por Alex. Depois, teve que espantar aqueles porcos selvagens. Em seguida, o que aconteceu com Alexa. E, acima de tudo, há o problema da água. Quem sabia que o bambu podia ser usado daquela forma?

— Exatamente. Por isso o bônus.

— Tenho quase certeza de que Alex também fará isso.

— Ele merece. Agora, escute-me. Há outro motivo pelo qual eu queria ficar sozinha com você. Quando vamos dormir... você escuta o que eu escuto?

— Os passos?

— Sim.

— Escuto. Alex e Tank também. Quanto às garotas, não sei, acho que elas conseguem dormir com qualquer barulho. Mas o que escuto me deixa nervosa,

especialmente porque não vi sinais deles ainda. É óbvio que não estamos sozinhos aqui, mas continuo voltando ao que Tank disse. Vieram pessoas para a ilha para pescar e caçar, provavelmente durante décadas. Geralmente, elas partem em uma semana. Mas, por causa do acidente, quem está aqui sabe que não viemos para pescar nem caçar. É pior e eles sabem disso.

— Você conversou com Tank sobre isso?

— Alex conversou.

— E qual é o consenso?

— Que quem está nesta ilha conosco está curioso.

— E quando a curiosidade se transformar em perigo?

— É o que nenhum de nós sabe.

— Na noite passada, juro para você, ouvi os passos logo do lado de fora da cabana. E havia mais passos do que o normal. Devia haver uns seis deles, andando à nossa volta. Quase enlouqueci de preocupação.

— Tank tem uma arma. E uma faca.

— E quem sabe o que eles têm? Você viu a cabeça daquele porco selvagem espetada na árvore. Eles a colocaram lá como aviso para quem visita a ilha? Ou foi só um caçador aleatório marcando o prêmio do dia? Eu acho que é a primeira opção. Eles não nos querem aqui e nenhum de nós falou no assunto porque achamos que já teríamos sido resgatados a essas alturas. Mas não aconteceu. Portanto, o que faremos se eles decidirem nos atacar? Quem sabe com o que estamos lidando? Sou mãe e preciso proteger minhas duas filhas. Em algum momento, provavelmente depois do jantar hoje à noite, vou pedir a Alexa e Daniella que reabasteçam nosso suprimento de água. Enquanto elas estiverem fora, poderemos discutir a situação. Precisamos de um plano, caso alguma coisa aconteça. No momento, não temos nada.

— Tank pode ter alguma coisa em mente.

— Se tem, precisa dividir conosco, não?

Eu assenti.

— Nosso lugar não é aqui — disse ela. — Somos invasores. Estamos comendo a comida deles, bebendo a água deles... mesmo que venha de uma maldita árvore. Eles estão nos tolerando por enquanto, mas querem que saiamos daqui, tanto quanto queremos sair. Portanto, quanto tempo levará até que deixem isso bem claro? E sabe-se lá como farão isso.

— Conversaremos hoje à noite, depois do jantar — disse eu. — Enquanto ainda estiver claro. Daniella e Alexa podem encher as garrafas enquanto conversamos para que não fiquem ainda mais alarmadas.

— Apesar de Daniella ser uma pateta, Alexa é mais esperta em relação a esse tipo de coisa. Ela lê. Ela é inteligente. Durmo ao lado dela e sei que ela também

os escuta do lado de fora da cabana porque segura minha mão, com medo, e fica imóvel até o momento em que vão embora.

— Eu não sabia disso.

— Ela já fez isso três vezes. Acho tolice não termos proteção além da arma e da faca de Tank. Quem sabe quantos há lá fora? Se, por exemplo, eles têm lanças, deveríamos ter lanças. Precisamos conversar sobre isso antes que seja tarde demais. E, considerando a forma como se comportam, tarde demais poderia ser hoje à noite. Acho que estão ficando mais agressivos. Ou "curiosos". Seja lá como for que queira colocar as coisas, não parece nada bom para nós.

— Por que eles vêm tão tarde?

— Para que não sejam vistos.

— Vamos resolver isso depois do jantar.

— É o que eu queria ouvir. Se alguém pretende me atacar ou às minhas filhas, quero ter uma chance de lutar. E todos os outros naquela cabana deveriam ter a mesma oportunidade. Mas somente Tank consegue fazer isso agora... eu não. Você não. Alex, Lisa e as garotas também não. Isso não está certo. E pretendo tocar no assunto hoje.

— Por que não disse nada até agora?

— Porque a noite passada foi a pior. Na noite passada, eles não só andaram em volta da cabana. Eles ficaram lá por algum tempo, parados. E houve um momento em que chegaram tão perto da entrada que tive certeza de que um deles, ou todos, invadiriam o lugar. Hoje à noite, não posso deixar isso acontecer sem estar armada. Hoje à noite, terei algo afiado ao meu lado para que possa me defender.

— Como quer tratar isso com as garotas?

— Quando todos concordarmos sobre como trataremos a situação, seremos diretos com elas. Falaremos com elas quando voltarem com a água. Elas podem se comportar como crianças mimadas, mas não são burras. E são adultas. Não faltam galhos nesta ilha que podemos transformar em lanças. Hoje à noite, sugiro começar a usar a faca de Tank para fazer algumas e, amanhã, continuaremos o processo até termos uma quantidade suficiente para nos proteger.

— Não quero parecer ingênua, mas estamos aqui há nove dias. Por que não agiram ainda?

— Não sei.

— Acha mesmo que eles farão alguma coisa?

— A essas alturas, não estou mais pensando se farão alguma coisa. Estou pensando em quando farão alguma coisa. E receio que esse "quando" será mais cedo do que queremos admitir.

CAPÍTULO 12

Ao continuarmos a andar, chegamos ao rastro profundo na areia onde o avião batera. Passamos pela água, que esfriou nossos pés até voltarmos à areia quente.

— Estive pensando sobre a Wenn — disse Blackwell. — E aquele filho da puta, Stephen Rowe.

— Não consigo tirar esse homem nem a situação da cabeça. O que acha que aconteceu?

— A essas alturas? Alguém está trabalhando como presidente interino. Imagino que Rowe tenha assumido essa posição.

— Mesmo com a minha ameaça contra ele?

— Estamos desaparecidos há nove dias. Ele pode achar que estamos mortos. O conselho pode ter chegado à mesma conclusão.

— Se aquele homem ousou assumir a posição de presidente interino, vou esmagá-lo quando voltarmos.

— Eu sei que vai.

— Imagino como estão nossas ações agora...

— Sei tanto quanto você. Sem Alex lá, não é absurdo achar que estão no ponto mais baixo até agora. Oficialmente, estamos desaparecidos. Tenho certeza de que o desaparecimento de Alex está em todos os jornais. Pior ainda, tenho certeza de que os tabloides pronunciaram nossa morte, em que muitas pessoas acreditarão. Os investidores estavam preocupados antes mesmo de entrarmos naquele maldito avião. Agora, provavelmente estão em pânico porque Alex não está no comando. Ele é o rosto e a voz da Wenn. Os investidores precisam vê-lo, precisam ouvi-lo, mas, no momento, ele está sumido. Há nove dias. Para os investidores, nove dias pode parecer um ano, especialmente depois do golpe que levamos ao criar o SlimPhone. Que, inclusive, pode nem estar em produção no momento por causa dos *chips* de memória de que precisamos. Você sabe que não minto para você. Acho que o panorama é desanimador, na melhor das hipóteses.

— Conseguiremos nos recuperar?

— Que tal nos concentrarmos primeiro em sair desta ilha? Se sairmos, sim, a Wenn se recuperará. Alex pode consertar as coisas, mesmo que demorem anos para reconstruir a confiança na Wenn. Mas, se ninguém nos resgatar, isso importa? Se não formos resgatados, ficaremos presos na ilha até morrermos. E condenados a passar o resto da vida aqui, seja lá quanto tempo dure.

— Isso sim é desanimador — disse eu.

— Eu estou desanimada.

Eu estava prestes a responder quando algo me fez parar. Virei-me de costas para Blackwell e fiquei em silêncio, só escutando.

— Qual é o problema? — perguntou ela.

— Shh — disse eu.

— Não me mande ficar quieta.

— Está ouvindo?

— Ouvindo o quê?

— Esse barulho. É bem baixo, quase como um tremor. Está ouvindo?

— Só consigo ouvir o oceano, aqueles pássaros barulhentos e o vento nas árvores.

— É além das árvores. À nossa esquerda.

— Não escuto nada.

— Bem, eu sim. E parece um avião.

Aquilo chamou a atenção de Blackwell. Com o rosto invadido pela ansiedade, viramo-nos para o oeste. Juntas, ficamos paradas, com o rosto erguido para o céu azul. Meu coração batia na garganta, torcendo para que fosse o fim de nosso pesadelo. Pelo jeito, eu não fora a única que ouvira o som. Mais adiante na praia, vi Tank, Alex e os outros saindo das sombras. Eles também olhavam para o oeste.

— Parece um trovão — disse eu. — Mas à distância. Está ouvindo?

— Estou ouvindo alguma coisa agora.

— É um avião — disse eu com voz empolgada. — Eu sei que é. É inconfundível. Precisamos voltar para onde estão os outros.

— Não acho que esteja vindo para este lado. Parece muito longe.

— Eles podem voltar. Precisamos ir para onde está o sinal de SOS de Lisa. Depressa.

— Nós andaremos — disse ela em tom firme. — Não vamos correr. Os outros já estão no sinal. Você precisa andar devagar e pensar no seu filho.

— Então andaremos depressa — disse eu, pegando a mão dela. — Vamos, mexa-se!

* * *

Quando chegamos ao restante do grupo, senti a ansiedade no ar, algo tão elétrico que a ideia de sermos resgatados me pareceu uma promessa muito

grande.

— É um avião — disse Daniella. — Tem que ser.

— Tank? — perguntei. — É um avião?

— Para mim, parece ser, sim.

— Ai, meu Deus.

— Está a quilômetros de distância de nós, mas talvez chegue mais perto — disse Lisa. — Cutter tirou algum sinalizador do avião?

— Sim — disse eu. — Há três ou quatro em uma das caixas.

— Qual caixa? — perguntou Tank.

— Não sei...

— Fiquem todos parados. Vou procurar. Fiquem em campo aberto para que possam ser vistos. Se um avião aparecer, acenem alucinadamente. Façam o possível para chamar a atenção dele.

Quando Tank saiu correndo, fui até Alex, peguei a mão dele e disse: — Digam-me que isso vai acontecer.

— Espero que sim. Mas a cabine caiu na direção de onde vem o som. Havia uma caixa preta na cabine. Eles podem ter localizado um sinal lá e estão explorando a área.

— Mas, se é esse o caso, não estão perto de nós. Tank disse que estávamos indo tão depressa que a cabine pode ter caído a quase cem quilômetros daqui.

— Sim.

— Eles precisam vir para cá.

Quando ele se virou para mim, seus olhos estavam cheios de preocupação. E, ao falar, foi baixinho para que só eu ouvisse. — Se a caixa no que sobrou da nossa parte do avião foi destruída, o que é uma possibilidade, só há um sinal sendo emitido, o que pode levar à conclusão de que o avião inteiro está no oceano. Mas, se por algum motivo, a caixa na parte de trás do avião tiver dado algum sinal de vida, talvez eles passem por aqui. Mas o problema, Jennifer, é que as correntes moveram a cabine para longe do restante do avião. Deus sabe onde ela está agora. Está mais perto de nós? Mais longe? Nenhum de nós sabe. Mas não há dúvidas de que a cabine se moveu desde o acidente. Se a sorte estiver do nosso lado, ela se moveu para mais perto, o que significa que o avião está mais perto de nós. Se tivermos mais sorte ainda, eles detectaram dois sinais, um da cabine e um do resto do avião. Mas não saberemos até que venham, se é que virão. Não quero que você tenha esperança demais. Precisamos rezar, mas precisamos também esperar e ver. — Ele olhou por cima do meu ombro. — Tank encontrou os sinalizadores, está vindo para cá com eles. Talvez isso atraia a atenção deles.

— Mas está tão claro. Eles conseguirão ver o sinalizador sob o sol?

— Se estiverem perto o suficiente, talvez. O sinalizador não é apenas a luz que ele emite. Também há fios de fumaça que ele deixa. Sob o sol, a fumaça seria bem visível.

Tank passou correndo, foi até o centro da praia, mirou o sinalizador para o céu a oeste e disparou. O globo cor-de-rosa brilhante que subiu deixou um rastro de fumaça que arqueou no ar. Enquanto eu olhava, a luz pareceu pairar no céu por vários minutos até cair em algum local da floresta.

— Acha que alguém viu? — perguntei.

— Não sei.

— Deveríamos usar mais um?

— Não — disse Tank. — Só temos mais três e precisamos escolher quando usá-los de forma inteligente. Se houver uma equipe de busca à nossa procura, o que é possível, quero guardar os sinalizadores para que os tenhamos caso escutemos outro avião. Mas será diferente da próxima vez. Se não vierem agora, vou patrulhar a ilha amanhã de manhã, ir para o oeste para ver onde a ilha termina. Se o único sinal sendo emitido está no outro lado da ilha e o avião voltar, preciso estar pronto com um sinalizador para chamar a atenção dele.

— Posso ir com você? — perguntou Alexa.

— Se quiser — respondeu Tank. — Você cuida de mim... e eu cuido de você. Mas você precisa estar pronta para qualquer coisa. Precisarás ter cuidado ao andar pela floresta por causa do que aconteceu com você quando entrou naquela teia. Já sabe que há uma tribo na ilha. O que não sabemos é o que eles farão se nos aventurarmos demais no território deles.

— Eu também quero ir — disse eu.

— Eu também — ecoou Alex.

— Está bem — disse Tank. — Quanto mais olhos, melhor. Mas precisarei que Lisa, Daniella e Barbara fiquem para trás caso um avião venha nesta direção.

— O que fazemos se isso acontecer? — perguntou Lisa.

— Se ouvir um avião que esteja muito perto, use um dos sinalizadores. Mas escute bem, só use se tiver certeza de que o avião está logo acima de vocês. Caso contrário, não o desperdice. Entendeu? Precisa ter certeza absoluta de que o momento é o certo antes de dispará-lo.

— Entendido — disse ela.

— O avião — disse eu. — O som do motor está diminuindo.

— Ele pode estar dando a volta — disse Blackwell.

Tank estava prestes a responder quando algo atrás de mim chamou sua atenção. Apesar de Tank raramente demonstrar emoção, naquele momento ele ficou de boca aberta, o que fez com que todos nos virássemos.

Lá, na extremidade da praia e mancando em nossa direção, estava Cutter.

O que nos impediu de correr até ele foi o que vimos logo atrás: um grupo de quatro homens, de idades variadas, que não pareciam particularmente felizes em nos ver. Aqueles homens não eram nativos da ilha. Eram caucasianos. Alguns usavam bermuda e camiseta, outros apenas bermuda.

E, pior, carregavam armas. Uma estava apontada para Cutter, que parecia fraco e lutava para não cair.

As outras três estavam apontadas para nós.

CAPÍTULO 13

— Levantem as mãos — disse Tank. — Todos vocês. Agora.

Fizemos o que Tank mandou.

— Essa é a tribo? — perguntou Blackwell. — Essas são as pessoas que andam em volta da nossa cabana à noite?

— Pelo jeito, sim, mas não previ isso. Deixem que eu lide com a situação. Ninguém diz nada, a não ser que alguém faça uma pergunta direta. Se alguém perguntar alguma coisa, sejam educados. Nada de xingar... e isso é para você, Daniella. Quem opta por morar nessa ilha, tem um motivo, seja político ou radical. As armas dizem tudo, eles não querem mais ninguém aqui. Reclamaram a ilha para si mesmos.

— Não temos opção a não ser estar aqui — disse Blackwell baixinho. — Eles devem saber disso. Olhe para o maldito avião, pelo amor de Deus.

— Isso não significa que eles se importam.

— E se eles não falarem inglês?

— Eu falo sete idiomas. Se tivermos sorte, eles falam um deles. Se não, há outras formas de comunicação. Agora, fiquem em silêncio, todos vocês. Só eu falarei.

Quando Cutter se jogou à frente e caiu pesadamente nos meus braços, afundei na areia com ele. Eu o abracei e sussurrei em seu ouvido que estava muito feliz por ele estar vivo e disse que tudo ficaria bem. Depois, apenas o segurei nos braços quando os quatro homens se aproximaram.

— Vocês falam inglês? — perguntou Tank.

O membro mais velho do grupo, um homem com cerca de sessenta anos, com uma barba branca longa, olhos verdes penetrantes e um rosto que parecia ter sido assado pelo sol, deu um passo à frente. Os outros se mantiveram mais atrás, com as armas ainda apontadas para nós.

— Falamos inglês — disse o homem. — E, para que saibam, estão invadindo. Esta é a nossa terra. Nós a reclamamos e vocês a estão destruindo.

— Com todo o respeito, a intenção não era invadir — disse Tank. — Um raio atingiu nosso avião, destruindo um dos motores, e perdemos cinco pessoas antes que ele caísse. Estamos esperando resgate e acho que há uma boa chance de isso acontecer. Há poucos instantes, ouvimos um avião aqui perto, o que significa que podem estar nos procurando. Vocês ouviram?

— Sim, ouvimos.

— Estamos torcendo para sair da ilha o mais depressa possível. Se vocês têm alguma forma de comunicação com o mundo externo, poderíamos ir embora hoje mesmo. Ou, no máximo, amanhã.

— O mundo externo? — retrucou o homem. — Está brincando comigo? Optamos por deixar aquele mundo para trás. Escapamos daquele mundo para passar o resto da vida aqui. Estamos aqui há anos. E vocês estão roubando nossa comida.

— A maioria do que pegamos foi cocos caídos — disse Tank. — No segundo dia em que estávamos aqui, também pegamos alguns abacaxis, pois estávamos com fome. Exceto por isso, só pegamos o que havia em excesso, como fruta-pão e mamão. Também pescamos. Como fonte de água, usamos os muitos bambus à nossa volta. Para nos mantermos limpos, usamos uma cachoeira aqui perto.

— Veja bem, esse é um dos problemas que temos com vocês — disse o homem. — Aquela cachoeira é onde pegamos nossa água. Vocês a poluíram.

— Não fazíamos ideia. Só queríamos tomar banho.

— E, por causa disso, não é mais seguro beber aquela água. Agora, teremos que usar outra fonte de água que fica a quilômetros de distância. — Ele apontou a arma diretamente para a testa de Tank. — Vocês nos causaram um problema.

— Não foi nossa intenção.

— Mas foi o que aconteceu. — Ele acenou na direção de Cutter. — Ele também nos causou problemas, apesar de ter sido ajudado. Quando o encontramos na floresta, ele tinha um braço quebrado e um corte fundo na perna. Havia cortes menores pelo corpo, mas já sararam. Ele também teve as costas queimadas quando o avião explodiu. O que, por sinal, nós vimos. Mas cuidamos dele. Seu amigo tem sorte de estar vivo. Deve a vida a nós. Tentamos fazer o possível por ele, mas a infecção na perna não parece nada boa. A essas alturas, se ele ainda não tem uma infecção generalizada, está prestes a ter. A não ser que você seja milagroso, ele provavelmente morrerá disso. Eu diria que ele tem no máximo dois dias.

— Não sei dizer como ficamos gratos pelo que fizeram por nosso amigo — disse Tank. — Estávamos começando a achar que o tínhamos perdido. Você não faz ideia de como agradecemos por trazê-lo de volta para nós. E por ter cuidado dele.

— A floresta ajuda — disse o homem. — Se encontrar a planta certa, poderá curar praticamente qualquer infecção. Mas a da perna dele, não sei o que é nem se há algo aqui que possa curá-la. Está feio. E vocês o enterrarão em breve. Na nossa terra, por falar nisso... algo que não agrada nenhum de nós.

— Posso perguntar com o que tratou a infecção dele?

— Agar. Não que você saiba o que é.

— Eu sei — disse Alexa. — E vocês estavam certos ao usar isso. É um antibiótico natural forte. Algas marinhas também podem ser usadas para combater a infecção.

— Não usamos algas marinhas — retrucou o homem. — E quem diabos é você?

— Sou Alexa — disse ela. — Alexa Blackwell. Sou ambientalista. Trabalho para sustentar o meio ambiente.

— E, mesmo assim, tomou banho onde bebemos água. Explique isso.

— Não sabíamos que alguém usava a cachoeira como fonte de água potável e foi só o que encontramos. Estávamos desesperados.

— Desesperados? Sabe quando você ficou desesperada, garota? Quando foi picada por aquelas aranhas. Isso mesmo, também vimos aquilo acontecer. E, francamente, estou surpreso ao ver que sobreviveu. Aquelas filhas da puta mataram muitos de nós durante anos desde que chegamos. Tive certeza de que você morreria. Ainda assim, aqui está você, saudável. Como conseguiu?

Ela acenou na direção de Tank. — Ele cortou meu pescoço e extraiu o veneno. Tínhamos Tylenol para baixar a febre e Benadryl para acabar com a inflamação. E usamos penicilina para impedir a infecção. — Ela apontou para Cutter. — Ele tirou aqueles suprimentos do avião antes da explosão. Tive muita sorte.

— Sabe quem não tem sorte? Vocês todos. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Daremos cinco dias para saírem desta ilha. Se não saírem, mataremos todos vocês durante a noite. Já estivemos em volta da cabana de vocês, imaginando quando deveríamos agir. As mulheres nos dizem para esperar, que a ajuda chegará. Mas vocês já estão aqui há quase duas semanas e ninguém veio. Achamos que um avião de resgate já teria vindo. Se tiverem sorte, talvez um apareça. Mas não tenham dúvidas: esta é nossa ilha e a função dela é sustentar a nós, não a vocês.

— Quantos vocês são? — perguntou Tank.

— Centenas.

— Quando vieram para cá?

— Há trinta anos.

— Por quê?

— E por que isso é da sua conta?

— Só estou curioso.

— Viemos para cá para sermos livres. Verdadeiramente livres. Sem burocracia. Sem um sistema corrupto que não funciona mais. A essas alturas, minha esposa e nossos amigos viveram aqui por uma geração inteira. Crianças nasceram e cresceram aqui. Amigos e familiares morreram aqui. Esses homens atrás de mim

são meus filhos. Este é o nosso lar e vocês não são bem-vindos aqui.

— E se não nos encontrarem em cinco dias?

— Então acho que jogaremos os cadáveres no oceano.

— Vocês têm alguma forma de comunicação que possa nos ajudar a sair da ilha?

— Comunicação? Não há telefones aqui. Viemos para cá para ficarmos sozinhos. Viemos para começar uma nova vida e escapar de tudo que nos oprimia. Impostos, política, retórica, outras merdas. Portanto, escutem bem. Direi novamente. Esta é nossa ilha e vocês têm cinco dias para dar o fora.

CAPÍTULO 14

— Ele estava mentindo — disse Tank quando os homens se afastaram. — Ele tem contato com o mundo externo. As roupas dele são relativamente novas. As dos filhos também. E ele estava usando tênis que certamente são uma compra recente. Deu para ver pela aparência e pela profundidade das marcas na areia quando ele se afastou. Eis o que descobri com aquela conversa: em algum lugar desta ilha, há um barco que eles usam para ir a uma ilha vizinha, que deve ser habitada e com lojas para comprar coisas, como roupas e tênis. Quem sabe onde estamos? Não importa. O que importa é que estamos perto de uma ilha cheia de pessoas que podem nos ajudar. Podem acreditar nisso.

— Um dos filhos dele usava uma camiseta que dizia "Duck Dynasty" — disse Daniella. — Você viu?

— Sim.

— Quem diabos usa uma camiseta daquelas?

— Essas pessoas. E, como é um programa relativamente novo, reforça o que eu disse. Eles têm acesso a uma ilha habitada.

— O avião — disse Lisa. — Não escuto mais. Acho que ele foi embora.

— Ele voltará — disse Tank. Em seguida, ele se ajoelhou ao meu lado e colocou as costas da mão na testa de Cutter, provavelmente para ver se estava com febre. E estava.

— Está comigo? — perguntou Tank.

A voz de Cutter não passou de um sussurro ao responder: — Estou aqui.

— Tem forças o suficiente para falar?

— Sim.

— O que preciso saber?

— Ele não estava mentindo. Há centenas deles aqui. Vi o complexo, que fica escondido na floresta, mas é imenso. As mulheres exigiram que os homens me ajudassem, e foi o que fizeram. Eles têm uma quantidade imensa de suprimentos. Tudo o que você possa imaginar. Até mesmo uma tipoia para o meu braço.

— Eles trataram você com remédios?

— Não, mas eles têm remédios. Ouvi algumas das mulheres dizendo que deveriam me dar uma injeção de penicilina, mas os homens não aceitaram. Não queriam desperdiçar o remédio comigo. Em vez disso, optaram por usar ágar. Enrolaram a planta em volta do corte na minha perna. Limparam a perna e

trocaram o curativo de folhas frescas todos os dias. Colocaram álcool sobre a ferida para ajudar a combater a infecção. Mas não adiantou. Minha perna está muito mal. Consigo sentir. Consigo sentir o cheiro. E vou lhe dizer uma coisa: não está sarando.

— Nós cuidaremos de você.

— É tarde demais. A cada dia que passa, sinto que estou pior.

— Alex e eu levaremos você até a cabana. Examinarei sua perna e decidiremos o que fazer. O que preciso que faça é se concentrar em sua saúde para que saia desta, por nós. Preciso que lute, Cutter. Procurei você por toda parte. Nenhum de nós pretende perder você agora.

— Não sei se existe alguma chance, amigo. Não está nada bom.

— Veremos. — Ele olhou para Alex. — Segure as pernas dele. Eu o pegarei pelos ombros. Precisamos levá-lo para a cabana e expor a ferida para vermos com o que estamos lidando antes de começar qualquer tratamento.

— Sobrou alguma penicilina? — perguntou Lisa.

— Um pouco. Usaremos o que sobrou e depois veremos o que a floresta tem a oferecer. A chave é acabar com a infecção que tomou conta dele. Mas conseguiremos. Ouviu bem, Cutter? Nós conseguiremos. Prometo.

— Agradeço — disse ele. — Mas acho que você deve economizar os suprimentos. Sei o que estou sentindo, Tank. Pelo nosso treinamento, sei o que significa. Sou uma causa perdida. Economize a penicilina, caso algum de vocês precise. — Quando Tank abriu a boca para falar, Cutter segurou o braço dele. — Você precisa me ouvir agora. Sem mentiras, ok? Nunca fizemos isso. Sempre falamos a verdade. Eu sei que vou morrer disso. Não ficarei aqui muito mais tempo. Só peço que me mantenham confortável, que fiquem ao meu lado e, se saírem desta ilha, levem meu corpo junto. Pelos meus pais.

— Você não vai nos deixar — disse Tank. — Portanto, recomponha-se. Lute. Alex, pegue os pés dele. Vamos. Não vai demorar muito para que o sol se ponha e há muito a fazer enquanto ainda temos luz.

CAPÍTULO 15

Quando os dois levaram Cutter de volta para a cabana, Tank imediatamente abriu o ferimento na perna esquerda dele. Enquanto o examinava, ele manteve as feições neutras, apesar de ficar claro para todos nós que a perna de Cutter estava gravemente infeccionada.

O corte era fundo e havia um líquido amarelado saindo dele. A pele em volta do corte estava vermelha e inchada, e parecia haver riscos vermelhos mais escuros saindo dele, como se quisessem a perna para si.

Até mesmo eu sabia que não era um bom sinal. Na verdade, era um sinal muito ruim. Por ter crescido em uma fazenda, eu sabia o suficiente para reconhecer que a ferida provavelmente afetara o sistema linfático dele, o que significava que a situação era realmente grave. Cutter precisava da penicilina que ainda tínhamos, mas, pelo que eu estava vendo...

Ela não seria suficiente.

Enquanto Tank cuidava dele, chamei Alexa de lado.

— Temos quatro doses de penicilina — disse eu. — Mas, pelo que vi na perna de Cutter, não será suficiente, nem de longe. O que há nesta floresta que poderá ajudá-lo agora?

— Agar é muito bom como tratamento tópico — disse ela. — E vi bastante em volta da cabana. Acredite ou não, as algas também podem ajudar. E elas estão por toda parte na praia. O truque é pegá-las o mais frescas possível, no momento em que a maré começa a baixar. Tipo agora.

— O que mais?

— Se conseguirmos encontrar, tomilho pode ser usado como desinfetante. Mas a erva-de-são-joão provavelmente é a melhor proteção que podemos encontrar. É forte em situações como esta e tenho quase certeza de que cresce aqui. Pétalas de rosa também são poderosas contra infecção, por incrível que pareça. A equinácea também, e existe em abundância na ilha. Há também a hortelã, que também deve ser aplicada de forma tópica. Também a vi por aí.

— Então precisamos procurar todas essas coisas. Está disposta a isso?

— Eu faria qualquer coisa por Cutter — disse ela. — O céu ainda está claro. Deixe-me pegar um saco e poderemos ir.

* * *

No momento em que saímos, Tank já dera a Cutter a primeira dose de penicilina.

— Onde vocês duas vão? — perguntou ele.

— Procurar plantas que possam ajudar Cutter.

— Não vão muito longe nem demorem demais. O sol vai se pôr daqui a cinco horas.

— Não demorará tanto assim — disse Alexa. — Desde que chegamos aqui, já vi a maioria das plantas de que precisamos. Só temos que encontrá-las, começando com o que está bem à nossa frente. — Ela apontou para a praia. — As algas.

* * *

Demoramos três horas para encontrar o que precisávamos para Cutter, que estava em uma espécie de estado delirante quando voltamos.

— Não está nada bom — disse Blackwell quando nos aproximamos da cabana. — A febre dele está alta. Tank lhe deu Tylenol para mantê-la sob controle. Mas acho que ele precisa de mais.

— Então dê mais a ele — disse eu, mostrando o saco cheio de plantas. — Também tentaremos isto. Não vamos desistir.

— O que encontraram?

— Tudo, exceto o tomilho. Encontramos algas, ágar, erva-de-são-joão, equinácea e pétalas de rosa.

— Pétalas de rosa?

— Elas têm propriedades antibacterianas — disse Alexa. — Se usarmos um pouco de água para esmagarmos as pétalas e fazermos uma pasta, poderemos espalhar sobre a ferida e, com sorte, ganhar um pouco de tempo. Conseguimos bastante de todas as plantas, mas tudo precisa estar razoavelmente fresco para funcionar de forma eficiente. O que coletamos deve ser aplicado agora, pela manhã e à tarde, quando Jennifer e eu buscaremos mais. Juntamente com a penicilina, acho que conseguiremos.

— E se não conseguirmos? — perguntou Daniella.

— Não pergunte isso — retruquei. — Vamos salvar a vida dele. Entendeu?

Ela arregalou os olhos com o tom duro da minha voz. — Só quero o melhor

para Cutter — disse ela. — Você sabe disso.

— Então fique com ele — disse eu. — Fale com ele. Se ele dormir, segure sua mão e conforte-o, como fez com Alexa quando as aranhas a picaram. Dê apoio a ele. É disso que ele precisa de todos nós agora, nosso apoio e nosso amor.

— Cutter salvou minha vida naquele avião — disse Daniella. — Eu sei o que ele fez por mim. Eu estava me comportando como uma idiota. Estou muito arrependida. E só quero que todos saibam que peço desculpas pela forma como agi. Obviamente, tenho que crescer mais um pouco.

— Para dizer o mínimo — comentei. — Agora, prove a todos nós que está à altura do desafio ajudando Cutter. Onde está Tank?

— Foi para a floresta logo depois que vocês saíram. Disse que voltaria ao anoitecer.

Aquilo me deixou surpresa. — Para onde ele foi?

— Procurar o barco.

— Se é que esse barco existe, como ele saberia onde procurar?

— Cutter lhe disse a localização geral do acampamento deles. Fica no outro lado da ilha.

— No outro lado da ilha?

— Pelo jeito, a ilha é estreita. Cutter disse que chegar ao outro lado não deveria demorar mais do que duas horas.

— Tank foi sozinho?

— Alex foi com ele. Tank tem a arma e deu a faca a Alex.

— Jesus Cristo — disse eu. Virei-me para Blackwell, que estava parada na entrada da cabana. — O que eles têm na cabeça? Aquelas pessoas sabem que Cutter sabe onde o acampamento deles fica. Sabem que Cutter nos diria. Por causa disso, agora estão alertas, armados e prontos, caso um de nós chegue lá perto.

— O que está feito, está feito — disse ela. — Daniella foi confidente deles. Saíram sem me dizer nada.

— E o que achou disso?

— Não gostei.

— O que eles farão se encontrarem esse barco, que pode ou não existir? Se existir, certamente estará bem guardado. Talvez algumas pessoas morem nele como proteção. — Virei-me para Daniella. — Tank ou Alex disse alguma coisa sobre isso?

— Não, não disseram.

— Então não vejo motivo para nada disso. Estão planejando roubar o barco? Serão mortos se fizerem isso.

— Acho que querem ver com os próprios olhos com o que estamos lidando —

disse Blackwell.

— Cutter já nos disse com o que estamos lidando.

— Ouvir e ver são duas coisas bem diferentes. Não estou arrumando desculpas para o que eles fizeram, mas acho que queriam julgar por conta própria o tamanho da situação.

— Eles já sabem disso por Cutter, que nos disse que há centenas deles na ilha. Do que mais eles precisam saber? Lamento se estou sendo uma chata sobre isso, mas é meu marido que está lá... e ele não tem o treinamento de Tank. Portanto, sim, estou preocupada. E furiosa. Espero que, ao voltarem, Tank me esclareça por que decidiu fazer isso.

— Acredito que sim. Tank não é tolo. Ele fez isso por algum motivo, que contará para você.

— É bom que seja um motivo excelente — disse eu. — Minha cara metade está com ele lá agora. E, se alguma coisa acontecer com Alex, alguém vai pagar muito caro. Prometo a vocês.

* * *

Três horas depois, o sol se pusera e Tank e Alex não tinham voltado.

Àquelas alturas, Alexa e eu tínhamos limpado o ferimento de Cutter novamente, aplicado a pasta de ervas e enrolado a perna em algas marinhas e folhas de palmeira para que a mistura assentasse mais fundo no corte. Com a temperatura dele subindo, administramos mais Tylenol que, por sorte, tínhamos muito. Quanto à penicilina, eu não sabia ao certo quando deveria dar outra dose a ele. Portanto, não dei, mas torci para que Tank e Alex voltassem logo para me dizer qual era o momento certo para isso.

O problema era que eles não tinham chegado. E minha preocupação pelo bem-estar deles aumentou enquanto fazíamos uma fogueira e sentávamos em volta dela, deixando Cutter dormir na cabana.

Fiquei sentada com Blackwell, Alexa, Lisa e Daniella e ocorreu-me que não comêramos nada desde a manhã. Mas era tarde demais para pescar ou para tentar abrir um dos cocos. Portanto, apenas ficamos sentadas, com fome, esperando que os homens voltassem. Nesse meio tempo, ficou claro que não estávamos sozinhas. Havia outras pessoas na floresta, consegui ouvi-las movendo-se. Gravetos estalando, folhas farfalhando. Ouvi passos aproximando-se.

Eles observavam cada movimento nosso e isso me deixou aterrorizada.

CAPÍTULO 16

Naquela noite, Cutter e as garotas dormiram enquanto Blackwell, Lisa e eu permanecemos em frente à fogueira. Mais cedo, Blackwell exigira que Tank fizesse lanças para cada um de nós, o que ele fizera em questão de minutos. Mas, apesar de termos as lanças agora, também sabíamos que elas eram essencialmente inúteis. As pessoas na ilha tinham armas, nós não. Tank era o único entre nós que tinha uma arma, que estava com ele naquele momento. Se quisessem atirar em nós, atirariam. De que adiantava uma lança quando precisávamos enfrentar armas carregadas?

Ainda assim, seguramos as lanças firmemente no colo, nem que fosse pela sensação de falsa segurança que davam. Algumas vezes, nos momentos mais sombrios da vida, até mesmo uma falsa segurança era suficiente para continuar avançando. Algumas vezes, era suficiente para dar a coragem que faltava para chegar do outro lado.

— Onde estão Alex e Tank? — perguntei a Blackwell. — O sol foi embora há três horas. Por que não voltaram ainda?

A luz bruxuleante do fogo lançou sombras sobre as feições dela, que demorou alguns momentos para me responder. — O que posso dizer a você? — respondeu ela. — Sei tanto quanto você.

— Não vou mentir. Estou furiosa por terem feito isso conosco.

— Eu também. Deveriam ter nos consultado.

— Mas não consultaram.

— O fato é que confio em Tank — disse Blackwell. — Provavelmente, ele achou que tentaríamos impedi-lo. E, por causa disso, e conhecendo-o como conheço, deve ter achado que tinha um motivo muito bom para fazer o que fez. Obviamente, ele achou que Alex poderia ajudar. Eles voltarão... e nós poderemos dar uma bronca neles quando voltarem.

— Como eles conseguirão enxergar na floresta a essa hora da noite?

— A lua está clara — disse ela, olhando para cima. — Quase cheia. E há as estrelas, que Tank certamente foi treinado a usar como guia. Talvez ele as esteja usando agora para voltar. Quem sabe como a mente dele funciona? Pode ser que, no escuro da noite, eles consigam obter mais informações sobre a situação do que à luz do dia. Pense nisso. Se o sol estivesse brilhando, eles seriam vistos com facilidade. Mas agora, não.

— As pessoas no complexo podem ouvir Alex e Tank tão facilmente como conseguimos ouvir o pessoal deles. Por falar nisso, consegue ouvi-los? Estão logo à minha esquerda, caso não saiba.

— Consigo ouvi-los — disse Blackwell.

— Consegue? — perguntei a Lisa.

— Sim, consigo.

— Perfeito.

— Jennifer — disse Lisa. — Eles disseram que nos dariam cinco dias. Eles cuidaram de Cutter. Talvez não tanto quanto poderiam, mas curaram as queimaduras dele e ajeitaram seu braço. Depois disso, trouxeram-no vivo para nós. Por algum motivo, estão nos observando agora, então deixe que observem. Não acho que tentarão alguma coisa. Mas, depois de cinco dias, será uma história totalmente diferente e precisamos estar preparados.

— Como?

— Tank pensará em alguma coisa. Ele salvou sua vida uma vez. Não faz muito tempo, salvou a minha. E Deus sabe quantas vidas mais salvou enquanto trabalhava em campo. Preciso que você se acalme e respeite isso.

— Não gosto de ser enganada, Lisa.

— Eu entendo. O que eles fizeram foi idiota. Vamos esperar que voltem do passeio com alguma informação útil. Também não gostei da forma como lidaram com a situação. Depois que eu me acalmar, pretendo dizer isso para Tank. Mas de que adianta ficar furiosa agora? O que está feito, está feito.

— Desculpe — disse eu. — Estou mais assustada e preocupada que qualquer outra coisa. Talvez seja por causa dos hormônios.

— Vamos rezar para que seja — disse Blackwell.

— Estive rezando por isso desde que caímos aqui — disse eu. — Mas é difícil. Estou fazendo o possível para acompanhar todo mundo e fazer minha parte. Portanto, se eu estiver sendo difícil, peço desculpas e espero que todos entendam o motivo. Minha cabeça está confusa. É com o bebê, com Alex e Tank, com Cutter. É também o avião que ouvimos mais cedo. Se esta ilha é tão pequena assim, por que não deram a volta sobre ela? Por que nos procuraram somente no mar? A caixa preta do avião está inativa? Depois daquelas explosões, imagino que sim. E isso me deixa muito frustrada.

— Você está fazendo o melhor que pode — disse Lisa.

— E você está sendo gentil. Houve momentos nesta ilha em que fui uma idiota completa. Como há um minuto.

— Você não foi idiota nem uma vez.

— Fui, várias. Quando eu me comporto assim?

— Quando você esteve em uma situação como esta?

— *Touché*.

— Nossa Jennifer não é nenhuma gatinha — disse Blackwell. — Sabe ser uma víbora quando precisa. Já vi e já ouvi falar. O que ela fez com Stephen Rowe naquela pista de dança foi uma armação brilhante para o possível fim dele.

— Ainda assim, ele pode ser, neste momento, o presidente interino.

— Se for, não durará muito. Vamos sair desta ilha. Ok? Vamos sair daqui. Agora, que tal mudarmos de assunto e deixarmos o clima um pouco mais leve? Que tal se pensarmos na volta para Nova Iorque? Estão comigo? Não? Está bem. Eu estou comigo. Estou ansiosa pelo dia em que Bernie poderá cuidar dos meus cabelos horríveis e da minha pele arruinada. A essas alturas, e sob esse sol extremo, estou convencida que finalmente chegou a hora de pagar as minhas toxinas.

— Vai pagar suas o quê? — perguntou Lisa.

— Minhas toxinas — respondeu ela. — Evito o sol. Sempre evitei. Minha mãe me ensinou a ficar longe dele e ela tinha razão. Por falar nisso, se acham que sou difícil às vezes, sou uma flor frágil em comparação à minha mãe. Ela era uma *prima donna* da melhor espécie. Ex-rainha de beleza, ex-modelo, um monstro completo.

— Você nunca falou de sua mãe para mim — comentei.

— Tenho meus motivos.

— Ela era modelo?

— Uma das melhores. Só em 1964, ela foi capa da Vogue norte-americana duas vezes. Pense só em como foi crescer com isso. Eu amava minha mãe tanto quanto era possível amá-la, o que significa que ela tornou isso quase impossível. Mas era uma excelente mulher de negócios e foi o que aprendi com ela. Não aceitava merda de ninguém. Eu adorava isso nela. E também foi algo que aprendi com ela. Minha mãe não era perfeita, mas quem é? Ainda assim, apesar de nosso relacionamento ser tumultuado, ela foi um exemplo para mim, um exemplo muito importante. Com uma espinha de aço, uma mulher pode vencer em um mundo dominado pelos homens.

— Parece que ela era fascinante — disse Lisa.

— De certa forma, suponho que sim. Ela era esse enigma belo, furioso e louco. Sempre avançando. Sempre lutando para permanecer no topo, mesmo quando não era razoável fazer isso. Quando ela ficou mais velha e sua aparência esmaeceu, ficar no topo foi mais difícil. O que, naturalmente, a deixou enfurecida. Esses são os dias que prefiro não lembrar. — Ela passou a mão em frente ao rosto. — Meu Deus, como entramos nesse assunto? Eu nunca falo sobre a minha mãe.

— Talvez seja a força dela que você está evocando agora — comentou Lisa.

— Que bobagem. Eu tenho minha própria força. Portanto, vamos mudar de assunto, está bem? Chega da minha história com minha mamãe querida. Amanhã, completaremos dez dias na ilha e tenho certeza de que, depois desse tempo todo, estou tão queimada de sol que poderia entrar para um show de horrores como Mulher Lagosta... e provavelmente ganhar um salário bom. Quando chegarmos em casa, pagarei minhas toxinas.

— Ainda não sei o que é isso — disse Lisa.

— Botox. Se alguém quiser ir comigo, eu pago. Jennifer?

— Não, obrigada.

— Que chata. Lisa?

— Pode contar comigo. Tirem uma fotografia minha agora e congelem. Não vou terminar parecendo um dos meus zumbis.

— Então fique feliz por não ter um espelho — disse Blackwell. — Pois você parece arruinada desde que caímos. Olhe só para você, pelo amor de Deus. Terra na cara. Cabelos que parecem palha. E, não importa quantas vezes você tomou banho, minha querida... devo dizer que está fedendo. Eu lhe disse para usar o mamão como uma espécie de sabonete, mas você não gostou da ideia. Não queria desperdiçar a fruta. Considero isso um grande erro. É um milagre que Tank ainda queira alguma coisa com você.

— Até parece que sua aparência e seu cheiro são melhores.

— O mamão — retrucou ela. — Eu sei o que faço.

— Então repense. Por falar nisso... — disse Lisa. — Alguma de vocês notou que Tank e Alex, apesar de sujos, estão mais bonitos do que nunca? Tank, por exemplo, está gostoso demais. Ele precisa andar mais sem camisa.

— Concordo — disse eu. — Agora que Alex está de barba, devo dizer que é um belo afrodisíaco. Apesar de eu estar furiosa neste momento por terem saído daqui, devo admitir que, todas as vezes em que o vejo, parece que vou derreter. Por outro lado, não sei como ele consegue olhar para mim. Estou um horror. E há Cutter. Depois de tudo pelo que passou, ele aparece muito melhor do que o resto de nós.

— Bernie nos botará em forma novamente — disse Blackwell ao bater no coque arruinado com a mão. — As toxinas também. Estou pronta para elas. Pelo jeito, Lisa também está pronta para enfrentar a agulha. Vamos apagar a idade enquanto ainda podemos.

* * *

Era pouco mais de onze horas quando Alex e Tank finalmente voltaram para o acampamento.

Blackwell, Lisa e eu ainda estávamos ao lado da fogueira, alimentando-a com os galhos que Lisa juntara mais cedo, quando ouvimos um barulho súbito vindo em nossa direção pela floresta. Ficamos tão assustadas que levantamo-nos com as lanças na mão, erguendo-as em defesa, até percebermos quem era.

— Você quase levou uma lança no meio da testa — disse Blackwell a Alex.

— E eu quase enfiei a minha em você — disse Lisa a Tank.

— Por que demoraram tanto? — perguntei ao desviar de um beijo que Alex tentou dar na minha testa. — Vocês estiveram fora durante horas. E, caso não saibam, aquelas pessoas nos rodearam. Estão observando, ouvindo e esperando sei lá o quê. Vocês viram algum deles?

— Vi alguns — respondeu Tank. Ele estava parado ao lado de Lisa, com o braço em volta da cintura dela. — E eles nos viram.

A raiva me invadiu quando Tank disse aquilo. — E o que acha que pensaram que vocês estavam fazendo hoje à noite? — perguntei baixinho. — Eles sabem onde vocês foram. Já considerou como isso nos afetará? A essas alturas, eles sabem que vocês foram procurar o lugar onde moram. Não consigo imaginar que aceitarão isso facilmente. Todos nós deveríamos ter sido consultados antes de partirem. Em vez disso, ficamos sabendo por Daniella. Não aceito isso.

— Não dissemos nada a vocês porque sabíamos qual seria o consenso.

— Então, nossa opinião não conta para você?

— Eu não disse isso.

— Dê um tempo. Suas ações sugerem isso... e você sabe, Tank.

— Eu não sabia que você ficaria tão chateada — disse Alex.

— Não sabia? Está falando sério? Vocês dois nos enganaram ao saírem furtivamente. Estivemos muito preocupadas desde que descobrimos que tinham saído. Deveriam ter nos perguntado.

— Mas não perguntaram — disse Blackwell. — E, apesar de eu concordar que o que fizeram foi inadequado e irresponsável, acho melhor pararmos com a discussão. Não adianta nada discutirmos sobre algo que já foi feito e não pode ser desfeito. — Ela olhou duramente para eles. — Vocês nos desapontaram. Acho que Jennifer deixou isso bem claro e, apesar de eu não poder falar por Lisa, uma coisa é certa: Jennifer falou por mim. Agora, é com vocês dois. Valeu a pena? Encontraram alguma coisa que possa nos ajudar? Ou não adiantou nada?

— Que tal nos afastarmos da fogueira e irmos até a praia para não sermos ouvidos? — disse Alex em voz baixa. — Vou dizer uma coisa: vimos muita coisa. Mas é melhor termos privacidade.

— Isso pode esperar até o amanhecer — disse Blackwell. — Está tarde. O que

precisamos fazer agora é dormir. E preciso que você dê uma olhada em Cutter, Tank. Fizemos o possível para cuidar dele enquanto você estava fora. No entanto, é você quem tem o treinamento médico, não nós. Esqueceu-se disso ao nos deixar hoje? Mantivemos a febre dele sob controle com Tylenol, limpamos a ferida e trocamos o curativo. Mas não sabíamos se era para dar outra dose de penicilina a ele. Você se esqueceu de nos dizer isso quando decidiram brincar de escoteiros, mergulhar nas sombras e deixar todos nós abandonados aqui.

— A próxima dose de Cutter é daqui a uma hora. Não podem dar penicilina demais a ele porque afetará os rins.

— Ora, é bom saber disso — retrucou Blackwell. — Obrigada por nos dizer.

— Lamento se deixei vocês chateadas — disse Tank.

— Eu também — disse Alex. — Estou falando sério. Deveríamos ter dito algo antes de sair. Não dissemos nada porque sabíamos que seríamos voto vencido. Portanto, peço desculpas.

— Eu também — disse Tank.

— Está bem — disse eu. — Desculpas aceitas.

— Concordo — disse Blackwell.

— Vou cuidar de Cutter em um instante, mas isto não pode esperar — disse Tank. — O que vimos hoje mudará nossa manhã e o restante de nossa estadia aqui.

— Eles estão nos observando — disse eu. — Se sairmos desta área, saberão que é porque não queremos que escutem.

— Então fale aqui mesmo — disse Blackwell. — Mantenham a voz baixa. E, depois do que nos fez passar esta noite, espero que seja algo bom.

— O complexo deles é maior do que eu imaginava — continuou Tank. — Cutter tinha razão, há algumas centenas de pessoas nesta ilha. Mulheres, crianças, homens. Conteí mais de uma centena de cabanas. E eles têm um barco. Um barco grande. Não é novo, mas é bom e tem uma doca própria.

— Alguém mora nele?

— Pelo que vimos, não. Mas há cabanas por perto.

— O que significa que não conseguiremos chegar nele — disse ela. — Então, quais são as notícias revolucionárias?

— Vimos uma antena — respondeu Alex. — Fica no topo de uma das colinas, longe das cabanas. Nosso palpite é de que há um complexo de controle perto daquela antena. Provavelmente em outra cabana. Se Alex e eu conseguirmos chegar àquele complexo, poderemos pedir ajuda pelo rádio.

— E se esse complexo não existir?

— Então, por que a antena? — perguntou Tank.

— Eles não poderiam se conectar à antena de uma das cabanas no complexo?

— É uma possibilidade, mas, pelo que vi, a antena é antiga. Provavelmente foi instalada quando eles chegaram aqui. Para escondê-la, o complexo fica na floresta a vários quilômetros da antena. Considerando a localização, seria difícil se conectar com ela.

— E se a antena não funciona?

— Então, estamos sem sorte. Mas não precisamos, pelo menos, ver se ela funciona?

— E arriscar nossa vida? — perguntou Lisa com preocupação na voz. — Eles nos deram cinco dias para sair da ilha. O avião que ouvimos hoje voltará amanhã. Tenho certeza disso. Ele tem que voltar. E, quando voltar, há uma boa chance de, em algum momento, sobrevoar a ilha, ver o sinal que fiz na areia e acabar nos encontrando. Não deveríamos apostar nisso, em vez de nos arriscar por causa de uma antena antiquada que pode nem estar funcionando? E quem disse que pertence a eles? Mais alguém pode ter ocupado a ilha em algum momento. Aquela antena pode ter sido instalada durante uma guerra, por alguma agência governamental. Não estamos tão longe das Filipinas. Quem sabe como esta ilha foi usada no passado? E lembrem-se, eles têm um barco. Por que não se comunicariam por ele? Certamente, ele deve ter um rádio.

— São todas perguntas válidas — comentou Blackwell. — E que tamanho tem essa antena?

— Ela estava a alguns quilômetros de nós — respondeu Tank. — Mas eu diria que cerca de dez metros. Talvez mais, talvez menos.

— E como acha que ela foi parar lá?

— Qualquer coisa pode ser feita com as ferramentas certas. — disse ele. — Para levá-la para lá, tiveram que transportá-la, o que não está fora de questão. Quanto à montagem, quem sabe que habilidades os homens e as mulheres trouxeram para esta ilha?

— Como ela está funcionando? — perguntei. — Não há eletricidade na ilha.

— Provavelmente um gerador.

— Abastecido com gasolina?

— Exatamente, que eles podem comprar com facilidade quando compram roupas e tênis novos. Olhem — disse ele. — Eu entendo. Parece uma esperança vaga. Mas é algo que deveríamos ignorar?

— Diga-nos você — retrucou Blackwell.

— Então vou repetir. Devemos ignorar a oportunidade que a antena oferece, se funcionar?

— Sim se isso significa perder você — respondeu Lisa.

— E sim se isso significa perder você — disse eu a Alex.

— Sobrevivemos hoje à noite — disse Alex. — Nós voltamos.

— Quem disse que voltará de novo?

— Eles viram quando vocês voltaram — comentou Blackwell. — Eles sabem que vocês foram em uma missão de exploração. Também sabem que estamos discutindo essa missão agora. E aposto como estão irritados por não conseguirem nos ouvir. Furiosos. Aqueles homens não me parecem burros. Na verdade, deixaram isso bem claro. Não nos querem aqui. Eles nos deram cinco dias para ir embora.

— Então o que quer que façamos? — perguntou Tank.

— Encontre uma das mulheres — disse Blackwell. — Se você vai correr um risco, encontre uma das mulheres e argumente com ela. Os homens caçam carne. Mas aposto como as mulheres nesta ilha coletam frutas, como os abacaxis naquele campo enorme que encontramos. E os abacaxis estão maduros. Cutter nos disse que foram as mulheres que exigiram que os homens o ajudassem, e eles o fizeram. Os homens trataram o braço dele. Os homens limparam o ferimento dele. E fizeram isso porque, obviamente, as mulheres têm alguma influência aqui. Portanto, sugiro que encontre uma das mulheres e fale com ela. Diga-lhe que também queremos sair desta ilha para podermos viver em paz. Diga-lhe que não queremos causar nenhuma inconveniência. Diga-lhe que só queremos uma chance de partir e que agradeceremos qualquer ajuda que puder nos dar para isso. Se o barco tem a tecnologia de comunicação necessária para chegar à ilha onde comprem suprimentos, talvez ela ou alguém próximo possa encontrar uma forma de enviar uma mensagem breve sobre nossa localização sem que ninguém mais saiba. Eis mais uma coisa a considerar: talvez esteja perto do momento de eles fazerem outra viagem àquela ilha para buscar suprimentos. Nesse caso, ela poderia alertar alguém de que caímos aqui. Quem sabe o que pode acontecer se você encontrar a pessoa certa... e falar com ela?

— E se não houver como argumentar com ela? — perguntou Alex. — E se ela nos odiar tanto quanto os homens odeiam? E se ela contar aos outros que a procuramos? Que conversamos com ela? Que pedimos a ela que envie uma mensagem em nosso nome?

— Eu prefiro apostar no coração de uma mulher em vez de uma antena que está a quilômetros de distância e pode não funcionar. Tenho duas filhas. Essas mulheres têm filhos. Quando você tem a experiência compartilhada de ter um filho, é possível construir pontes. Estou lhe dizendo isso por experiência própria. Leve-me com você quando for conversar com uma delas. Leve Jennifer e contaremos a história dela a quem encontrarmos, sem falar que é necessário que ela veja um médico. Se um de nós se conectar em algum nível profundo com uma mulher velha o suficiente para saber o que significa ser mãe, há uma grande chance de que ela nos ajude. — Ela se virou para Tank. — Parece algo

psicologicamente lógico para você?

— Parece — respondeu ele. — É razoável. Ainda há um risco grande. Se pudessem, não acha que alguém já teria enviado uma mensagem de rádio?

— Talvez a pessoa só precise da motivação adequada. Todas as mulheres passam pelas mesmas preocupações quando esperam um filho, Tank. Não importa quem você é nem quais são suas crenças. Há um ponto em comum, uma possível conexão. Mulheres já perderam filhos nesta ilha e sentiram essa dor. Já aconteceu. E elas sentiram a perda. Estou convencida de que vale a pena tentar.

— Alex? — perguntou Tank.

— Concordo com Barbara.

— Então começaremos amanhã de manhã — disse ele. — Você, Alex, Jennifer e eu iremos para o campo de abacaxis. Sentaremos na periferia e esperaremos para ver se alguém se aproxima.

— Acha que pode nos levar até lá sem que ninguém nos veja? — perguntou ela.

— Se sairmos cedo o bastante, é possível. Geralmente, escuto os homens deixarem a área em volta da cabana antes do amanhecer. Só voltam a bisbilhotar novamente perto do meio-dia.

— Então sairemos logo antes do amanhecer. Lisa ficará aqui com as garotas. Ela ajudará Cutter, que, devo acrescentar, não está melhorando. Ele está mal e receio que esteja piorando. Por isso, você deve ir vê-lo agora e avaliar sua condição. Você precisará da fogueira para ver a ferida. Alex pode ajudar você a trazê-lo para fora.

— O que acha disso, Lisa? — perguntou Tank.

— Para ser sincera, acho a ideia de Barbara melhor do que a sua. — Pela expressão tensa no rosto dela, ficou claro para mim que também estava brava por Tank e Alex terem ficado fora tanto tempo. — Por enquanto, a ideia de Barbara faz mais sentido do que vocês arriscarem a vida indo até uma antena que não sabemos se funcionará. Por outro lado, se não conseguirmos encontrar uma mulher nesta ilha com quem seja possível trabalhar, no terceiro dia talvez não haja outra opção a não ser verificar se a antena funciona. Agora — disse ela —, por favor, vá cuidar de Cutter. Se não cuidarmos do ferimento dele, receio que ele não aguentará. E ele precisa aguentar. Ele fez muito por nós para que o deixemos na mão agora, não concorda?

CAPÍTULO 17

Antes do amanhecer, Alex, Tank, Blackwell e eu saímos em direção ao campo de abacaxis, enquanto Lisa e as garotas ficaram na cabana.

Como era difícil andar na floresta com sapatos de salto alto, eu e Blackwell trocamos de calçados com as outras mulheres. Os tênis de Alexa cabiam nos pés de Blackwell e, como Lisa roubava meus sapatos desde que éramos crianças, não tive problemas em calçar os sapatos dela... especialmente depois que descobri que, no fim das contas, tinham sido meus um dia.

— Desculpe — disse ela quando eu os reconheci.

— Sério? Quer dizer, sério? De novo?

— Eu ia devolver. Juro.

— Você nunca devolve os meus sapatos.

— Pelo menos, agora estou oferecendo para que os pegue de volta. Você sabe, quando os reconhecer. Como aconteceu agora. E olhe só como tem sorte de tê-los de volta... eles cabem!

Nós nos abraçamos e sussurrei no ouvido dela que a amava.

— Também amo você.

— Você e Tank estão bem?

— Sim, estamos. Ele só precisava saber que eu não estava nada contente. Acho que ele entendeu a mensagem. Agora, escute bem. Vocês precisam ter muito cuidado.

— Faremos o possível.

Em seguida, partimos.

* * *

Quando chegamos ao campo de abacaxis, decidimos nos dividir em dois grupos, pois o lugar era muito grande para explorarmos em um grupo só. Tank e Blackwell foram para um canto do campo, e Alex e eu para o outro.

O plano era ficarmos escondidos na borda da floresta e esperar para ver o que aconteceria se alguém aparecesse. Como as frutas estavam maduras, era época de colheita e havia sinais claros de que o campo estava sendo colhido, o que nos

deu esperanças de que algumas pessoas surgiriam. Metade do campo parecia limpo para mim, diferentemente de quando o encontráramos alguns dias antes. A pergunta era quando colheriam novamente. Hoje? Amanhã? No dia seguinte?

Nenhum de nós sabia.

Quando nos separamos para assumir nossos postos, foi com emoções conflitantes. Como Lisa ficara com a arma, Tank ofereceu a faca a mim e a Alex.

— Fique com ela — disse Alex. — Podemos nos virar com as lanças.

— Tem certeza?

— Jennifer?

— Leve a faca — disse eu. — Você precisa manter minha mãe segura.

Quando eu disse aquilo, o rosto de Blackwell ficou vermelho. Em seguida, seus ombros caíram, ela se aproximou e beijou-me no rosto. — Você é como uma filha para mim, sabia? Portanto, agora tenho três, uma das quais é sã de verdade. Obrigada pelo elogio.

— Obrigada por entrar na minha vida... mesmo que, no começo, tenha sido como uma bola de demolição.

— É preciso causar uma boa primeira impressão — disse ela.

Mais tarde, depois de nos dividirmos, nós nos posicionamos para que vissemos uns aos outros, caso acontecesse algum problema.

Mas eu não era boba. Havia um risco. Se as mulheres estivessem sozinhas, talvez conseguíssemos lidar com a situação gesticulando para uma das mais velhas e conversando com ela. Mas, se homens armados as acompanhassem para protegê-las porque sabiam que estávamos na ilha, não poderíamos fazer isso... e Alex e eu seríamos os mais vulneráveis.

— Estou com medo — disse eu para Alex.

— Vamos sair dessa. Talvez tenhamos sorte.

Ele estava ajoelhado atrás de mim, com os braços em volta dos meus ombros.

— Como está seu pescoço hoje? — perguntei.

— Praticamente curado. Tank cuidou bem de mim. Tive sorte. Agora, precisamos ter sorte de novo.

— Estou preocupada com Cutter.

— Eu também. Ele não parece bem. A febre aumentou, apesar do Tylenol e das doses de penicilina que Tank deu a ele antes de irmos dormir ontem à noite e hoje pela manhã. Se a infecção chegou ao sangue, não sei o que podemos fazer por ele. Há um limite de tempo nesse tipo de coisa.

— Nem quero pensar nisso.

— Nem eu. Mas não podemos perder as esperanças, por vários motivos.

— Você quer dizer o bebê?

— Sim.

Recostei-me nele e fechei os olhos. Ele baixou os braços até minha barriga e segurou-me mais perto. Por um longo momento, ficamos sentados naquela posição no chão da floresta, sem dizer nada, mas a nuvem de tristeza sobre nós era muito palpável.

— Não importa o que aconteça... — disse eu.

— Vai ficar tudo bem.

— Não sabemos. Mas de uma coisa eu sei. Não importa o que aconteça, não quero esperar para ter um filho. Se perdemos nosso bebê, quero tentar de novo assim que os médicos disserem que é seguro. Quero ter seu filho. Ou filha. Não quero mais esperar dois anos.

— Nem eu. Sinto a mesma coisa.

— Eu amo tanto você, Alex. Sinto-me como se tivesse desapontado você.

— Você precisa parar de se sentir assim — disse ele firmemente.

— É mais fácil falar do que fazer.

— Eu nunca vou saber exatamente pelo que você está passando, mas deve ser parecido com como me sinto, pois estou igualmente envolvido nessa gravidez. Quero esse filho mais do que qualquer outra coisa, Jennifer. Estou rezando para que ele esteja seguro e bem. Mas, se nós o perdemos, sofreremos com a perda... e tentaremos de novo. Ele será bem cuidado, amado e terá tudo que pudermos lhe dar. Mas não podemos desistir de ter esperanças agora. Nosso filho ainda pode estar vivo. Não importa o que aconteça, de uma coisa eu sei: o amor que sentimos um pelo outro nos ajudará a vencer tudo.

— E se não houver como sair desta situação?

— Nós sairemos desta — disse ele. Em seguida, fez uma pausa como se alguma coisa tivesse lhe ocorrido. — Mesmo que eu tenha que subornar os homens nesta ilha com vários milhões de dólares para mandar a mensagem que nos tirará daqui.

* * *

Quando ele disse aquilo, a única coisa que consegui fazer foi me virar em choque.

— Por que diabos não pensei nisso antes? — perguntou ele.

— Porque, no começo, achamos que estávamos lidando com uma tribo de nativos, não com pessoas que fugiram de seu país para morar aqui. Só os encontramos ontem... e olhe só o que aconteceu. Você não teve tempo para pensar. Você e Tank só agiram.

— Bobagem. Eu deveria ter visto isso. Estava bem à minha frente.

— Discordo. Você também estava lidando com o choque de ver Cutter vivo. O que importa é que pensou nisso. Eu certamente não pensei. Nem Tank. Nem Blackwell. Nenhum de nós pensou nisso até você falar. E graças a Deus que falou, pode ser a resposta.

— Essas pessoas vão a uma ilha próxima para comprar suprimentos — disse ele. — Como pagam?

— Exatamente.

— Alguém aqui tem um fundo? Alguns deles receberam uma herança considerável antes de virem para cá, que tivesse ajudado com a mudança? Mesmo que isso tenha acontecido, os homens que levaram Cutter até nós disseram que estão aqui há décadas. O dinheiro deve estar no fim a essas alturas, a não ser que alguém aqui seja muito rico, o que pode ser o caso. Mas, mesmo que não seja, o dinheiro fala mais alto... mesmo nesta ilha.

— Viemos até aqui com uma opção — disse eu. — Agora temos duas. Qual delas vamos usar?

— Acho que nós dois sabemos qual delas tem mais peso e menos risco.

— Eles vão querer dinheiro. Essas pessoas querem ser deixadas em paz. Querem permanecer anônimas e não existe coisa mais anônima do que dinheiro, que podemos dar a elas aos montes.

Mas, quando eu disse aquilo, a expressão de Alex ficou sombria. — Mas só se eles acreditarem em nós — comentou ele. — Estamos em uma situação desesperadora. E se eles acharem que estamos mentindo? Quem levaria a sério uma oferta de milhões de dólares? Algum deles acreditaria nisso?

— Viemos para cá em um avião particular — disse eu. — Desenhado no lado daquele avião, está o logotipo da Wenn. Mostre a eles sua identidade. Prove a eles que você é o Wenn por trás da Wenn. Isso deverá ser suficiente para convencê-los.

— Temos que falar com Tank sobre isso — retrucou ele. — Precisamos agir imediatamente.

Mas, quando ele falou, ouvimos um farfalhar na floresta atrás de nós. No começo, parecia distante, mas rapidamente ficou claro que estava vindo na nossa direção. Ergui a lança e cheguei mais perto de Alex, que ficou na minha frente para me proteger. Juntos, prendemos a respiração e ouvimos galhos sendo dobrados, gravetos estalando... e a súbita mudança no ar.

Quando ouvimos o primeiro resfolegar, percebemos o que se aproximava... porcos selvagens. Novamente. Para tornar as coisas ainda piores, quando Alex e eu nos levantamos e apontamos as lanças na direção deles, houve um som súbito seguido de dois tiros... que fizeram com que eu gritasse de surpresa e medo.

Recuei e quase caí, mas Alex me segurou nos braços.

Em seguida, ouvimos uma voz proveniente da floresta.

— Larguem as lanças.

Era a voz de uma mulher. Não era jovem. Era de meia idade.

— Larguem as lanças ou atirarei em vocês.

Jogamos as lanças no chão e demos um passo atrás, em direção ao campo, com as mãos sobre a cabeça, torcendo para que Tank e Blackwell nos vissem. No mínimo, eu sabia que eles tinham ouvido os tiros... e que Tank provavelmente estava tentando achar uma forma de chegar até nós.

— Por que estão aqui? — perguntou a mulher.

Pela folhagem verde densa que escondia a floresta e seus segredos, procurei a mulher por toda parte, mas não consegui vê-la. No entanto, senti a presença dela. Eu sabia, pelo som da voz dela, que não estava a mais de cinco metros de distância.

— Viemos buscar ajuda — disse Alex.

— E espera isso de nós? — perguntou a mulher. — Nós já ajudamos vocês.

— Minha esposa está grávida.

— Ela não parece grávida.

— Só estou com seis semanas — disse eu.

— É mesmo?

— Nosso medo é que ela possa ter perdido o bebê na queda do avião. Não sabemos se perdeu, mas, a cada dia que ficamos aqui, estamos perdendo tempo para salvar nosso filho. Precisamos sair desta ilha imediatamente e procurar um médico antes que seja tarde demais.

— E se já for tarde demais?

— Estamos rezando para que não seja.

— Rezando — retrucou ela com sarcasmo. — Onde isso os levou até agora?

— Talvez até você.

— É mesmo? Até mim? Acha que sou a resposta para suas preces? — Ela riu. Foi uma risada vazia, morta. — É melhor pensar duas vezes. Portanto, digam-me. Por que vieram a este pedaço da ilha, de todos os lugares?

— Porque as frutas estão maduras — disse Alex. — Achamos que havia uma chance de as mulheres estarem colhendo-as.

— As mulheres? — perguntou ela. — Então, você é machista?

— Não foi o que eu quis dizer.

— Acho que foi.

— Não quis ofender você.

— Sua mera presença nesta ilha me ofende. Mas tenho que perguntar. Por que não foram ao nosso acampamento? Afinal de contas, você e seu amigo estavam

lá ontem. Todos nós sabemos porque alguns viram vocês. Outros viram vocês olhando para a antena e podemos imaginar o que pensaram sobre ela. E há nosso barco, que vocês também viram. Portanto, diga-me a verdade. O que esperavam encontrar aqui?

— Mulheres — disse Alex. — Mães.

— O que quer dizer com isso?

— Cutter nos disse que foram as mulheres da ilha que exigiram que os homens o ajudassem — respondeu ele.

— Cutter tem razão. E, quando terminamos de tratar o braço e o ferimento dele, e de alimentá-lo, nós o devolvemos a vocês.

— Ele está morrendo — disse eu. — Estamos com medo de a infecção ter chegado ao sangue. Para salvar a vida de Cutter, ele precisa de ajuda. Não podemos perdê-lo. Ele nos salvou quando caímos nesta ilha. É um homem bom. As mulheres aqui tiveram a compaixão de ajudá-lo. Estávamos esperando que pudessem estender essa compaixão para nos salvar.

— Vocês não precisam que nós os salvemos. Ontem, havia aviões perto desta ilha. Obviamente, estão procurando vocês agora. Não demorará muito.

— Eles estavam procurando no oceano — disse Alex. — Não na ilha. Quando estávamos perdendo altitude, a cabine do avião bateu em algo e soltou-se do restante do avião, caindo na água e levando cinco vidas consigo. Na cabine, está uma das caixas pretas e, por causa das correntes, pode estar enviando um sinal a quilômetros de nós.

— Ou a quilômetros mais perto.

— O que quero dizer é que talvez achem que o avião inteiro caiu no oceano, não apenas a cabine. Ontem, estávamos torcendo para que sobrevoassem a ilha, mas isso não aconteceu. Acho que pensam que estamos todos mortos.

Ela pareceu exasperada ao dizer: — Por que não diz logo o que quer?

— Precisamos de sua ajuda. Pelo nosso filho. Por Cutter.

— E não por vocês?

— Sim, por todos nós, mas principalmente por eles. Você é mãe? — perguntou ele. — Se é, entende pelo que estamos passando.

— Não é da sua conta.

— Queremos esse bebê. Precisamos de um médico. Cutter também. Se é mãe, ou se conhece alguém nesta ilha que perdeu um filho, estamos apelando para você para que nos ajude.

— Não posso ajudar vocês.

— Então talvez eu possa ajudar vocês.

Aquilo fez com que ela parasse.

— Duvido muito — disse ela depois de alguns instantes.

— Vocês viram nosso avião. É um avião particular. Ele tem o logotipo da Wenn desenhado na lateral. Meu nome é Alexander Wenn. Posso provar quem sou com minha carteira de identidade. Sou dono de um grande conglomerado nos Estados Unidos, que se chama Wenn Enterprises. Portanto, devo perguntar. Cinco milhões de dólares ajudariam vocês? Sem que sejam feitas perguntas? Em troca, só queremos que seja enviada uma mensagem para alertar as pessoas sobre onde estamos para que possamos sair daqui.

— Não precisamos do seu dinheiro.

— Que tal dez milhões?

— Você é tão previsível...

— Basta dizer o preço.

— Não é uma decisão minha.

— Pode pelo menos levar a oferta em consideração?

— Talvez — disse a mulher.

— Faremos qualquer coisa.

— Aposto que sim. Agora, vão embora antes que eu atire.

— Não estamos sozinhos.

— É claro que não. Onde estão os outros?

— Logo ali — disse Alex, apontando para o outro lado do campo.

— Então acene para eles avisando que é hora de ir embora. Logo, outros virão e não serão apenas mulheres. Somos uma equipe nesta ilha. Homens, mulheres e crianças mais velhas fazem a maioria do trabalho, incluindo colher as frutas. Aqueles dois porcos selvagens que matei, eu estava caçando-os quando sua esposa gritou e alertou-me sobre sua presença. Mas você provavelmente acha que matar porcos selvagens é o trabalho de um homem, o que acho insultante. Não acho que você vê homens e mulheres como iguais, mas somos. Por causa disso, não sei se vou ajudá-los. Talvez eu mantenha nosso pequeno encontro em segredo. Talvez, em quatro dias, no seu último dia na ilha, se ainda não tiverem ido embora, eu seja uma das pessoas escolhidas para caçá-los. Sou a melhor atiradora da ilha. Todos aqui sabem disso. E estou cansada de ver vocês envenenando nossa ilha. Se eu mudar de ideia e optar por considerar sua oferta, vocês terão notícias nossas. Agora, chame a atenção de seus amigos e deem o fora daqui antes que eu decida matá-los.

— Uma coisa — disse eu.

— Não abuse da minha paciência, garota.

— Há mais alguma coisa que possamos fazer para salvar Cutter?

Ela deu uma risada. — Não vê? — retrucou ela. — Não há como ajudá-lo agora. Sabíamos disso no dia em que o devolvemos a vocês. Foi por isso que vocês o receberam de volta. Certamente não o queríamos mais porque sabíamos

que estava morrendo. E você tem razão, o sangue dele está infectado. Apesar de alguns de nós termos tentado evitar isso com remédios modernos, fomos vetados porque precisamos controlar nossos suprimentos.

— Você acabou de dizer "nós". Você estava nesse grupo?

Houve um clique distinto de uma espingarda sendo carregada. — Chega. Saiam daqui antes que os outros cheguem. Se não saírem, vou atirar.

CAPÍTULO 18

No caminho de volta para o acampamento, estávamos todos tensos.

Tank segurou o braço de Blackwell para que ela não tropeçasse no chão da floresta e Alex segurou minha mão firmemente ao passarmos pelas árvores para chegarmos o mais depressa possível na cabana.

Havia muito a discutir, mas não havia tempo para isso agora. A ordem fora para que saíssemos do campo de abacaxis imediatamente. Para conseguirmos voltar para a cabana mais depressa, só contamos a Tank e a Blackwell um resumo do que acontecera.

Estávamos quase chegando à clareira ao lado da cabana quando Tank subitamente parou, virou-se para nós e colocou o dedo sobre os lábios. — Ouçam — disse ele.

Nós prestamos atenção... e todos ouvimos. O avião novamente, atrás de nós, à distância. Mas, desta vez, o som foi diferente. Desta vez, havia dois sons distintos: o de um avião e o bater das pás de um helicóptero.

— É um helicóptero — disse eu. — Pode ser um helicóptero de resgate.

— Vamos — disse Tank. — Estamos quase lá. Precisamos chegar à praia, ficar em uma área aberta.

Quando saímos da floresta apressadamente, Lisa, Daniella e Alexa já estavam na praia, com a cabeça erguida em direção ao céu azul.

— Vocês voltaram — disse Lisa surpresa ao nos ver. — Achei que ficariam fora durante a maior parte do dia, mas faz pouco menos de duas horas.

— Deu merda — disse Tank. — Contaremos depois. Agora, precisamos nos espalhar pela praia e acenar como loucos se virmos alguma coisa.

Mas não vimos nada. Os minutos se transformaram em horas. Ouvimos o avião e o helicóptero chegarem mais perto e irem para longe novamente. Algumas vezes, parecia que estavam a poucos quilômetros de nós. Mas, à medida que o dia passou e o sol começou a descer no horizonte, ficou claro que nenhum dos dois sobrevoaria a ilha.

Àquelas alturas, apesar de ninguém dizer em voz alta, todos sabíamos que a caixa preta da parte de trás do avião fora destruída na queda. Se ainda estivesse funcionando, quem estava procurando-nos teria sido atraído para a ilha. Com uma sensação de derrota, desistimos e voltamos para a cabana, onde Alexa começou a fazer uma fogueira em volta da qual pudéssemos nos reunir.

— Tank, você precisa cuidar de Cutter — disse ela. — Ele piorou. Está começando a tremer e a suar profusamente. Também acho que está começando a alucinar, pois, quando tento falar com ele, não diz nada com nada.

Quando ouvi aquilo, só consegui pensar no que aquela mulher dissera mais cedo. *Não vê? Não há como ajudá-lo agora. Sabíamos disso no dia em que o devolvemos a vocês. Foi por isso que vocês o receberam de volta. Certamente não o queríamos mais porque sabíamos que estava morrendo.*

Pestanejei para afastar as lágrimas e senti uma onda de raiva me invadir. Não podíamos perdê-lo agora. Havia formas de protegê-lo naquela ilha, mas as pessoas que achavam que eram donas do lugar nos impediam de salvar a vida dele. Por quê? De que adiantaria? Racionar os suprimentos médicos? Talvez. Mas acabáramos de oferecer a um deles milhões de dólares para nos tirar da ilha. Certamente aquele dinheiro poderia sustentá-los durante anos. Mas aquela mulher revelaria nossa oferta às pessoas que mandavam na ilha, especificamente, ao homem mais velho, de barba branca, que levava Cutter de volta para nós? Para mim, ele parecia ser a pessoa na posição de liderança, considerando a forma como falara conosco.

— Jennifer? Alex? Podem ir comigo? Talvez eu precise de ajuda — disse Tank.

— É claro.

Quando entramos na cabana, vimos imediatamente que Alexa não exagerara. Cutter estava muito mal, deitado sobre a cama de folhas de palmeira. Havia um cobertor sobre ele, mas, mesmo assim, para mim, Cutter parecia menor do que quando o deixáramos naquela manhã. Pior ainda, ele suava profusamente. Era um homem que eu sempre vira como forte e cheio de vida. Mas vê-lo daquela forma foi horrível e aterrorizante. Eu me ajoelhei ao lado dele e peguei sua mão, enquanto Tank examinava a perna.

— Cutter? — chamei. — Consegue me ouvir? É Jennifer. Alex também está aqui. Tank também. Ele está examinando sua perna.

Ele tremia tanto que, quando falou, foi com dificuldade. — Você quer dizer a assassina?

— Como?

— A assassina. Minha perna. Ela que vai me matar.

— Você não vai morrer. Estamos trabalhando para sair desta ilha. Precisamos que aguento firme.

— É tarde demais para isso — disse ele. — Sei o que estou sentindo. Sei o que significa. Lamento por isso ter acontecido. Diga aos meus pais e ao meu irmão que eu os amo.

Eu não estava preparada para aquilo e senti um aperto na garganta por causa

do que via e ouvia. Ele estava desistindo. Aquele homem não tinha nem trinta anos, não tivera a chance de viver a vida, pelo amor de Deus... e lá estava ele, preparando-se para morrer.

O olhar dele encontrou o meu quando ele falou: — Não estou com medo. Não fique tão triste, ok? Porque está tudo bem. Deus veio me visitar mais cedo. Conversamos por algum tempo. Ele se sentou bem onde você está. Disse que cuidaria de mim. Disse que tudo ficará bem. E eu sei que ficará. Senti paz quando Ele estava aqui comigo. Ele disse que a dor será apenas temporária, que valerá a pena, pois ficarei com Ele. Sem dor. E sem preocupações.

Precisei de todo o autocontrole para não começar a chorar. Mas consegui manter as emoções sob controle, pois precisava ser forte por ele, não importava o quanto fosse difícil. Apesar de eu querer muito me virar para Alex em busca de apoio, não afastei o olhar de Cutter. Soltei a mão dele, coloquei a minha em seu rosto e beijei sua testa.

— Cutter, o que foi dito a você foi por bondade. Mas você não precisa nos deixar agora. Tem a opção de ficar conosco. E queremos você conosco. Na verdade, precisamos de você. Vou ser muito egoísta agora e pedir que lute para ficar conosco, pois não consigo imaginar a vida sem você.

— Não consegue?

— Não, não consigo, Cutter. E falo isso do fundo do coração. Não consigo imaginar a vida sem você. Em algum momento, todos nós teremos nossa hora com Deus. Mas agora, não é a sua hora. Você está vivo. E estar vivo é um presente. Você precisa saber disso. Portanto, você precisa lutar por esse presente. Precisa lutar por si mesmo, pelos seus pais, pelo seu irmão e por nós, seus amigos. Seus amigos mais queridos. Não podemos perder você, entendeu? Vamos, meu querido. Como vou viver sem a sua proteção? A essas alturas, você sabe que é praticamente impossível.

— Deus me disse que Max estava com ele agora.

Olhei para os olhos azuis dele ao dizer aquilo e, novamente, tive que conter as lágrimas que ameaçavam me arruinar quando ele mais precisava de mim. E não menti para ele porque, apesar de não estar totalmente consciente, eu sabia que Cutter sabia que Max estava com Deus.

— Sim, Max se foi. E cedo demais. Se ele pudesse, sei que estaria aqui agora.

— Mas ele está sozinho agora. Eu deveria estar com Max. Fazer companhia a ele. Ele precisa de mim tanto quanto vocês.

— Você precisa pensar de forma diferente. Ele não está sozinho. Em primeiro lugar, ele tem Deus. Em segundo, ele tem todos os parentes e amigos que faleceram antes dele. Não está sozinho. Está mais do que disposto a esperar para ver você. Eu sei, no fundo do coração, que ele ficaria feliz em esperar. Se

estivesse aqui agora, ele lhe diria para vencer. Insistiria para que você lutasse, pois vale a pena lutar pela vida.

— Aí é que está, não acho que eu consiga esperar muito mais tempo, Jennifer. Olhe só para mim. Estou tremendo. Estou com tanto frio que você não consegue nem imaginar. Eu vi isso em campo. Tank também. Eu sei o que vai acontecer. Eu sei que estou prestes a ir embora. E não tem problema, está tudo bem. Tive uma vida boa.

— Mas não uma vida completa — disse eu. Quando falei, percebi a firmeza na minha voz e de onde ela veio. Eu precisava atingi-lo e puxá-lo de volta para o que importava: melhorar. Eu precisava convencê-lo de que não podia desistir. Portanto, falei com as raízes militares dele. — Pare com isso — disse eu. — Só pare. Seja homem e lute pela vida, pelo amor de Deus. Quem treinou você? Aceitariam a forma como está se comportando agora?

Ele arregalou os olhos ao ouvir aquilo e pareceu assustado pelo tom da minha voz.

— Não — respondeu ele. — Não aceitariam.

— Então por que está agindo assim? Como se fosse o seu fim? Quando foi que se transformou em um covarde que não luta?

Os olhos dele começaram a se fechar, mas ele sacudiu a cabeça em um esforço para permanecer alerta. No entanto, vi, pelo olhar delirante dele, que estava afastando-se.

— Não sei, senhora.

— Escute bem — disse eu, tentando alcançá-lo antes que ficasse inconsciente. — Você vai enfrentar isso de cabeça erguida. Você vai melhorar. Usará a mente para atravessar essa fase. Ao dormir, você lutará contra a doença. E nós ajudaremos você enquanto descansa. Só precisamos de um ou dois dias, Cutter. Não ouse me dizer que não aguenta tanto tempo. Não vou aceitar.

— Vou tentar, senhora.

— Não serve. Quero ouvir você dizer que fará isso.

— Então farei isso.

— É o que quero ouvir — disse eu. — Esse é o Cutter que conheço. É o Cutter que cresceu como sobrevivente, não um covarde qualquer que desiste de tudo por causa de uma infecção idiota. Você vai mesmo desistir da vida porque tem um corte na perna? Sério? Seja homem. Está bem? Você me entendeu?

Os olhos dele começaram a se fechar.

— Você me entendeu? — perguntei em tom mais alto.

— Entendi, senhora.

— Então, faça isso por mim. Faça isso por você.

Ao dizer que faria, ele mergulhou na neblina do desconhecido. Alex se

aproximou por trás de mim e segurei a perna dele ao começar a chorar por causa de uma perda que meu coração sabia que aconteceria.

— Como ele está? — perguntei a Tank. — Como está a ferida?

— Temos mais uma dose de penicilina que podemos dar a ele — respondeu Tank. — E só. As misturas de plantas que você e Alexa encontraram na ilha têm boas propriedades antibacterianas. Mas não conseguem combater essa infecção, que está tomando o corpo dele. Se for para ele sobreviver, precisará de uma dose grande de antibióticos. Depois de ouvir sua conversa com ele e de avaliá-lo, eu diria que Cutter tem mais um dia. Talvez dois, no máximo. Depois disso, nós o perderemos.

— Como podemos salvá-lo?

Tank pegou uma caixa, retirou o último frasco de penicilina e injetou-o em Cutter. Em seguida, pegou uma das garrafinhas de vodca e derramou-a sobre o corte. Por fim, cobriu o corte com a pasta que Alexa e eu fizemos com as plantas que encontramos na ilha. Ao terminar de enrolar a perna de Cutter nas folhas de bananeira frescas que Alexa juntara, ele olhou para mim e para Alex.

— Por que não começamos com a conversa que vocês tiveram com aquela mulher?

* * *

Quando saímos da cabana, todos nos esperavam com expressão de ansiedade.

— Como ele está? — perguntou Blackwell.

— Nada bem — respondeu Tank.

— Por que não me explica exatamente o que quer dizer com isso? — perguntou ela.

— Ele poderá estar morto amanhã.

— Não podemos deixá-lo morrer.

— Tem alguma coisa a oferecer para mantê-lo vivo? — perguntou Tank em tom sarcástico. — Porque, se tiver, só precisamos ouvir o que é antes que seja tarde demais. Portanto, fale, Barbara. Diga-nos o que todos os seus anos de moda e trabalhando na Wenn podem fazer para ajudar Cutter agora.

Foi a primeira vez que ouvi Tank perder o controle com um de nós, especialmente Blackwell. Mas estávamos sob muita pressão e ele era humano... além de ter um limite.

Todos nós precisávamos conversar sobre o assunto. Precisávamos botar para fora, todos os medos, toda a raiva, mesmo que isso ofendesse alguém. Meu tio

Vaughn chamava isso de "colocar tudo sobre a mesa e escolher o que deseja comer". Eu sabia que, quanto mais conversássemos, mais conseguiríamos superar o que aconteceria se Cutter falecesse.

Portanto, que seja, pensei. Todos precisam dizer o que estão sentindo, mesmo que a discussão fique acalorada. Especialmente se ela ficar acalorada.

E realmente ficou. Mas, dentro daquele calor, havia o amor por um ser humano que significava muito para todos nós. Ligada a isso, havia a frustração resultante de sabermos que nenhum de nós podia ajudá-lo, além de saber que havia centenas de pessoas na ilha que poderiam.

No fim, os temperamentos se acalmaram. Tank foi até Blackwell, colocou os braços em volta dela e disse que lamentava por ter respondido daquela forma. E, o mais importante, que a amava.

* * *

— É hora de comer — disse Alexa quando Tank se afastou de Blackwell, que tinha os olhos cheios d'água. Precisávamos de uma mudança de assunto e Alexa, sendo uma jovem muito sensível, mudou nossa atenção para a comida. — Pesquei enquanto vocês estavam com ele. Lisa e Daniella ajudaram. É mais difícil do que achei que seria. Não pegamos tanto quanto gostaríamos, mas já é alguma coisa. Teríamos conseguido mais se Jennifer estivesse conosco. — Ela olhou para mim. — Nenhuma de nós tem a sua habilidade, mas Lisa chegou bem perto.

Ela estendeu três espetinhos para mim, cada um com cinco peixes gordos. — Vocês fizeram um ótimo trabalho — disse eu, olhando para os peixes. — Na verdade, foi um trabalho brilhante. Há quinze peixes aqui, Alexa. Parabéns.

— Agora, estamos esperando há horas para ouvir o que você e Alex conversaram com aquela mulher — disse Blackwell. — Podem nos contar antes de comermos?

— Eu também gostaria de ouvir — disse Tank.

Alex e eu contamos tudo.

— Vocês não a viram? — perguntou Tank.

— Nem uma vez. Ela se escondeu atrás dos arbustos. Deixou bem claro que não queria que a víssemos.

— E ela foi tranquila com vocês?

— Na verdade, eu diria que ela foi bem hostil. Fria. Mais uma vez, a sensação estava lá: eles não nos querem aqui.

— Que idade vocês acham que ela tinha?

— Não era jovem. Pela voz dela, eu diria que é de meia idade. Alex?

— Concordo. Uns cinquenta anos?

— Acho que sim — respondi.

— Inicialmente, ela pode ter recusado a sua oferta. Mas vou dizer uma coisa: essa oferta já foi apresentada ao povo dela — disse Tank. — E agora, aqueles que estão no comando desta ilha estão pesando as opções. Precisamos esperar para ver para que lado a balança pende. Dez milhões em dinheiro não é algo a se ignorar. Dez milhões de dólares podem mantê-los aqui até que morram. E até que os filhos e os netos morram. Isso, claro, supondo que realmente precisem de dinheiro. Mas, mesmo se não precisarem, é um valor difícil de recusar. Você sugeriu que talvez ela queira mais. Ótimo. Se quiserem mais, Alex pode e dará mais. Tenho certeza disso.

— É claro que posso — comentou Alex. — E darei. Só lamento não ter pensado em suborná-los mais cedo.

— Cada um de nós está fazendo o melhor que pode — disse Tank. — Pelo menos, você pensou nisso e apresentou as opções a ela. Nós só os conhecemos ontem. Eu estava preocupado demais com Cutter para considerar a ideia.

— Eu também — disse Blackwell.

— Eu também não pensei nisso — comentei. — A oferta de Alex talvez nos salve. Quem sabe com o que estamos lidando?

— Esse é o problema — retrucou Tank. — Você falou em fundos e heranças que, nesse caso, são válidos. Como eles teriam conseguido viver aqui por tanto tempo sem um fluxo de dinheiro para sustentá-los? Uma ou várias pessoas aqui têm dinheiro. Caso contrário, não teriam conseguido fazer isso. Eles têm meios para fazer o que fizeram. Mas, depois de tantos anos, quanto dinheiro sobrou? Essa é a questão. Depois de viver aqui por décadas, deve importar. Quer dizer, a não ser que estejamos lidando com uma pessoa extremamente rica que ainda tem acesso a quantidades significativas de dinheiro, o que é uma possibilidade, se investiram adequadamente. Mesmo assim, e apesar de a ilha oferecer muita coisa, não existe algo como dinheiro demais, existe? Por causa disso, aposto como farão um acordo conosco. — Ele olhou para Alex. — Por falar nisso, planeje pagar mais.

— Pagarei o que for necessário para que minha esposa e Cutter tenham o tratamento médico de que precisam e para tirar o resto de nós desta ilha. Isso não é um problema. Darei o que pedirem.

— Quando deveremos abordá-los? — perguntei a Tank.

— Amanhã — respondeu Tank. — Alex e eu voltaremos ao complexo. Iremos acima daquela mulher. Falaremos com os homens. Faremos todos os esforços

para conseguir um acordo. Se puder ir conosco, Jennifer, não será ruim. Você contou para aquela mulher o que está passando, mas não aos homens. Quero você conosco por causa disso. Quero que eles escutem você falar sobre sua situação. A não ser que sejam um bando de filhos da puta sem coração, alguém simpatizará com você. Isso, e o dinheiro, podem ser suficientes para que façam alguma coisa.

CAPÍTULO 19

Pela manhã, fui a primeira a acordar, mas não foi por acaso. Acordei porque os ouvi novamente do lado de fora da cabana. Ouvi-os andando pelas folhagens e sua presença me deixou muito nervosa depois da conversa com a mulher no dia anterior e porque, no que dizia respeito a eles, nosso tempo na ilha estava muito próximo de terminar.

Peguei a mão de Alex e apertei-a. Quando ele acordou, olhou para mim. Mas, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, coloquei um dedo sobre seus lábios, aponte para minha orelha e acenei em volta da cabana.

Escute.

Era pouco antes do alvorecer, que era quando eles normalmente iam embora, pois sabiam que acordaríamos em breve. Desde o dia em que o avião caíra, onze dias antes, aquele fora o padrão.

Mas aquilo era diferente.

Durante a noite, eu os ouvira andando à nossa volta... como tinha certeza de que os outros ouviram. Mas ouvi-los naquela hora era incomum. Normalmente, iam embora antes que o sol nascesse. Outra coisa que me chamou a atenção foi a respiração de Cutter, que estava ainda mais difícil do que na noite anterior. Eu estava deitada sobre o lado direito do corpo, a cerca de três metros dele. E, apesar de não conseguir vê-lo, sabia que, por causa do líquido que enchia seus pulmões, talvez fosse seu último dia. A respiração dele parecia densa, quase como se ele estivesse afogando-se nos próprios fluidos, o que não acontecera quando fôramos dormir na noite anterior.

Silenciosamente, cheguei mais perto de Alex e perguntei baixinho: — Por que eles ainda estão aqui?

Ele deu de ombros.

— Talvez não seja preciso irmos até eles — sussurrei. — Talvez devêssemos confrontá-los agora mesmo e ver se conseguimos um acordo.

— Consegue acordar Tank? — perguntou ele baixinho. — Precisaremos dele.

Lisa estava dormindo ao meu lado, com Tank logo depois. Meu receio era que, se eu assustasse um dos dois, as pessoas do lado de fora da cabana saberiam que estávamos acordados. E o que aconteceria então? Eles iriam embora? Alguma coisa mudara desde que falamos com aquela mulher? Estavam simplesmente esperando que saíssemos da cabana para que nos confrontassem?

Estavam preparados para nos desafiar?

Eu não sabia ao certo, mas precisava fazer alguma coisa.

O mais silenciosamente possível, virei-me para o outro lado e vi que Lisa estava deitada virada para mim. Gentilmente, encostei as pernas nas dela, o que fez com que ela abrisse os olhos, encarando-me como se nunca tivesse me visto. Aquele momento inicial de pânico passou rapidamente, mas não o suficiente para Tank, que tinha o sono leve. Ele se sentou em silêncio e virou-se para mim. Apontei para a orelha novamente. Em seguida, acenei em volta da cabana.

Escute.

Era tudo o que ele precisava ver. Por um momento, ficou sentado em silêncio. O sol entrava pela copa de folhas de palmeiras acima de nós. Pela expressão preocupada no rosto dele, Tank também notou que havia algo de diferente. Não era o padrão deles. Não deveriam estar lá naquele momento.

Agilmente, ele acordou Blackwell, Daniella e Alexa com tal gentileza que nenhuma delas fez som algum. Ele se abaixou e disse algo a elas, que assentiram. Em seguida, Tank beijou Lisa nos lábios antes de se levantar e ajoelhar-se ao lado de Alex e eu.

Ele falou tão baixo que tive que me concentrar no que dizia: — Eles estão aqui por um motivo. Nós três precisamos sair da cabana, esperar que se aproximem, o que acho que farão, e ver o que querem. Tenho a sensação de que sabemos o motivo. Os outros permanecerão aqui. — Ele olhou para Alex. — Dê-me a faca.

— Por quê?

— Sem perguntas.

Alex entregou a faca a ele.

— Vamos — disse Tank.

* * *

Quando saímos da cabana, foi de forma tão casual como em qualquer outro dia. Não que isso importasse. Quase imediatamente, fomos recebidos pelos mesmos quatro homens que tinham levado Cutter de volta. Eles estavam parados do lado de fora da cabana com as armas apontadas para nosso peito.

Reconheci todos eles, especialmente o homem mais velho, com cabelos e barba brancos. Isso confirmou que era ele quem mandava na ilha. Caso contrário, ele não teria aparecido duas vezes, especialmente em dois momentos importantes. Procurei uma mulher atrás deles, talvez na praia, mas só havia os

homens.

E eles pareciam sérios.

Lá se vai a igualdade, pensei.

— Bom dia — disse Tank a eles.

— É? — perguntou o homem mais velho. — Acho que depende. Ouvimos sua oferta, que foi discutida. E decidimos que valia a pena explorá-la com você hoje.

— Obrigado por considerá-la. Posso perguntar o que discutiram?

— Que queremos vocês fora da ilha.

— Acredito que saibam que queremos a mesma coisa.

— O problema é que isso lhe custará mais do que os dez milhões que você ofereceu inicialmente.

— Dez milhões de dólares é muito dinheiro.

— E fizemos nossa pesquisa. — Ele acenou para Alex. — Sabemos agora quem ele é. Está por toda parte na internet. As pessoas acham que ele está morto. Alguns ainda têm esperança de que ele esteja vivo, mas é algo que está diminuindo. Muitas preces lá fora... e muita tristeza. Além disso, há muito sendo dito sobre o fim da Wenn Enterprises, que parece estar prestes a ir para a lixeira sem a sua liderança. Você sabe, esse tipo de coisa.

— Vocês têm acesso à internet?

— Você é surdo?

— Se têm acesso, por que não nos ajudaram? — perguntou Tank.

— Ajudamos o seu amigo.

— Pelo que ouvimos, vocês os trouxeram para nós porque, no que lhes dizia respeito, ele era uma causa perdida.

— Eu estava errado sobre isso?

— Ele ainda está vivo.

— Por enquanto.

— Você tem razão. Enquanto conversamos, ele está perto da morte. Mas vocês têm remédios na ilha que podem ajudá-lo. Então, por que não ajudam?

— Aqueles suprimentos têm um custo alto para nós. Há centenas de nós aqui. Pode imaginar o quanto precisamos ter acesso a eles. Ele não é um de nós e, no que me diz respeito, não dou a mínima sobre o estado dele nem como chegou até nós. Como ele não é um de nós, não recebeu o que poderia ter recebido se fosse.

— Se vocês têm acesso à internet, estou confuso — disse Tank. — Achei que não queriam saber do mundo externo.

— Você entendeu errado. Há anos, cansamos daquele mundo. Não queríamos fazer parte dele, mas isso não significa que não acompanhamos como ele está sendo destruído por países, governos e corporações. Você sabe, como a Wenn Enterprises. — Ele olhou para Alex. — Que seria você, correto?

— Eu sou dono da Wenn — disse Alex. — Mas não estou destruindo nada.

— É mesmo?

— É.

— Então, você terceiriza partes do seu novo telefone para a Singapura para ajudar aqueles que gostariam de ter essas oportunidades de emprego nos Estados Unidos?

— Fizemos uma licitação. Precisamos de peças específicas para produzir o telefone. Singapura foi a opção mais barata. A maioria do nosso SlimPhone é feita nos Estados Unidos. Só compramos o cartão de memória de Singapura. Mais nada.

— E, como você é um imbecil ganancioso, aceitou.

— As pessoas de Singapura não têm o direito de ganhar dinheiro?

— Está de sacanagem comigo? Quanto eles ganham por hora? Já considerou isso? Você fodeu com eles para garantir seu lucro.

— Como você tem acesso à internet, sugiro que procure quanto dos negócios da Wenn são conduzidos nos Estados Unidos. Mais de oitenta por cento são feitos lá. Quanto a Singapura, sim, eles ganharam a licitação por alguns motivos. Eram mais baratos e ofereciam um excelente produto.

— Que seja, cara. Você tem barba agora, mas é o rosto que vi em todas as notícias. Portanto, deve ser o grande Alexander Wenn sobre quem todos estão choramingando. E, como sabemos o quanto vale, queremos cinquenta milhões de dólares para tirar vocês da ilha.

— Cinquenta milhões?

— Isso mesmo. Cinquenta milhões.

— Se eu devo lhe dar cinquenta milhões de dólares para nos tirar desta ilha, como espera que eu prossiga? E, mesmo se eu agir de boa-fé, quem garante que vocês farão o mesmo?

— Acho que não há como garantir. Você terá que aceitar nossa palavra.

— O que sua palavra vale?

— Cinquenta milhões de dólares.

— Por cinquenta milhões, é melhor que seja boa. Então, eis o acordo... pelo menos, a primeira parte dele. Vocês têm penicilina na ilha. Nosso amigo está em condição crítica e precisa de ajuda urgente. Vocês podem ajudar. Dê-nos doze doses de penicilina. Depois disso, confiarei em vocês o suficiente para lhe dar o dinheiro.

— Nem pensar. Primeiro o dinheiro. Depois nós lhes daremos a penicilina.

— Tem certeza de que quer arriscar?

— A pergunta é se você quer. Não fugimos dos Estados Unidos por capricho, sr. Wenn. Viemos aqui armados com dinheiro suficiente para durar alguns anos.

— Quem são "nós"? — perguntou Alex. — Sua geração? Talvez a geração depois da sua? Não importa. Em algum momento, esse dinheiro acabará. E, quando isso acontecer, a terceira geração sofrerá. E as gerações depois dela. Você se importa com seus bisnetos? Seus tataranetos? E os que virão depois deles? Eu sei que sim. Acredite ou não, acho que você provavelmente é um homem bom que quer proteger o que construiu aqui. Não teria vindo até nós hoje se não fosse.

— Não precisamos do seu dinheiro, amigo.

— Em longo prazo, acho que precisam. E não é um julgamento da minha parte. É a realidade. Se estão aqui há trinta anos, em algum momento precisarão de um novo influxo de dinheiro. Fico feliz em oferecer isso a vocês. Mas não darei nada se não ajudarem nosso amigo. Se não ajudarem, ainda há uma boa chance de sermos encontrados e vocês deixarão de ganhar cinquenta milhões. Pense nisso por um minuto. Qual é a conclusão?

O homem pensou no assunto por um momento antes de falar.

— Qual é a situação de Cutter agora? — perguntou ele.

— Ele já lhe disse — retrucou Tank. — Hoje pode ser o último dia dele. Se não, certamente amanhã.

— Se trouxermos seis doses de penicilina e concordarmos em entrar em contato com as pessoas certas para tirarem vocês da ilha por cinquenta milhões, teremos um acordo.

— Pedi doze doses — disse Alex.

— E estou oferecendo seis.

— Como prosseguiremos? — perguntou Tank.

O homem franziu a testa. — Agora é a parte complicada — disse ele.

CAPÍTULO 20

— Como assim, complicada? — perguntou Alex.

— O dinheiro precisa ser transferido para nossa conta bancária na Suíça. Você sabe como elas funcionam. Temos uma conta numerada, sem nomes ligados a ela. Sua transferência não será para um nome, apenas para um número, o que manterá nosso anonimato. E acho que todos vocês já sabem como é importante que continuemos no anonimato. Estamos aqui justamente por causa disso. É a chave de tudo o que construímos aqui para nós.

— Se eu lhe der o dinheiro, as pessoas saberão que estou vivo. Precisarei autorizar pessoalmente a transferência. Você entende isso?

— Considerando o valor da transferência, sim. E eles saberão exatamente onde você estará quando fizer a transferência. Mas você telefonará de outra ilha, uma habitada, não desta, onde sua esposa e seus amigos ficarão esperando seu retorno. Se você tentar algo idiota, morrerá. Em seguida, eles morrerão. Simples assim. Se for inteligente, você transferirá o dinheiro e nós o traremos de volta para cá. Eles só saberão que você está vivo... em algum lugar. Um lugar a horas daqui, na verdade, porque chegar àquela ilha é uma viagem de três horas de barco.

— Eis minha proposta final — disse Alex. — Dê-nos doze doses de penicilina para que nosso amigo supere o pior. Depois, leve-me com você para que eu transfira o dinheiro. Antes de enviá-lo para sua conta, você terá que telefonar para as autoridades locais dizendo exatamente onde estamos. Precisarei ver e ouvir pessoalmente esse telefonema. Caso contrário, o acordo será cancelado. Estou sendo bem direto com você. Você receberá o dinheiro que, se investido de forma inteligente, sustentará seu povo por décadas.

— Não quero que ninguém saiba que vivemos aqui.

— Nesse caso, como propõe alertar as autoridades que nos viu na ilha?

— Eles só precisam receber um telefonema anônimo de alguém que sobrevoou a ilha, viu os destroços do avião e telefonou porque um acidente aéreo nesta área está em todos os noticiários. Minha preocupação é a seguinte: e se você contar a eles que estamos aqui?

— É a minha palavra. Só queremos salvar nosso amigo, talvez salvar nosso filho e voltar para casa. Quanto ao restante de vocês, no que me diz respeito,

podem viver nesta ilha pelo resto da vida. O que me importa se fizerem isso? Não importa. Nenhum de nós dirá nada por um motivo muito bom... vocês optaram por nos ajudar.

— Em troca de um ganho financeiro.

— O dinheiro não significa nada para mim se significa que logo voltaremos para Nova Iorque. Podemos ser razoáveis sobre isso por um momento? Só o que queremos é a penicilina, doze doses, não as seis que você ofereceu antes. E sair daqui, o que vocês podem fazer acontecer. Se concordar com isso, não vou sabotar vocês. Na verdade, só vou sentir gratidão. Vocês têm o poder de dar um telefonema, algo que eu não tenho. Mas deve acontecer hoje. Não amanhã. Hoje. Tudo tem que acontecer hoje porque Cutter está piorando rapidamente. Logo, estarão nos procurando novamente. Um helicóptero de resgate estará equipado com tudo que é necessário para mantê-lo vivo. Portanto, leve-me ao banco, dê o telefonema e transferirei o dinheiro. Em seguida, pode me trazer de volta para cá e iremos embora quando vierem nos buscar. Não me importo com o dinheiro. Estou falando sério. É apenas dinheiro. Só o que quero é nossa vida de volta. Estamos entendidos?

— Na verdade, estou inquieto. E se você tentar alguma coisa no telefone no banco? E se você nos expor?

— Você está me escutando? Acha mesmo que vou prejudicar nosso bem-estar tomando uma decisão idiota como essa? Eu entendo. Você nos matará se eu não transferir o dinheiro. Eu sei disso. Portanto, tome sua decisão agora e seja inteligente. Você pode usar o dinheiro para garantir o futuro de seu povo. Para garantir que os fundos foram transferidos, basta telefonar para o seu banco. O dinheiro estará lá. E, com isso, estaremos quites. Eu terei cumprido a minha parte do acordo e você já terá cumprido a sua, pois telefonará para as autoridades logo antes da transferência. Se o dinheiro não estiver lá, pode matar todos nós. Parece sério o suficiente para você?

Demorou um longo momento para que o homem falasse. Ele disse apenas cinco palavras: — Está bem. Temos um acordo.

— Só para ser bem claro, pois acho necessário ser claro com você antes de partirmos, irei naquele barco com você, mas o telefonema para as autoridades será feito logo antes de eu entrar no banco. E você entregará a penicilina antes de partirmos. Está bem?

— Temos um acordo — disse o homem. Ele ergueu a arma, assentiu para um de seus homens e virou-se para Alex. — Mas não antes que você seja revistado.

Foi quando percebi a genialidade de Tank antes de sairmos da cabana: desarmar Alex caso algo como aquilo acontecesse para que ficássemos com a faca.

— Ele está limpo — disse o homem mais jovem ao terminar de revistar Alex.
— Ótimo — disse o homem mais velho. — Então vamos.

CAPÍTULO 21

— Não antes que eu fale com a minha esposa — disse Alex.

— Por quê?

— Porque, se vocês fizerem alguma coisa e eu não voltar ou não vê-la de novo, tenho muito a dizer a ela.

— Você a verá de novo. E depois todos vocês darão o fora daqui.

— Ainda assim, quero falar com ela... em particular.

— Dez minutos.

— Enquanto isso, sugiro que use esse tempo para buscar a penicilina — disse Alex. — Porque não sairemos daqui sem ela.

— Isso levará mais do que dez minutos.

— Então um dos seus homens precisa se apressar e buscá-la. Não lhe darei nada sem a penicilina. Pode ter certeza disso.

Relutantemente, o homem se virou para o mesmo rapaz que revistara Alex e disse-lhe para buscar doze doses do remédio. Vi isso como um sinal positivo, especialmente quando o rapaz passou correndo por nós e pelos destroços do avião, entrando na floresta logo em seguida.

Quando ele sumiu, Alex se virou, pegou-me pela mão e levou-me para longe o suficiente para que ninguém nos ouvisse.

Eu tremia ao andarmos na direção do oceano. Meu coração batia com muita força depois da conversa. Senti-me perto de desfalecer ao imaginar o que poderia acontecer com Alex sem que eu pudesse protegê-lo. Ou Tank. Especialmente Tank. Meu marido partiria sozinho e a ideia me deixou muito assustada. Eu não conseguia imaginar a vida sem ele. E lá estava ele, disposto a colocar a vida em risco por todos nós.

— Estou com medo — disse eu quando estávamos longe o suficiente.

— Não fique. Eles querem o dinheiro. Tenho a impressão de que precisam dele. Já aceitaram uma das exigências, o remédio. Isso me diz tudo.

— Mas e se eles não derem o telefonema? Ou, se por algum motivo, você tiver problemas para transferir o dinheiro? Eles matarão você.

— Não farão isso lá. Eles darão tempo para que o dinheiro apareça na conta. Se não der certo da primeira vez, farão com que eu tente de novo. Não vão desistir facilmente de tanto dinheiro. Não se preocupe.

— Não me preocupar? Está falando sério? Você é a minha vida. Não quero

que faça isso.

— Estamos aqui há quase duas semanas, Jennifer, e ninguém nos encontrou ainda. Chegou a hora de arriscar. Não pense que não estou levando isso a sério. Mas sei de uma coisa. É hora de pelo menos tentar alguma coisa que realmente consiga nos tirar daqui, em vez de não fazer absolutamente nada.

— Como pretende lidar com a situação?

— Vou telefonar para Ann. Ela saberá que sou eu no momento em que ouvir minha voz. Ela tem a autoridade para transferir os fundos que preciso transferir e cuidará do resto. O processo inteiro não deverá demorar mais do que quinze minutos. Mas não farei nada se eles não alertarem primeiro as autoridades sobre onde estamos.

— E se eles não fizerem isso?

— Então não receberão um centavo.

— Se você resistir, poderão matá-lo.

— Vamos para uma ilha grande o suficiente para ter um banco. Se tentarem alguma coisa lá, farei um escândalo na frente de todo mundo... e não ache que eles não sabem disso. Ou que não esperam que eu faça isso. Com sorte, conseguiremos salvar Cutter. Com um pouco mais de sorte, sairemos daqui hoje à noite.

— Isso tudo pode dar errado de maneiras que não estamos prevendo. Você já considerou que podem sequestrá-lo para pedir um resgate maior ainda?

Aquilo fez com que ele pensasse.

— É uma possibilidade — disse eu. — Por que não insiste em levar um de nós com você? Tank irá com você. Eu sei que sim.

— Você precisa de Tank aqui caso os outros tentem alguma coisa enquanto estou longe.

— O que uma arma e uma faca adiantarão contra todos eles? Estamos condenados de qualquer forma. — Eu o abracei e beijei. — Estou tentando ser forte, mas estou com medo. Se alguma coisa acontecer com você, não aguentarei viver. Isso tem que dar certo, Alex. Você tem que voltar para mim. E para nosso o filho, se tivermos sorte o suficiente para ainda termos um filho. E para o nosso futuro juntos. Não pode ser o nosso fim. Não pode!

Eu estava muito emotiva e ele me abraçou com mais força do que nunca. Ele me beijou ferozmente e senti a barba dele espetando meu rosto. Mergulhei no abraço dele como se fosse o último. Poderia ser a última vez em que eu teria os braços do meu marido em volta de mim. A ideia me deixou tão arrasada que eu estava praticamente inconsolável. Por algum motivo, comecei a chorar e o choro se transformou em um alívio de todo o medo e toda a raiva que se acumulavam dentro de mim.

— Pare — disse ele.

— Como posso parar? Olhe o que estou enfrentando. Olhe o que posso perder.

— Você precisa confiar em mim. Quando foi que eu desapontei você?

Limpei as lágrimas dos olhos, respirei fundo e olhei para ele. — Quando nos conhecemos, houve aquele momento na pista de dança, no nosso primeiro suposto "encontro". Lembra-se daquela noite?

Ele sorriu com a lembrança. E foi um sorriso tão acolhedor que voltei àquele momento. — É porque eu estava louco por você e não sabia como processar isso. Você me surpreendeu. E continua a me surpreender. E sei que continuará me surpreendendo.

Fiz o possível para me recompor, mas não consegui. Só abracei-o de novo, sem querer largá-lo. No fundo do coração, eu estava com medo de que fosse o nosso fim. Quem eram aqueles homens? O que poderiam fazer com Alex? Por vários momentos, ficamos parados lá, abraçados, sentindo a energia um do outro como se fosse nosso último instante juntos... nosso instante mais importante. Nenhum de nós sabia o que aconteceria, mas eu sabia de uma coisa: tinha sérias dúvidas sobre as intenções daquele grupo em relação ao meu marido.

— Escute bem — disse eu ao nos separarmos. — Se há bancos naquela ilha, deve haver uma farmácia. Preciso que faça uma coisa por mim. Por nós.

Ele franziu a testa. — O quê?

— Quero que compre dois testes de gravidez.

— Jennifer...

— Eu preciso saber — disse eu. — Preciso conseguir aceitar a perda ou sentir o alívio de que, de alguma forma, o bebê sobreviveu ao acidente e ainda estou grávida. Não posso esperar até chegarmos em casa. Não saber está acabando comigo. Tenho certeza de que você sente o mesmo. Estou tentando ao máximo não demonstrar, mas não conseguirei manter a fachada por muito mais tempo. Preciso saber. Você precisa saber. No momento, temos uma oportunidade de saber. Um teste responderá a essa pergunta.

— Supondo que eu encontre um teste naquela ilha, ele será preciso? Foi fabricado nos Estados Unidos? Foi feito em algum país de terceiro mundo? O quanto um teste desses será preciso?

— Esses testes estão disponíveis há anos. Não é nada complexo. Eles usam os mesmos métodos para confirmar ou não uma gravidez. O que você encontrar será preciso. Por favor, faça isso por mim. Preciso de uma resposta. Preciso saber para que nós dois possamos ir em frente... independentemente do resultado.

— Vou encontrar um.

— Dois. Preciso de dois. Precisamos ter certeza.

— Está bem — disse ele gentilmente. — Não sei o que tem naquela ilha, mas tentarei encontrar dois.

— Eu amo você demais. Tirarem você de mim está me matando.

— Eis o quanto eu amo você — retrucou ele. — Vou ganhar esse jogo. Eles darão o telefonema. Receberão o dinheiro. E sairemos desta ilha.

CAPÍTULO 22

Quando retornamos ao grupo, quinze minutos tinham se passado. Demoraram mais dez minutos para que o jovem que fora buscar o remédio voltasse. Ao chegar, ele o entregou ao homem mais velho, que contou as seringas e entregou-as a Alex que, por sua vez, deu-as a Tank.

— Você recebeu o remédio — disse o homem. — Agora, dê-nos nosso dinheiro.

— Tenho uma pergunta — disse eu.

— Que pergunta?

— Quanto tempo ficará fora?

— Eu já disse. São três horas para chegar à ilha. Imagino que ficaremos lá por cerca de uma hora. E mais três horas para voltar. Você terá seu homem de volta antes que o sol se ponha. Não se preocupe.

— Aí é que está. Eu estou preocupada.

— Todos estamos — acrescentou Blackwell.

— Se o dinheiro chegar na nossa conta, nenhum de vocês precisará se preocupar conosco nunca mais. — Ele olhou para Alex. — Precisamos ir.

— Dê-me mais um beijo — disse eu para Alex antes que ele fosse embora.

Foi o beijo mais apaixonado e amoroso que ele jamais me dera. Foi um beijo para que eu me lembrasse para sempre. Algo que ele me deixou caso não voltasse, o que me deu vontade de chorar novamente.

— Tenha cuidado — disse eu. — Lembre-se de que eu o amo. E também do que eu lhe disse.

O velho se virou para mim. — O que você disse? — perguntou ele.

Eu o encarei. — Eu pedi a ele que comprasse dois testes de gravidez. Portanto, esteja preparado para ir a uma farmácia e comprá-los para mim. Quero meu marido de volta e aqueles testes de gravidez para ver se ainda estou grávida. Pode parecer algo inconsequente para você, mas saber se nosso bebê ainda está vivo significa tudo para mim e para o meu marido. Certamente, você consegue entender isso. Se não conseguir...

E parei de falar.

À distância, ouvimos o som inconfundível do avião novamente, acompanhado de um helicóptero. Foi o suficiente para que todos erguêssemos o rosto para o céu.

— Ora, escutem só — disse o homem. — A busca pelo grande Alexander Wenn continua. Para você, isso provavelmente tem o som da esperança. Para mim, parece mais desespero no caminho de vocês. Quer saber o motivo? À nossa volta, há dezenas de ilhas não habitadas. Sabiam disso? Achei que não. Qual delas eles sobrevoarão hoje? Onde procurarão? Aqui? Ainda não fizeram isso, portanto, não fiquem cheios de esperança. A sua única chance é o telefonema que eu vou dar. Enquanto isso, todos vocês serão observados com mais atenção do que nunca.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Tank.

— Por que não dá uma olhada em volta e vê exatamente o que quero dizer?

Nós nos viramos e vi que havia dezenas de outros homens, todos armados, saindo da floresta quando o homem falou. Até onde sabíamos, poderia haver outros à espreita.

Estávamos à mercê de pessoas sem misericórdia.

E, naquele momento, ficou absolutamente claro que não sairíamos daquela ilha se Alex não conseguisse falar com Ann, ou com alguém da Wenn, para completar a transferência do dinheiro.

— Esperaremos vocês de volta em sete horas — disse eu.

— Precisamos chegar até o barco, moça. E, quando voltarmos, teremos que caminhar até aqui. Dê-nos nove horas. Você terá seu homem de volta. — Ele piscou para mim, um gesto que pareceu um tanto ameaçador. — Prometo.

Ao terminar de falar, o homem avançou e pegou Alex pelo braço. Em seguida, os cinco começaram a andar para longe de nós. Blackwell e Lisa ficaram ao meu lado e colocaram os braços em volta de mim. Os homens parados na beira da floresta se moveram para mais perto de nós.

CAPÍTULO 23

— Eles vão matá-lo — disse a voz de uma mulher quando Alex e os homens desapareceram de vista. — Eles o enganaram. E enganaram vocês. Alex morrerá por isso.

Apesar de ficar muito abalada ao ouvir aquilo, reconheci a voz antes mesmo que a mulher saísse da floresta, apresentando-se a nós. Os homens em volta dela abaixaram as armas.

Era a mulher do campo de abacaxis... tinha que ser. Ela era alta, magra e parecia ter quase sessenta anos. Os cabelos eram grisalhos e curtos e ela vestia uma camiseta branca e *jeans* desbotados. A primeira coisa que percebi quando a vi foi que o olho esquerdo estava roxo e o lado direito da boca estava inchado e machucado. Parecia que alguém lhe dera vários socos no rosto.

— Do que está falando? — perguntei. — O que quer dizer com eles nos enganaram?

Ela inclinou a cabeça na minha direção. — O que foi que você não entendeu? Eles vão matar o seu marido.

— Mas por quê? — perguntei com medo. — Fizemos um acordo com o seu povo. Alex lhes dará o dinheiro. Prometemos isso. E falamos sério. Pretendemos cumprir.

— Não tenho dúvidas de que seu marido cumprirá isso. Mas ainda assim vão matá-lo. Quando o dinheiro for transferido e eles voltarem para o barco, o plano deles é cortar a garganta dele e jogar o corpo no mar. Depois, voltarão para cá e matarão o resto de vocês. Por quê? Porque não querem vocês aqui. Há aviões por perto, dá para ouvi-los agora. Nesta manhã, foi decidido que a última coisa de que precisamos é que uma equipe de busca venha para cá, o que poderia ameaçar nossas chances de permanecer na ilha. Estamos aqui ilegalmente. O medo é este: o que acontecerá conosco se nos descobrirem? Até onde for possível, os homens que levaram seu marido querem acabar com qualquer chance de que isso aconteça.

— Mas eles vão dar aquele telefonema — disse eu. — Alex não transferirá o dinheiro se não derem o telefonema.

— Não haverá telefonema algum — disse a mulher. — Era mentira. Em cerca de uma hora, enquanto estiverem no barco, Alex ouvirá a verdade. Não haverá telefonema algum. Em vez disso, ele receberá uma escolha. Ir para a ilha,

transferir o dinheiro e abrir mão da própria vida em troca de mortes rápidas para o restante de vocês. Sabe, como um tiro na testa. Ou, se ele se recusar, receberá um resumo do que exatamente será feito com vocês depois da morte dele. Tortura para todos, estupro para as mulheres, fome, desidratação e, finalmente, uma morte tão brutal que ele ficará atônito ao ouvir. De certa forma, o que acontecerá com vocês depende de Alex. E, pelo que vi, ele se entregará para salvar o resto de vocês do pior. Pelo menos, é nisso que eles estão apostando. E devo dizer que acho que estão certos. Não que importe. De qualquer forma, vão matá-lo. E vão matar vocês.

— Por que está nos contando isso? — perguntou Tank.

A mulher andou na direção dele. — Porque a maioria de nós não concorda com isso — disse ela. — Os homens que vieram aqui mais cedo, o mais velho deles é meu marido. Os outros três são meus filhos. Está vendo o machucado no meu rosto? Claro que sim. Meu marido fez isso quando soube da conversa que tive com Jennifer e Alex perto do campo de abacaxis. De acordo com os punhos dele, eu não deveria ter conversado com vocês. Eu estava caçando porcos selvagens. Estava com meu filho mais velho, que é ferozmente leal ao pai, mesmo depois de ele ter feito isso comigo. Foi meu filho que contou a ele sobre nossa conversa. Apanhei porque optei por não contar a ele. O homem com quem me casei há trinta e três anos se foi. Ele é uma pessoa diferente agora. É irracional. Iludido. Abusivo, e não só comigo. Por décadas, ele foi um homem bom. Mas, nos últimos anos, desenvolveu algo parecido com complexo de Deus. O que importa é que muitos de nós perdemos a fé nele como líder, incluindo eu. Quero sair de perto dele. Quero deixá-lo aqui. Quero voltar aos Estados Unidos e começar uma vida nova. — Ela acenou em volta. — Essas pessoas também. E dezenas de outros. Aqueles que enxergam a verdade sobre o meu marido, um tirano filho da puta, querem sair da ilha.

— E aqueles que permanecem leais a ele? — perguntou Tank.

— São a minoria. No que me diz respeito, podem ficar para trás e apodrecer no inferno junto com ele.

— Foi a primeira vez que ele bateu em você? — perguntou Tank.

Ela deu uma risada.

— Eu sinto muito — disse ele.

— Eu também.

— Você veio aqui por um motivo. Obviamente, enganou seu marido e veio aqui com um plano. O que tem em mente?

— Quero agir agora para salvar a vida de Alex e colocar meu marido e meus filhos na cadeia antes que seja tarde demais.

— Você quer seus filhos na cadeia?

— Eles não me amam. E adoram o pai. Apoiaram cada golpe que ele me deu. Eles o defenderam. Achem que não sou nada. E, por causa disso, não os considero mais meus filhos, a traição foi grande demais. E não apenas contra mim. Cada pessoa que está comigo agora foi afetada negativamente pelo meu marido e pelos meus filhos. Foram chicoteadas, presas em quarentena, qualquer coisa que as lembrasse de quem está no comando.

Ela olhou para mim. — Quando a vi no campo, não tive outra opção além de falar como falei porque meu filho precisava me ouvir falar de forma dura com você. Caso contrário, eu sabia que ele diria ao meu marido que isso não acontecera. E eu sabia quais seriam as repercussões. Meu erro foi não ter contado diretamente ao meu marido que encontrei vocês. Mas isso não importa agora. Meu rosto curará, como já aconteceu. Mas sei de uma coisa, não posso mais viver assim. Nem os homens que estão aqui comigo agora. Nem a família deles. Queremos sair daqui.

— E como pretende fazer isso?

— Há outro barco — disse ela.

Os olhos de Tank demonstraram surpresa ao ouvir aquilo. — Vocês têm outro barco aqui? Só vi um.

— O outro barco fica no outro lado do complexo. Ele tem uma doca própria. Vocês estavam tão distraídos com a antena que obviamente não o viram.

— E você quer que nós o usemos. Por quê? Qual é o seu plano? Suponho que queira algo de nós. O que é?

— Nossa liberdade, que podem nos dar com um simples telefonema. É pedir demais?

— Não.

— Quero que leve o barco com dois de nossos homens, que estarão armados. Você precisa ir agora e chegar àquela ilha antes que seja tarde demais. Lá, você terá que encontrar o barco que eles levaram, o que não será fácil, pois há dois portos e uma marina na ilha, e os dois são locais grandes. Mas, se encontrar o barco a tempo, um dos meus homens o pegará com a chave de reserva que temos. Ele o trará de volta para nós, deixando meu marido e meus filhos presos na ilha e incapazes de matar Alex.

— Como sabemos que não o matarão? Poderão matá-lo por despeito.

— Não farão isso naquela ilha.

— Como sabe disso?

— Porque a ilha tem muita gente. Além do mais, é dia. No momento em que chegar lá, você precisará encontrar um telefone para alertar as autoridades sobre a situação e o banco. Depois, terá que procurar o barco deles para impedi-los de sair da ilha com Alex. Ainda há tempo de fazer isso tudo, mas ele está acabando.

Não demorará para que entrem no barco. Você precisa pegar o outro barco, e depressa, para que chegue lá não muito depois deles.

— O que pensarão aqueles que estão contra você?

— Eu já disse, eles são minoria. — Ela olhou para os homens ao seu lado. — Estes homens estão armados e nós os levaremos conosco ao entrarmos no acampamento. Também há outros nos esperando lá, todos com armas. Se alguém tentar alguma coisa, não temos medo de lutar. Com meu marido e meus filhos fora daqui, vemos isso como nossa chance de finalmente sair desta ilha. De deixar esta vida. Se vocês nos ajudarem, nós os ajudaremos.

— Combinado — disse Tank.

— Obrigada. Mas precisamos nos apressar.

— Eu vou junto — disse eu.

A mulher assentiu. — Imaginei que sim.

— Jennifer — disse Tank.

Antes que ele dissesse mais alguma coisa, eu o interrompi. — Eu vou. Ponto final. É o meu marido lá e ele não vai enfrentar isso sem mim. Além do mais, posso ajudar você.

— Como?

— Por exemplo, para achar aquele barco. E para cuidar de você. Mas, antes de encontrarmos o barco, precisaremos dar dois telefonemas. Um para a polícia local, que, a essas alturas, deve estar ciente da busca pelo nosso avião. E um para Ann na Wenn, que garantirá que a pessoa responsável pela busca saiba onde estamos. — Olhei para a mulher. — Por falar nisso, onde estamos?

— Vocês estão nas Ilhas Marshall.

— Qual é o nome da ilha para onde vamos?

— Atol Majuro.

— Quantas pessoas vivem lá?

— Cerca de vinte e cinco mil.

— Qual é o seu nome?

— Catherine.

— A ilha onde estamos tem nome?

— Sim. Atol Bokak. — Ela olhou para mim. — Supostamente, é uma das dez ilhas não habitadas aqui. Portanto, ao falar com as autoridades, pode dizer que a ilha é habitada... e que a maioria de nós quer sair dela.

CAPÍTULO 24

Antes de sairmos, fui para a cabana para dizer a Cutter que Tank e eu íamos buscar ajuda. Mas não houve resposta. Ele estava tremendo, inconsciente e lutando para respirar. A febre talvez fosse a mais alta que eu já vira. E, no fundo do coração, eu sabia que, quando voltasse, talvez ele não estivesse mais vivo. Beije a testa dele e disse-lhe para me esperar. Disse também que ele era amado por mim, por Alex, pelos amigos e pela família.

— Acredite em mim — disse eu. — Se consegue me ouvir, você precisa fazer isso, Cutter. Estamos tão perto do fim disso. Vai terminar hoje, portanto, por favor, aguenta firme. Você é um homem forte. Não deixe que isso acabe com você. Lute por você mesmo e pelo resto de nós. Não podemos perder você agora.

Com lágrimas nos olhos, eu o abracei e segurei-o perto de mim por alguns segundos, mas recusei-me a me despedir. Em vez disso, falei que o veria em breve. Saí da cabana mergulhada em frustração, desespero e uma tristeza imensa que teria acabado comigo se eu não tivesse encontrado o olhar de Catherine, que estava ansiosa para partir. Apressadamente, abracei Blackwell, Lisa, Alexa e Daniella. Em seguida, Catherine e os outros conduziram Tank e eu pela praia até a floresta.

* * *

Quando chegamos ao complexo, mal acreditei no tamanho dele, apesar de perceber como ficara despercebido durante todos aqueles anos. Como Tank e Alex tinham dito antes, ele fora construído dentro da floresta, com a copa das árvores logo acima, escondendo das vistas caso um avião sobrevoasse a ilha. Ainda assim, foi difícil acreditar que ninguém sabia que aquelas pessoas moravam ali. Talvez a presença delas fosse apenas tolerada.

E talvez eu não deva me importar e, em vez disso, concentrar-me em sair desta ilha.

Ao andarmos pelo complexo, notei centenas de olhos sobre mim. A tensão que senti era tanta que fiquei nervosa. Homens, mulheres e crianças pararam o que estavam fazendo ao passarmos ou saíram das cabanas para se juntar aos outros.

Muitos dos homens tinham armas, mas nenhuma delas estava apontada para nós. Em vez disso, tivemos permissão para andar pelo lugar em um silêncio inquieto.

Até que um homem falou.

— Posso ser minoria, Catherine — gritou ele. — Mas não permanecerei em silêncio. Você está prestes a destruir tudo o que construímos aqui. Nem todos estão infelizes. Alguns de nós nunca estiveram tão felizes, na verdade. Não conheço nada além desta ilha. E porque você ousa trair seu marido e seus filhos enquanto eles estão fora, considero-a uma covarde. Você está prestes a roubar tudo de nós... e pode ir para o inferno por isso.

Catherine parou e virou-se para o acusador, que era um jovem com pouco menos de trinta anos.

— Acha que o meu marido é rei? — perguntou ela. — Então, o que acha da minha cara? Um líder adequado faria isso com a esposa? Você faria isso com a sua esposa? E o que ele fez comigo antes, várias vezes? Vocês todos viram. Esses machucados no meu rosto não são novidade para nenhum de vocês. Nem para muitos dos que me apoiam agora. Pessoas demais sofreram a fúria do meu marido. Meus filhos traíram muitos de vocês. Acredito que meu marido também bateu na sua esposa. Portanto, deixe-me perguntar isso na frente de todos que estão nos julgando agora. Como você consegue ficar ao lado do meu marido sabendo o que ele fez com sua esposa, comigo e com outros? Que tipo de homem é você? Que tipo de marido? Que tipo de amigo? Meu marido deu socos na sua esposa. Todos nós sabemos disso. Ele enlouqueceu. Não é o homem com quem me casei. Para mim e para aqueles que se juntarem a mim, vou encerrar agora este ciclo de abuso. Se quiser ficar aqui, boa sorte. Mas a maioria de nós irá embora. É algo que você simplesmente terá que aceitar.

— Você é uma covarde! — ouvi uma mulher gritar.

— Covarde é uma pessoa que não se impõe, como muitos estão fazendo agora com esta oportunidade. Portanto, eis o meu conselho — disse ela. — Aviões e helicópteros de resgate chegarão aqui em breve. O que precisam decidir antes disso é simples ou complicado, dependendo de sua posição. Se ficarem do lado do meu marido, imagino que sofrerão uma repressão ainda maior da parte dele... se as autoridades permitirem que ele ou vocês fiquem aqui. Caso contrário, falem com seus familiares e amigos e decidam se a situação atual é a certa para vocês. Se quiserem voltar para os Estados Unidos conosco, serão bem-vindos.

— E o que haverá lá para nós? — perguntou a mulher.

— Liberdade — respondeu Catherine. — O fim da opressão do meu marido e dos meus filhos. Haverá a chance de uma nova vida. Portanto, considerem isso. Muitos de nós escolheram esta oportunidade de sair desse buraco do inferno. Sairemos desta ilha e temos o apoio de muitos. Só para ficar bem claro, essas

pessoas estão armadas. Se tentarem nos impedir, deixe-me avisar: somos em número maior. Se tentarem alguma coisa, nós nos protegeremos. Considerem isso antes de agir, caso decidam fazer isso.

Em seguida, Catherine se virou para nós. — Chega desta merda. Estamos perdendo tempo. O barco está logo ali, depois daquelas árvores.

Quando chegamos ao barco, percebi que não era tão antigo quanto eu esperava. Na verdade, era relativamente novo, o que confirmou nossa ideia de que alguém naquela ilha tinha dinheiro.

— A essas alturas, eles têm uma vantagem de quinze minutos — disse Catherine quando um dos homens ligou o motor do barco. Ela estava na doca, rodeada por dezenas de homens, mulheres e crianças que tinham nos seguido. — Mas este barco é tão rápido quanto o deles, se não for mais rápido. Portanto, não estarão separados deles em mais de quinze minutos.

— Quantos você espera que partam com você?

— Pelo menos duzentos. E, depois daquela conversa, possivelmente mais.

— Então prepararei as autoridades para isso. Que idioma eles falam naquela ilha?

— Inglês e o idioma local. Vocês não terão problemas.

— Ótimo. Agora, por favor, volte para os meus amigos — disse eu. — Eles precisam de vocês. Cutter está morrendo. Você precisa usar todo o conhecimento que adquiriu enquanto estive na ilha para ajudar a mantê-lo vivo. Só precisamos de mais algumas horas, mas não sei se ele tem esse tempo sem todo o apoio que precisa sentir. E ouvir. Cutter está inconsciente agora, mas acredito que ainda consiga ouvir o que falam com ele. Ele precisa ouvir todo mundo. Não apenas os amigos, mas vocês também. Pode fazer isso por nós?

— Faremos isso, sim. Por você e por ele. Agora, vão.

Com isso, virei-me para Tank, que pegou minha mão e ajudou-me a entrar no barco. Com um salto que aconteceu no momento em que o acelerador foi acionado, começamos a cruzar o oceano... em direção a uma aventura que poderia salvar nossa vida.

Ou acabar com ela.

CAPÍTULO 25

Três horas depois, quando nos aproximamos do Atol Majuro, era como se tivéssemos voltado ao primeiro mundo.

À medida que o barco percorria o oceano e o ar quente sacudia meus cabelos, vi o que pareciam ser hotéis ao longo da praia. Veleiros na água. Carros movendo-se à distância.

Era inacreditável que aquela ilha existisse, considerando o isolamento do lugar de onde saímos. Mas os homens que nos acompanhavam, Glenn e Steven, rapazes amigáveis com cerca de trinta anos, nos disseram que o Atol Majuro era a ilha mais populosa da República das Ilhas Marshall. Era também a capital. Pelo jeito, a ilha tinha até mesmo um aeroporto internacional, o que me deixou atônita. Eu lera sobre as Ilhas Marshall na escola, mas nunca mais pensara nelas.

— Há sessenta e quatro ilhas aqui — disse Steven ao nos aproximarmos de Majuro. — Todas espalhadas no que poderia ser melhor descrito como um círculo rudimentar. O Atol Bokak, onde moramos, fica no limite. Diferentemente de algumas das ilhas aqui, ela não é considerada como um bom lugar para pescar ou caçar. Além disso, como não há eletricidade, hospedagem nem infraestrutura, a maioria das pessoas não se dá ao trabalho de chegar perto dela. Quando isso acontece, normalmente ficam por apenas alguns dias na praia para tentar pescar ou mergulhar. Mas, quando percebem que outras ilhas são melhores para isso, partem sem nem saber que existimos. Tem sido assim durante anos.

— Deveríamos ir para a lagoa — disse Glenn a ele. — É onde Wes normalmente ancora, pois fica mais perto do banco e das lojas.

— Quem é Wes?

— O marido de Catherine.

— E se eles não estiverem lá?

— Se a marina estiver cheia, eles escolherão um dos portos, provavelmente o menor deles pelo mesmo motivo, é mais perto do banco. Portanto, iremos primeiro à lagoa. Se não estiverem lá, estarão naquele porto. Eu garanto.

Com o tempo contra nós, Steven acelerou ainda mais. Contornamos o lado direito da ilha e rezei para encontrarmos o barco deles lá. Mas, depois de dez minutos de busca na marina da lagoa, que estava cheia de barcos, ficou claro que ele não estava lá.

Eles tinham ancorado em algum outro lugar.

— A que distância fica o porto? — perguntei. — Eles já estão aqui há quase meia hora. Provavelmente estão no banco agora. Não demorará muito para irem embora. Preciso dar aqueles telefonemas antes que seja tarde demais. Qual é o nome do banco?

— Banco de Guam. Fica na interseção da Principal com a Kitco.

— Pode nos deixar aqui? — perguntou Tank. — Jennifer tem razão. O que precisamos fazer primeiro é dar aqueles telefonemas, que poderão acabar com esta situação.

— Então dê os telefonemas — disse Steven. — Iremos para o outro porto para ver se encontramos o barco. Se encontrarmos, Glenn o roubará deles para levá-lo de volta à ilha. Mas, primeiro, preciso saber se vocês têm algum dinheiro. Precisarão de dinheiro para dar os telefonemas.

— Ainda estou com a minha carteira. Tenho dinheiro — disse Tank.

— Ótimo. Vocês também precisarão de proteção. — Ele se aproximou do banco onde eu estava sentada e pediu-me que levantasse. Ele levantou a tampa do banco, pegou um saco de couro preto e tirou duas pistolas de dentro dele. Depois de verificar se estavam carregadas, ele entregou uma a cada um de nós.

— Coloquem as armas nas costas, na cintura — disse ele. — Escondam com a camiseta. Estão carregadas, portanto, tenham cuidado. Mas, se forem ao banco ou se, por algum motivo, encontrarem Wes e os filhos dele na cidade, talvez precisem delas. É melhor que estejam prevenidos. Vocês sabem usar uma arma?

— Sim, sei — respondeu Tank.

— Eu também. Obrigada pelas armas.

— Vou até a doca para que vocês possam desembarcar.

Enquanto ele manobrava o barco à frente, perguntei: — Como saberemos se você encontrou o barco? E se Glenn conseguiu sair com ele?

— É esse o problema em nos dividirmos. Vocês não saberão até voltarem para cá. Se eu estiver esperando sozinho, saberá que encontramos o barco e que Glenn o levou. Mas, se Glenn estiver comigo, significará que chegamos tarde demais e eles escaparam. Nesse caso, teremos que persegui-los para impedir que matem o seu marido. Portanto, vocês precisam se apressar, dar aqueles telefonemas e voltar para cá logo depois. Se tivermos sorte, estarei aqui sozinho esperando vocês.

Ele levou o barco até a doca.

— Agora, vão — disse ele. — Glenn e eu precisamos sair daqui para pegarmos aquele barco, se quisermos que isso dê certo.

Tank saiu para a doca e ajudou-me a sair do barco. Em seguida, corremos em direção à terra.

E para o que nos esperava lá.

CAPÍTULO 26

Quando chegamos à rua principal, Tank e eu vimos que estava repleta de lojas, comércios, pessoas andando nas calçadas e vários hotéis perto da praia à nossa esquerda. Entramos na primeira loja que vimos, que vendia roupas femininas. Quando entramos e andamos em direção ao caixa, alguns clientes nos lançaram olhares curiosos, provavelmente por causa de nossa aparência.

Ou porque nunca tinham visto alguém tão grande quanto Tank.

No caixa, estava uma mulher de cinquenta e poucos anos, com pele escura e cabelos pretos crespos na altura dos ombros. Quando nos viu, ela imediatamente ficou inquieta. Afinal de contas, a camisa branca de Tank ainda estava manchada com o sangue de Alex.

— Houve uma emergência — disse Tank. — Precisamos usar o seu telefone para chamar a polícia. Podemos?

— Você terá que perguntar à gerente — disse a mulher. — Mas ela saiu.

— Isto tornaria as coisas mais fáceis para você? — Ele tirou a carteira do bolso, puxou uma nota de cem dólares e entregou-a a ela. — Como eu disse, é urgente. Precisamos dar dois telefonemas. E precisamos de privacidade.

Ela pegou o dinheiro, guardou-o no bolso da calça e rapidamente avaliou-nos. — Do que se trata?

— Nosso avião caiu no Atol Bokak.

Ela arregalou os olhos.

— Estivemos lá por quase duas semanas. E depois fomos sequestrados. Hoje, conseguimos fugir, mas há outros naquela ilha que agora estão em perigo. Precisamos de sua ajuda. Por favor. Podemos usar o seu telefone?

— São vocês que eles estão procurando — disse ela surpresa. — Reconheci o seu rosto agora, está em todos os noticiários. As pessoas estão dizendo que estão mortos. Estão tentando recuperar os corpos no momento.

— Há quanto tempo estão nos procurando? — perguntei.

— Há apenas alguns dias, a caixa preta do avião começou a emitir um sinal. Estão procurando em volta daquelas ilhas desde então.

— Se pudermos usar o seu telefone, ficaremos muito gratos — disse Tank. — O tempo está contra nós. Se você tiver o número da polícia local, ajudaria muito.

— É claro que tenho o número deles — respondeu a mulher. — E tome, pegue seu dinheiro de volta. Eu não sabia que era isso. Podem usar o telefone no

escritório da gerente. Sigam-me.

* * *

O escritório ficava nos fundos da loja e, ao entrarmos, a mulher foi para trás da única mesa, pegou o telefone, discou um número e entregou-o a Tank.

— É a polícia — disse ela. — Diga a eles que vocês estão na Butique Unique.

Tank pegou o telefone da mão dela e, quando alguém atendeu, eu ouvi. No fundo do coração, eu estava com medo de que Alex já tivesse sido levado para longe de nós.

— Aqui é Mitch McCollister — disse Tank, dando à polícia seu nome verdadeiro. — Eu estava em um avião com Alexander Wenn e a esposa dele, Jennifer Wenn, quando ele caiu no Atol Bokak. Imagino que tenham ouvido falar do acidente. Sim? Isso mesmo, caímos lá. Não, cinco de nós morreram na queda, mas Alexander Wenn, Jennifer, eu e outros sobrevivemos. No momento, estou em Majuro, na Butique Unique. Sabe onde é? Ótimo. Preciso que façam uma coisa imediatamente. Alexander Wenn foi levado ao Banco de Guam, na interseção da Principal com a Kitco. Quatro homens armados estão com ele. Planejam matá-lo depois que ele transferir cinquenta milhões de dólares para a conta deles no exterior. Preciso que enviem policiais à paisana para o banco e prendam os homens antes que saiam. Se já tiverem saído, provavelmente estão indo para o barco deles agora. Antes que partam, vocês precisam bloquear todos os portos e as marinas imediatamente. Ninguém pode sair, ninguém pode entrar. Telefonarei para as autoridades norte-americanas em seguida para informá-las da situação. Entendeu? Ótimo. Agora, apresse-se.

Quando ele desligou o telefone, perguntou à mulher se poderia dar outro telefonema.

— É claro que sim.

— Vou telefonar para Ann — disse ele para mim ao digitar o número dela.

— Para liberar o dinheiro, Alex teria que telefonar para ela, que poderá lhe dizer há quanto tempo isso aconteceu.

— Exatamente. E ela poderá informar às autoridades que estamos vivos, mas em perigo. E que precisam enviar um helicóptero de resgate imediatamente para Bokak. Se tivermos sorte, Cutter ainda está vivo. Eles terão os equipamentos médicos adequados no helicóptero para tratar a infecção dele até levá-lo a um hospital.

Ele ergueu a mão. — Ann — disse ele. — É Tank. Sim, estamos vivos. Você

falou com Alex? Quando? — Ele olhou surpreso para mim. — Agora mesmo? Tem certeza? Nesse caso, ainda devem estar no banco esperando o final da transferência antes de saírem. Preciso que suspensa a transferência agora. Imediatamente. Avise às autoridades que caímos no Atol Bokak. Blackwell, as garotas e Lisa ainda estão lá. Jennifer, Alex e eu estamos em Majuro. Cutter tem uma infecção grave na perna e está morrendo. Eles precisam enviar um helicóptero de resgate imediatamente para Bokak se quisermos salvá-lo. Falarei com você em breve.

Ele desligou o telefone.

— Ela vai conseguir suspender a transferência? — perguntei.

— Vai tentar. — Ele se virou para a mulher. — O banco... você sabe onde é?

— Você está praticamente do lado dele — respondeu ela. — É logo adiante.

— Do lado dele? — perguntou Tank.

— Fica a uns oito prédios daqui. À direita, no fim do quarteirão. Você o verá na esquina. Quem sabe quanto tempo levará para que a polícia chegue lá? Você é um cara grande. Se quer ter certeza de que aqueles homens não partam, poderá esperar do lado de fora em menos de um minuto.

CAPÍTULO 27

— Precisamos ir — disse eu a Tank. — Precisamos detê-los.

— Você tem que ficar aqui — disse ele. — Eu irei.

— Se você acha que não vou ajudar meu marido, está muito enganado.

— E como pretende ajudá-lo?

— Tenho uma arma, não tenho? Você também. Usarei a arma se for preciso.

— Vocês têm armas? — perguntou a mulher.

— Recebemos pistolas para nos proteger quando fomos trazidos para cá — respondeu Tank. — Sou ex-fuzileiro naval, senhora. Não precisa se preocupar.

— Acredito que preciso — disse ela com um traço de medo na voz. — Acredito que sei o que vai acontecer e não quero participação nenhuma.

Um momento antes, ela nos olhara com preocupação. Agora, como se pudéssemos prejudicá-la.

— Não gosto de armas — disse ela. — E, por causa disso, devo pedir aos dois que saiam agora. Deixei que usassem o telefone. Disse onde ficava o banco. Agora, estou pedindo para irem embora. Não quero nenhum problema aqui.

— Não queríamos deixar você chateada — disse eu. — Na verdade, quero agradecer por ter nos ajudado.

— Vou fechar a loja — disse a mulher, acenando para que saíssemos do escritório. Quando entramos na área da loja propriamente dita, vi duas mulheres olhando algumas roupas. — Lamento pelo que aconteceu com vocês, mas isso não terminará bem. Não quando há armas envolvidas. Nunca termina bem. A porta fica logo ali. Boa sorte, mas não voltem.

Ao andarmos na direção da porta, ouvimos a voz da mulher atrás de nós: — Senhoras, lamento, mas preciso fechar a loja — disse ela. — Houve uma emergência e preciso ir para o hospital. Peço desculpas. Se voltarem amanhã, eu lhes darei um desconto de vinte por cento para compensar a inconveniência.

A porta estava prestes a se fechar atrás de nós quando ouvi uma das clientes dizer: — Se você vai nos expulsar daqui, ficarei mais feliz com um desconto de vinte e cinco por cento.

— Você precisa voltar à lagoa — disse Tank. — Talvez Steven esteja esperando você. Preciso que me escute bem. Meu trabalho não é só proteger Alex... é também proteger você.

— Tudo o que tenho neste mundo está naquele banco — respondi. — Entende isso? Você tem alguma ideia do que aquele homem significa para mim? Há uma chance de que eu tenha perdido nosso filho, mas certamente não vou perder meu marido. Pretendo lutar por ele, como você lutaria por Lisa se estivesse no meu lugar. Vamos terminar isso juntos. Portanto, sugiro prepararmos um plano e seguir em frente.

— Você não tem o meu treinamento.

— Poucos têm, Tank, mas não sou inútil. E, quanto mais tempo ficarmos aqui discutindo na calçada, mais tempo aqueles homens terão para tirar Alex de mim. Estamos perdendo tempo. Não vou a lugar nenhum. Se eu tiver a oportunidade, pretendo matar aquele filho da puta do Wes por tudo o que ele nos fez passar. Ele merece morrer.

— Você tem que pensar de forma racional.

— Quem disse que não estou?

— A não ser que sua vida esteja em risco, você não vai apertar o gatilho, Jennifer — disse ele.

Mas, quando começamos a andar na direção do banco, eu não disse que não apertaria.

* * *

— Escute bem — disse Tank ao ficar ao meu lado. — Você precisa se acalmar. Tem que pensar de forma clara.

— Quem disse que não estou?

— Eu disse. Você está furiosa. E, nessas situações, não pode se sentir assim. Tudo precisa ser calculado.

— Então faça um resumo para mim.

— O banco fica ali — disse ele, apontando à frente. — Está vendo? Bem na esquina. Não estou vendo sinais deles na rua, portanto, provavelmente ainda estão lá dentro. Nossa melhor opção é a surpresa. Eles não matarão Alex dentro do banco. Não tentarão nada porque querem sair com o dinheiro. Nossa melhor opção é encontrar um lugar para nos esconder. Assim, nós os veremos saindo do banco sem que eles nos vejam. Depois, agiremos.

— E como pretende fazer isso?

— Vou abordá-los. Quando saírem do banco, não estarão empunhando as armas. Nunca subestime o poder de uma emboscada. Só o que preciso fazer é atirar na perna de um deles, apontar a arma diretamente para Wes e o restante dos filhos terão que deitar no chão, de bruços, para evitar que o pai morra. Se não deitarem, atirarei em outro deles. Se alguém tentar pegar a arma, atirarei em todos eles. E atirarei para matar, para garantir que Alex esteja seguro.

— Se você atirar na perna de um deles, o que impedirá que peguem a arma e atirem em você? Você sabe quanta munição tem na arma que lhe deram?

— Eles nos deram uma Glock 23.

— Como sabe disso?

Em vez de responder, ele simplesmente me encarou.

— Está bem. Quantas rodadas?

— Nove.

— É muito pouco.

— Eu nunca erro, Jennifer.

— Estamos rodeados de civis. Há mulheres e crianças aqui. E se alguém ficar no caminho?

— Nesse caso, vou lidar com a situação.

— Lamento, Tank. Tenho coisas demais em risco aqui. Confio em você, mas também confio em mim mesma. Você precisa da minha ajuda.

— Estou dizendo que não.

— E estou dizendo que talvez precise. No mínimo, posso proteger você. Posso não ser tão treinada quanto você, mas sei como usar uma arma. Tive experiência suficiente.

— Não nesse tipo de situação.

Alex era minha principal preocupação. Discutir com Tank não levaria a lugar algum. Portanto decidi que eu faria o que quisesse, quando e se o momento se apresentasse. Olhei em volta. — Onde está a polícia? Por que ainda não chegaram?

— Pedi a eles que viessem à paisana. Considerando a situação, eles sabem que é o melhor. Se estavam de uniforme, o que é provável, tiveram que voltar à delegacia para trocar de roupa. Esta é uma ilha pequena com uma força policial limitada, não é Manhattan. Chegar aqui à paisana demorará um pouco.

— É um tempo que não temos.

— Você provavelmente tem razão. Mas eles ainda não estão aqui. Eu reconheceria um policial no mesmo instante se o visse. E não vi nenhum ainda.

— Aquela van lá na frente, é alta e larga. E se ficarmos parados atrás dela? É perto do banco. Podemos nos esconder enquanto vigiamos quem sai do banco... e quem entra nele.

— Boa ideia. Vamos.

Mas, no momento em que começamos a andar na direção da van, Alex saiu do banco, seguido de Wes e dos três filhos dele.

CAPÍTULO 28

Dizem que sempre chega um dia de julgamento, um momento em que problemas passados exigem retribuição. Aquele era o nosso.

E o jogo começou.

Antes que Tank conseguisse segurar meu braço e levar-me para a segurança prometida pela van, vi Alex se virar e reconhecer-nos. Os lábios dele se abriram em choque e ele pareceu dizer "Não..." quando percebeu que estávamos lá por sua causa.

Em seguida, os outros nos viram.

Naquele momento, o tempo pareceu parar. Meu coração começou a bater com força nos ouvidos. Senti uma onda de eletricidade me invadir. E, apesar de tudo o que aconteceu em seguida levar apenas alguns minutos, se tanto, minha mente processou a situação como se ela estivesse em câmera lenta.

Tank tirou a arma das costas, saltou à frente e mirou nos homens. No mesmo instante, os civis na calçada viram o que estava acontecendo e correram para a rua gritando.

— Deitem no chão, de bruços! — gritou Tank. — Agora, se não, vou atirar!

Peguei a minha arma, parei atrás de Tank e apontei diretamente para a testa de Wes, cujo rosto se deformara em uma raiva cheia de determinação. Com um movimento rápido da mão, ele se virou e bateu na têmpora de Alex, derrubando-o com força no chão.

Ouvi um disparo e levei um momento para perceber que fora Tank quem atirara primeiro. Um dos filhos de Wes caiu no chão com um grito de dor, mas os outros dois foram rápidos. Eles sacaram as armas. Wes fez o mesmo. Tank atirou de novo e vi outro homem cair no chão, mas não antes que atirassem em nós.

Os tiros erraram o alvo no caos que se formara em volta.

— Larguem as armas! — gritou Tank. — Agora. Se não vou matar você, Wes! Seus filhos estão escutando? É melhor que sim. Vou matar o pai de vocês. E depois matarei o restante de vocês. A escolha é sua!

Vi um dos filhos de Wes se sentar e tentar pegar a arma. Mas, antes que ele conseguisse, atirei instintivamente no rosto dele. Vi a cabeça dele explodir quando a bala bateu no crânio. Foi o suficiente para cobrir Wes com pedaços de cérebro do filho. Quando isso aconteceu, ele e o último filho de pé começaram a atirar em nós.

Tank se deitou no chão e começou a atirar de volta.

Encostei no prédio à minha direita e abri fogo, em uma tentativa de derrubar Wes. Balas passaram zunindo por nós. Vi Alex mover as pernas, derrubando o último filho de Wes que estava de pé. Ele caiu e bateu a cabeça com força no chão, mas era forte. Como se a vida dele dependesse disso, pois dependia, ele começou a lutar com Alex. Wes se escondeu atrás de um dos pilares do banco para se proteger.

— Atire em todos eles — instruiu Tank. — Mas atire com cuidado, você só tem quatro balas. Eles tiveram uma chance. Atire para matar.

Atirei em um dos filhos de Wes. Atirei no peito e um jato de sangue encheu o ar à volta dele em uma névoa vermelha mortal. Em seguida, mirei no homem que estava sobre Alex, trocando socos.

Mas Tank chegou primeiro.

Ele atirou e o homem subitamente recuou quando o sangue espirrou do pescoço dele. Por um momento, ele ficou parado em incredulidade antes de cair sobre Alex. Ele empurrou o homem morto para o lado e virou-se para Wes, que estava escondido atrás do pilar.

E eu soube.

No fundo do coração, eu soube o que aconteceria em seguida. Com Alex sem proteção nenhuma, Wes viraria a arma para ele para matá-lo em troca do que acabara de perder.

Sem querer deixar que isso acontecesse, o instinto falou mais alto. Avancei correndo, com a arma à frente, antes que Wes pudesse mirar em Alex.

Tank gritou para que eu parasse, mas não parei. Eu mataria aquele filho da puta antes que ele conseguisse matar o meu marido. Portanto, não parei, nem mesmo quando ouvi Tank correndo atrás de mim. Ele atirou no pilar para manter Wes escondido, criando uma nuvem de mármore à minha frente, mas não adiantou. Quando cheguei perto de Wes, ele saiu de trás do pilar com a arma apontada para mim. Rolei no chão antes que ele conseguisse atirar.

Os segundos se transformaram em milissegundos.

A arma dele disparou.

A minha arma disparou.

Com o barulho ensurdecido dos dois disparos, senti uma bala me atingir.

Caí com força na calçada. Enquanto estava deitada de costas, ouvi outro disparo. Ouvi Wes gritar, vi o céu começar a desaparecer e percebi Tank ao meu lado.

— Jennifer — disse ele. — Você está sangrando muito.

O mundo começou a girar e, apesar de eu tentar endireitá-lo, não consegui.

Só havia uma coisa de que eu precisava saber.

— Alex está vivo? — perguntei.

— Estou bem aqui — disse Alex. Ele parou atrás de mim e colocou-me no colo. — Estou aqui — disse ele de novo. — Ajude-a — disse ele a Tank. — Por favor!

Em uma névoa, vi Tank retirar a camisa que usara para enrolar em volta do pescoço de Alex depois da queda do avião. Então, era assim que tudo terminaria... com o sangue de Alex sobre o meu sangue.

Como deveria ser...

Apesar de sentir Tank mexendo em mim e ouvir meu marido dizer que me amava enquanto ele começava a chorar, percebi que eu começava a desfalecer.

Meu olhar encontrou o de Alex. Estendi a mão e coloquei-a sobre a barba dele. — Eu precisava fazer aquilo — disse eu. — Não podia deixar de ajudar você. Você está vivo agora. Alguns dirão que cometi um erro idiota, mas não é verdade. Você está vivo. Se eu perder a vida para salvar a sua, posso morrer feliz.

— Precisamos de uma ambulância! — gritou Tank. — Alguém! Por favor! Chamem uma ambulância!

— Estanque o sangue, Tank! — disse Alex.

— Estou fazendo o possível.

— Você tem que me ouvir — disse eu para Alex. — Se eu morrer, você precisa encontrar alguém. Você precisa encontrar o amor de novo. Um amor melhor do que o nosso. É possível. Por favor, diga-me que fará isso.

— Não vou — respondeu ele. — Ninguém pode substituir você. Além do mais, você não vai a lugar algum.

— Aí é que está — disse eu. — Já estive aqui antes... logo depois do acidente. Lembro dessa sensação, só que, desta vez, é pior.

— Não me deixe — disse ele.

Minha voz não passou de um sussurro ao responder: — Estou tentando.

— Prometa que não me deixará. Passamos por muita coisa juntos, Jennifer. O que aconteceu aqui não pode ser o nosso fim.

— Faça o que pedi, por favor — disse eu.

— Você vai sair dessa!

— Talvez. Mas minha consciência está indo embora. Se eu não sobreviver, você precisa prometer que, quando estiver pronto, encontrará outra mulher. Que se casará com ela e terá o filho que fracassei e não consegui lhe dar.

— Você não fracassou — disse ele com a voz cheia de emoção.

— Nós dois sabemos que fracassei. Cuide de Cutter. Tire os outros de lá. Diga a todos que eu os amo. Dê um beijo e um abraço em Lisa e Barbara por mim. Não quero ir embora ainda. Faça o possível para me manter aqui.

— Faremos. Estamos fazendo. Você não pode ir. Por favor, não vá.

Mas eu senti que estava indo embora. Eu não sabia onde fora atingida, mas fora grave o suficiente para deixar tudo à minha volta loucamente iridescente... quase alucinógeno. Senti Tank colocar a camisa em algum lugar na parte de cima do meu corpo. Pensei em Lisa e Blackwell, minhas melhores amigas, e na vida louca que tivera até agora. Olhei para Alex. Ele estava chorando. As lágrimas corriam pelo rosto dele e desapareciam na barba. Senti que ele me segurava, senti seu amor envolvendo-me. Eu disse novamente que o amava logo antes de perder o controle do corpo e desfalecer em seus braços.

#

Obrigada por ler a continuação da história de Alex e Jennifer! Espero que tenha gostado!

ACABE COMIGO, Vol. 8, que encerra esta série *Acabe Comigo*, [está disponível aqui na Amazon](#)! Ah, o que mais tenho para você!

LIVROS DE CHRISTINA ROSS:

[CHANCE](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 1](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 2](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 3](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 4](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 5](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 1](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 2](#)

[LIBERTE-ME, LIVRO 3](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 6](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 7](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 8](#)

Mal pode esperar pelo meu próximo livro ardente? É fácil! Basta me encontrar no Facebook [aqui](#) e, especialmente, participar da minha lista de e-mail [aqui](#). NUNCA envio lixo eletrônico e, assim, você nunca perderá outro livro nem a oportunidade de receber um convite para revisão antes que o livro seja publicado.

Adoro quando meus fãs entram em contato comigo! Escreva para <mailto:christinarossauthor@gmail.com>. Espero ter notícias suas em breve!

Se quiser deixar uma avaliação deste ou de qualquer outro dos meus livros, eu agradeço. Avaliações são essenciais para todos os escritores. Nem que seja uma avaliação breve. Obrigada!

XO,
Christina